

ESCREVENDO COMO RICHARD BACHMAN

STEPHEN KING

O CONCORRENTE



Atrás deles, Laughlin estava sendo retalhado por Bobby Thompson para satisfação da platéia.

Desceram um corredor branco, seus passos soando ocos — os únicos ali. Inteiram ente sozinhos. Um elevador no fim da passagem .

— É aqui que nós nos despedim os — disse Killian. — Expresso até a rua. Nove segundos.

Ofereceu a mão pela quarta vez e novam ente Richards recusou-se a apertá-la. Ainda assim , ele ficou ali por mais um momento.

— E se eu subir? — perguntou ele e gesticulou com a cabeça para o teto e os 80 andares acima. — Quem eu poderia matar lá em cima? Quem , se eu pudesse subir até o alto?

Killian riu baixinho e apertou o botão ao lado do elevador, cujas portas se abriram imediatamente.

— É isso o que gosto em você, Richards. Você pensa grande.

Entrou no elevador. As portas deslizaram uma para a outra.

— Esconda-se — repetiu Killian e logo em seguida ele ficou sozinho.

O fundo caiu de seu estômago quando o elevador mergulhou na direção da rua.

...Menos 079

e CONTANDO...

O ELEVADOR ABRIU EXATAMENTE NA RUA. Viu um policial em frente, de serviço no Nixon Memorial Park, mas ele não olhou

quando Richards saiu.

Apenas bateu de leve, pensativamente, no chicote elétrico e olhou para a garoa fina que enchia o ar. A chuva fina trouxera um lusco-fusco prematuro para a cidade. Luzes brilhavam distintamente na escuridão e as pessoas que andavam pela Ram part Street à sombra do Edifício dos Jogos eram apenas silhuetas imateriais, com o sabido que ele mesmo devia ser. Tomou uma respiração funda de ar úmido e contanto por enxofre. Bom, apesar do gosto. Teve a impressão de que acabara de ser libertado de uma prisão, em vez de um vaso com unicante com outro. O ar era bom. O ar era ótimo.

Fique perto de sua própria gente, dissera Killian. Claro que ele tinha razão. Mas não precisara dele para lhe dizer isso. Ou para saber que a pressão seria a maior na Co-Op City quando a trégua fosse suspensa ao meio-dia da manhã seguinte. Mas por essa hora já estaria muito longe.

Andou três quadras e chamou um táxi. Tinha a esperança de que estivesse pifado a Free-Vee do táxi — um bocado delas estava mesmo — mas aquela estava em ordem de funcionamento A-1 e mostrando os créditos finais do programa *O Sobrevivente*. Merda.

— Para onde, moço?

— Robert Street.

Essa rua ficava a cinco quadras de seu destino. Quando o táxi o deixasse, iria via expressa pelos quintais para a casa de Molie.

O táxi acelerou, o motor antigo a gasolina parecendo uma sinfonia desafinada de pistões e ruído de eixos de manivelas. Afundou-se no forro de vinil no que esperava fosse uma sombra mais escura.

— Hei, acabo de vê-lo na Free-Vee — exclamou o motorista. — Você é aquele cara, Pritchard!

— Pritchard. Isso mesmo — respondeu resignado Richards.

O Edifício dos Jogos ia desaparecendo atrás do carro. Uma sombra psicológica parecia estar também diminuindo proporcionalmente em sua mente, apesar da má sorte com o motorista.

— Jesus, você tem colhões, meu amigo. Isso eu digo com convicção. Tem, mesmo. Cristo, vão atrás dele. Sabe disso? Vão atrás dele bem atado. Você deve ter realmente aqueles ovos.

— Exatamente. Dois deles. Exatamente igual a você.

— Dois deles! — repetiu o motorista. Ficou extático. — Jesus, isso é bom! Isso é quente! Você se importa se eu disser à minha mulher que lhe dei uma corrida? Ela é doida varrida pelos Jogos. Eu devia comunicar que vi você, mas, Cristo, não ia ganhar nada com isso. Motoristas de táxi têm que ter pelo menos um testemunho que confirme o que dizem, sabia? Conhecendo minha sorte, ninguém viu você entrar no meu táxi.

— Isso seria uma pena — simpatizou Richards. — Sinto muito não poder ajudá-lo a me encontrar. Quer que deixe um bilhete dizendo que estive aqui?

— Jesus, você podia...? Isso seria... Havia justamente cruzado o Canal.

— Eu salto aqui — disse brusco Richards.

Tirou um dólar novo do envelope que Thompson lhe entregara e deixou-o cair no assento dianteiro.

— Pô, eu não disse nada, disse? Não tive intenção...

— Não — concordou Richards.

— Você podia me dar aquele bilhete...

— Foda-se, verme.

Saltou e com eçou a andar na direção da Drummond Street. Cop City erguia-se esquelética na escuridão cada vez mais aior à sua volta. O grito do motorista chegou-lhe aos ouvidos:

— *Tomara que o matem logo, seu cabra ordinário.*

...Menos 078

e CONTANDO...

ATRAVÉS DE UM QUINTAL, de um lado a outro de um buraco de forma irregular numa cerca que separava um estéril deserto de asfalto de outro, cruzando um abandonado e fantasmagórico canteiro de obras, escondendo-se bem no fundo das sombras quando uma quadrilha de motoqueiros rugiu por ali em cima de suas máquinas, os faróis brilhando na noite com os olhos psicopáticos de lobisomens. Transpondo a cerca final (e cortando a muralha) e logo depois batendo à porta dos fundos de Molie Jenigan — o que significava a entrada principal.

Molie tinha uma loja de penhores na Dock Street onde um cara com dinheiro suficiente para gastar podia comprar um chicote elétrico especial da polícia, uma escopeta de grosso calibre, uma submetralhadora, heroína, anfetamina, cocaína, disfarces, um pseudomulher em *styroflex*, uma prostituta de carne e osso se o dinheiro não desse para uma *styroflex*, o endereço atual de um dos três jogos de dados em atividade, o endereço atual de um Clube de Pervertidos em funcionamento, ou centenas de outros itens ilegais. Se Molie não tinha o que o cara queria, ela encomendava.

Incluindo documentos falsos.

Quando abriu a janelinha e viu quem estava ali, Molie teve um sorriso bondoso e disse:

— Por que não vai em bora, m eu chapa? Não vi você nem de longe.

— Novos dólares — respondeu Richards, com o se falando com o próprio ar.

Houve um a pausa, enquanto Richards examinava o punho da camisa com o se nunca o tivesse visto antes.

Logo em seguida ferrolhos e fechaduras foram abertos, rapidamente, com o se Molie tivesse medo que Richards mudasse de idéia. Ele entrou. Estava na casa de Molie, que ficava atrás da loja, um ninho de ratos de velhos aparelhos de televisão, instrumentos musicais roubados, câmeras surrupiadas, e caixas de gêneros vendidos no mercado negro. Molie era, por necessidade, um a espécie de Robin Hood. Um dono de casa de penhores ao sul do Canal não ficava no negócio por muito tempo se fosse ganancioso demais. Molie esfolava tanto quanto podia os ricos vermes da zona norte e vendia quase ao custo nas vizinhanças — às vezes abaixo do custo se algum amigo estivesse num verdadeiro aperto. Por tudo isso, era excelente sua reputação em Co-op City, e soberba sua proteção. Se um tira perguntasse a um alcagüete da zona sul (e havia centenas deles) alguma coisa sobre Molie Jenigan, saberia que Molie era um a velha ligeiramente senil que aceitava um a pequena propina e vendia um pouco de coisas do mercado-negro.

Um bom número de bacanas da zona norte com estranhas tendências sexuais poderia ter contado à polícia um a história muito diferente, mas não havia mais batidas policiais contra a prostituição. Todo mundo sabia que a prostituição era ruim para qualquer autêntico clima revolucionário. O fato de Molie explorar

tam bém um negócio m oderadam ente lucrativo de docum entos falsos, apenas para clientes locais, era desconhecido na zona norte. Ainda assim , Richards sabia que preparar docum entos falsos para um cara tão perigoso com o ele seria extrem am ente perigoso.

— Que docum entos? — perguntou Molie, exalando um profundo suspiro e ligando um velho abaj ur extensível que inundou sua escrivaninha com um a forte luz branca. Ela era um a velha, aproxim ando-se dos 75, e ao brilho forte da luz seus cabelos pareciam prata torcida.

— Carteira de habilitação de m otorista. Certificado de Serviço Militar.

Identidade de Rua de Residência. Cartão de carga axial. Cartão da Previdência Social. Fácil. Um trabalho de sessenta dólares para qualquer um , m enos para você, Bennie.

— Você arranja isso para m im ?

— Por sua m ulher, faço. Por você, não. Não boto m inha cabeça no laço por um sacana doido com o Bennie Richards.

— Quanto tem po, Molie?

Os olhos de Molie relam pej aram sardonicam ente.

— Conhecendo sua situação com o conheço, vou m e apressar. Um a hora para cada um .

— Cristo, cinco horas... Posso ir...

— Não, não pode. Você está pirado, Bennie? Um tira foi até seu Proj eto Residencial na sem ana passada. Levava um envelope para sua m ulher. Chegou num cam burão preto com seis colegas. Flapper Donnigan estava na esquina vendendo pó com Gerry

Hanrahan quando eles chegaram . Flapper me conta tudo. O garoto é mesmo um débil mental, sabia?

— Eu sei que Flapper é — respondeu impaciente Richards. — Eu mesmo andei dinheiro. Ela o...

— Quem sabe? Quem viu? — Mollie encolheu os ombros e virou os

olhos para cima enquanto punha caneta e formulários brancos no centro de luz formado pelo abajur. — Eles estão formados em fileira por quatro em volta de seu prédio, Bennie. Quem quer que fosse lá levar um recado acabaria num porão, conversando com um bocado de cassetetes de borracha. Nem mesmo os bons amigos têm que suportar isso. Tem algum nome e que queira nestes documentos?

— Não importa, desde que seja um nome inglês. Jesus, Mollie, ela deve ter saído de casa para fazer compras de alimentos.

— Ela mandou o filho de Budgie Sanchez. Qual é o nome dele?

— Walt.

— Sim, isso mesmo. Não posso mais guardar essas drogas de nomes.

Estou ficando senil, Bennie. Acabando mesmo eu tempo. — Olhou subitamente para Richards. — Mas me lembro do tempo em que Mick Jagger era um grande nome. Você nem mesmo sabe quem foi ele, sabe?

— Sei quem foi ele — respondeu abatido Richards.

Virou-se para a janela de Mollie, que ficava no nível da calçada, sentindo medo. A coisa era pior do que pensava. Sheila e Cathy estavam também numa gaiola. Pelo menos até que...

— Elas estão bem , Bennie — disse suavemente Molie. —

Sim, please, fique longe delas. Neste momento, você é veneno para elas. Pode entender isso?

— Posso — respondeu.

Foi subitamente dominado pelo desespero, negro e terrível. *Estou com saudade de casa*, pensou, espantado, mas era mais do que isso, era pior. Tudo parecia desfocado, irreal, o próprio tecido da existência forçando as costuras, rostos, rodopiando: Laughlin, Burns, Killian, Jansky, Molie, Cathy, Sheila...

Tremendo, olhou para a escuridão. Molie começara a trabalhar, cantando alguma velha canção do passado vazio, alguma coisa que tinha os olhos de Bette Davis, o que diabos era *isso*?

— Ele era baterista — disse de repente. — Naquele grupo inglês, os Beatles. Mick McCartney.

— Ah, vocês garotos — disse Molie, encurvada sobre o trabalho. —

Isso é tudo que vocês garotos sabem .

...Menos 077

e CONTANDO...

DEIXOU A CASA DE MOLIE dez minutos após a meia-noite e mais pobre em duzentos novos dólares. A penhorista lhe vendera também um disfarce, limitado mas muito eficaz: cabelos grisalhos, óculos, recheio para a boca, dentes acavalados plásticos que transfiguraram sutilmente a linha de seus lábios.

— Manque um pouco, também — aconselhou Molie. — Não uma coisa que chame muita atenção. Apenas um pouco. Lembrando-se,

— Você tem o poder de tornar a mente do homem em seu uso. Lembra-se dessas palavras, não?

Richards não se lembra.

Segundo os novos cartões que levava na carteira, ele era John Griffen Springer, vendedor de fitas-texto em Harding. Era viúvo, de 43 anos de idade.

Nenhum *status* técnico, mas isso era bom. Técnicos usam um jargão peculiar, próprio.

Reem ergiu da Robard Street às 12:30h, uma boa hora para meter, ser assaltado ou morto, mas péssima para prender uma fuga discreta. Ainda assim, vivera ao sul do Canal durante toda a vida.

Cruzou-a a três quilômetros mais a oeste, quase na beira do lago. Viu

um grupo de bêbados reunidos em torno de uma fogueira furtiva, vários ratos, mas nenhum policial. À 1:15h da manhã estava cruzando a borda distante da terra de ninguém de armazéns, restaurantes baratos e escritórios de companhias de navegação no lado norte do Canal. À 1:30h estava no meio de um número suficientemente grande de gente da zona norte, circulando de um antro de pecado para outro, para poder em segurança andar parar um táxi.

Dessa vez o motorista não lhe deu um segundo olhar.

— Jatoporto — disse.

— É comigo mesmo o que se fala, cara.

Os sem puxos a arremurraram-no para o tráfego. À 1:50h chegaram ao aeroporto. Passou coxeando ligeiramente por vários

policiais e guardas de segurança, que não lhe deram a mínima atenção. Com prou um a passagem para Nova York porque foi o nome e que naturalmente lhe ocorreu. A verificação de identidade foi rotineira e sem problemas. Às 2:20h estava na ponte aérea para Nova York. Havia no aparelho uns quarenta passageiros, a maioria de homens de negócios que dormiam e estudantes. O guarda que ocupava a cabine de segurança dormiu durante toda a viagem. Após algum tempo, ele cochilou.

O avião aterrou às 3:06h. Desceu e deixou o aeroporto sem incidentes.

Às 3:15h o táxi descia em espirais a Lindsay Overway. Cruzaram o Central Park em diagonal e, às 3:20h, ele desapareceu na maior cidade existente na face da Terra.

...Menos 076

e CONTANDO...

VOLTOU À TERRA NO BRANT HOTEL, um estabelecimento mais ou menos no East Side. Essa parte da cidade vinha entrando gradualmente em um novo ciclo de elegância. Ainda assim, o Brant ficava a menos de quilômetro e meio do centro arruinado e empestado de crimes de Manhattan — e que era também o maior do mundo. Ao registrar-se, lembrou-se outra vez das palavras de despedida de Dan Killian. *Fique perto de sua própria gente.*

Após saltar do táxi, fora a pé até Times Square, não querendo registrar-se num hotel durante a madrugada. Passara as cinco horas e meia, de 3:30h às 9h num programa de noite inteira de perversões sexuais. Queria desesperadamente dormir mas nas duas vezes em que cochilava foi acordado bruscamente por dedos leves subindo por dentro de sua coxa.

— Quanto tempo vai ficar aqui, senhor? — perguntou o recepcionista do hotel, olhando para seu registro com o John G. Springer.

— Não sei — respondeu, tentando o máximo da afabilidade cordial. —

Tudo depende dos clientes, o senhor sabe.

Pagou sessenta novos dólares por dois dias e tomou o elevador para o 23º andar. Do quarto tinha uma vista sombria do esquálido East River. E chovia também em Nova York.

O quarto era limpo e despojado. Havia um banheiro contíguo e o vaso produzia ruídos constantes e sinistros, que não conseguiu consertar mesmo depois de mexer na bóia do tanque.

Pediu o desayuno no quarto — ovos escaldados com torrada, suco de laranja e café. Quando o garoto apareceu com a bandeja, deu-lhe uma gorjeta pequena mas perdoável.

Resolvida a questão do desayuno, pegou a câmera de videotape e examinou-a. Uma pequena placa de metal com o título INSTRUÇÕES fora pregada justamente em baixo do visor. Leu:

1. Enfiar o cartucho de tape na ranhura

marcada A até que ouça o estalido

indicando que se encaixou.

2. Ajuste o visor através da retícula em

seu interior.

3. Aperte o botão marcado B para gravar

som e vídeo.

4. Quando a câmera painha soar, o cartucho

sai automaticamente.

Tem tempo de gravação: 10 minutos.

Bom, pensou. Eles podem me ver dormindo.

Colocou a câmera no *bureau*, junto à Bíblia Gedeão, e ajustou a retícula para a câmera. A parede atrás era vazia e com um . Não viu com o alguém poderia descobrir sua localização baseando-se na câmera ou no fundo. O ruído da rua tornava a questão da altura negligível, mas, por precaução, deixaria o chuveiro aberto.

Mesmo tendo se preparado anteriormente, quase apertou o botão e entrou no campo de visão da câmera com o disfarce à vista. Parte dele podia ser removido, mas os cabelos grisalhos não. Cobriu a cabeça com a fronha do travesseiro. Apertou em seguida o botão e sentou-se na câmera de frente para a lente.

— Surpresa — disse ele em voz baixa à sua imensa plateia de espectadores e ouvintes que minutos tarde naquela mesma noite veriam aquela fita com horrorizado interesse. — Vocês não podem me ver, mas estou rindo de vocês, seus comedores de merda.

Deitou-se, fechou os olhos e fez um esforço para não pensar. Quando o clipe da fita saltou dez minutos depois, dormia a sono solto.

...Menos 075

e CONTANDO...

ACORDOU POUCO DEPOIS DAS 4H DA TARDE - a caça com eçara.

Com eçara há três horas, calculando-se a diferença de fuso horário. O

pensam ento provocou um calafrio pela espinha abaixo.

Introduziu um a nova fita na câm era, pegou a Bíblia Gedeão e leu os Dez Mandam entos repetidam ente durante dez m inutos, conservando a fronha do travesseiro sobre a cabeça.

Encontrou três envelopes na gaveta da m esa, m as com o nom e e endereço do hotel. Hesitou m as depois chegou à conclusão de que aquilo não fazia diferença.

Tinha que aceitar a palavra de Killian de que sua localização, revelada pelo carim bo do correio ou pelo endereço de resposta im presso, não seria revelada a McCone e a seus rafeiros pela Com issão de Jogos. Tinha que utilizar o serviço postal. Não lhe haviam fornecido pom bos-correio.

Havia um a caixa do correio j unto aos elevadores. Cheio de apreensões colocou os *clipes* na abertura que designava correspondência para fora da cidade. Em bora as autoridades postais não pudessem receber qualquer dinheiro dos Jogos por com unicar o paradeiro de participantes, ainda assim aquilo parecia um a coisa horrivelm ente arriscada de fazer. Mas a única outra coisa que podia

fazer era om itir-se, e tam pouco podia fazer isso.

Voltou ao quarto, fechou o chuveiro (o banheiro estava tão cheio de vapor com o um a floresta tropical) e deitou-se na cam a para pensar.

Com o fugir? O que era a m elhor coisa a fazer?

Tentou colocar-se no lugar do participante típico. O primeiro impulso, naturalmente, era puro instinto animal: enterre-se. Abra uma cova e cubra-se de areia.

E fora isso o que fizera. O Brant Hotel.

Os Caçadores esperariam isso? Esperariam. Não andariam absolutamente à procura de um homem que estivesse correndo. Procurariam um homem que se escondesse.

Poderiam encontrá-lo em seu buraco?

Queria responder que não, mas não podia. O disfarce era bom, mas as apressadamente produzido. Não havia muitas pessoas observadoras, mas sobravam algumas. Talvez já houvesse sido identificado. Pelo recepcionista. Pelo empregado que lhe trouxera o desajeitado. Talvez mesmo por um dos homens sem rosto que haviam estado no *show* de perversões na Forty-second Street.

Não era provável, mas possível.

E o que dizer de sua proteção verdadeira, o falso documento de identidade fornecido por Molie? Bom por quanto tempo? Bem, o motorista que o

apanhara no Edifício dos Jogos podia colocá-lo em South City. E os Caçadores eram assustadores, pavorosos, competentes. Estariam pressionando seriamente todo mundo que ele conhecia, de Jack Crager àquela puta Eileen Jenner que morava no fundo do corredor. Pressão forte. Quanto tempo passaria até que alguém, talvez aquele mole do Flapper Donnigan, deixasse escapar que Molie falsificava ocasionalmente documentos? E se encontrassem Molie, estava perdido. A penhorista resistiria o suficiente para agüentar um espancamento. Ela era bastante astuciosa para querer algumas marcas visíveis de batalha para exibir pela vizinhança. Para que não

ocorresse em sua casa um caso grave de com bustão espontânea um a dessas noites. E depois? Um a verificação sim ples nos três j atopos de Harding descobriria que John G.

Springer viajara à meia-noite para a Cidade dos Anormais.

Se descobrissem Molie.

Você supõe que sim. Tem que supor que sim.

Em seguida, fuga. Para onde?

Não sabia. Passara toda sua vida em Harding. No Meio-Oeste. Não conhecia a Costa Leste, não havia lugar para onde pudesse fugir e sentir-se em terreno conhecido. Assim, para onde? Onde?

A mente assacrada e infeliz resvalou para um devaneio mórbido.

Sem nenhum problema haviam descoberto Molie. Arrancaram-lhe o nome e Springer em cinco minutos, depois de lhe extraírem a frio duas unhas, encher-lhe o nariz de fluido de isqueiro e começar a acender um fósforo. Com um rápido telefonema conseguiriam o número do seu vôo (homens bonitões, de aparência com um, usando capas de gabardine de idêntico corte e marca) e chegaram a Nova York por volta de 2:30h tempo do leste. Pessoal auxiliar já conseguira o endereço do Brant em uma busca de telex na lista dos hotéis da Cidade de Nova York, que era tabulada por computador todos os dias. Estavam lá fora nesse instante, cercando o local. Carregadores, mensageiros, empregados burocráticos, garçons de bar haviam sido substituídos por Caçadores. Uma meia

dúzia subindo pela escada de incêndio. Outros cinquenta ocupando os três elevadores. Mais e mais chegando, carros parando por toda parte em volta do prédio. Nesse momento haviam chegado ao corredor e dentro de um momento a porta

seria derrubada e eles entrariam , um a gravadora de vídeo film ando entusiasticam ente m ontada num tripé rolante, acim a de seus om bros m usculosos, registrando tudo aquilo para a posteridade enquanto o transform avam em ham búrguer.

Sentou-se na cam a, suando. Nem m esm o possuía um a arm a, ainda não.

Corra. Rápido.

Boston serviria, para com eçar.

...Menos 074

e CONTANDO...

DEIXOU O QUARTO ÀS 5 DA TARDE e cruzou o saguão. O recepcionista sorriu-lhe cordialm ente, com toda probabilidade j á a espera de seu substituto no turno da noite.

— Boa tarde, sr.... ahn...

— Springer. — Retribuiu o sorriso. — Parece que tive sorte, hom em .

Três clientes que parecem ... receptivos. Vou ocupar aquele excelente apartam ento por m ais dois dias. Posso pagar antecipadam ente?

— Certam ente, senhor.

Dólares m udaram de m ão. Ainda sorridente, Richards voltou ao quarto.

Corredor vazio. Pendurou um aviso NÃO PERTURBE na m açaneta da porta e desceu rápido pela escada de incêndio.

A sorte ajudou-o e não encontrou ninguém . Desceu até o chão e escapuliu sem ser observado por um a entrada lateral.

A chuva parara, mas as nuvens ainda cobriam Manhattan. O ar tinha um cheiro de bateria rançosa. Andou rapidamente, abandonando a claudicação, até o terminal de ônibus elétrico. Um homem ainda podia comprar um bilhete ou uma passagem num Greyhound sem ter que dar o nome.

— Boston — disse ao barbudo vendedor de bilhete.

— Vinte e três dólares, meu amigo. O ônibus parte às 6:15h em ponto.

Entregou o dinheiro, reduzindo sua disponibilidade para menos de três mil novos dólares. Tinha uma hora de espera e o terminal estava congestionado de gente, muitos deles do Exército-Voluntário, boinas azuis e fisionomias vazias, juvenis e brutais. Comprou uma revista de perversões, sentou-se e colocou-a em frente ao rosto. Na hora seguinte olhou para a revista, virando ocasionalmente uma página para evitar parecer estátua.

Quando o ônibus chegou, foi arrastando os pés para as portas abertas, juntando-se com o resto de passageiros de aparência comum.

— Hei! Hei, você!

Olhou em volta. Um guarda de segurança aproximava-se, correndo.

Ficou imóvel, incapaz de levantar vôo. Uma parte distante de seu cérebro gritava-lhe que ele ia ser abatido ali mesmo, ali mesmo nesse terminal de merda, cheio de bolinhos de goma de mascar no chão e uma ou outra obscenidade pichada nas paredes sujas: ia ser o troféu de algum estúpido guarda!

— Peguem ! Peguem esse cara!

O guarda estava mudando de direção. Não era com ele, absolutamente.

Era com um garotão magro e sujo que nesse momento corria para as escadas, levando uma bolsa de senhora na mão e empurrando as pessoas ali para os lados como se fossem garrafas de madeira num jogo de boliche.

Ele e o perseguidor desapareceram, subindo a escada em três enormes saltos. O grupo de pessoas que embarcavam, desembarcavam e se despediam observaram-nos com vago interesse por um momento e em seguida retomaram os fios do que estavam fazendo, como se nada houvesse acontecido.

Richards permaneceu na fila, tremendo e sentindo frio.

Desmoronou numa poltrona quase no fim do carro e, minutos depois, o ônibus ronronou subindo suavemente a rampa, parou, e entrou no fluxo do tráfego. O tira e sua presa haviam desaparecido na multidão geral que constituía a humanidade.

Se eu tivesse uma arma, tê-lo-ia queimado ali mesmo, pensou. Cristo.

Oh, Cristo.

E depois dessas palavras sentiu: *Na próxima vez não vai ser um batedor de carteiras. Vai ser você.*

De qualquer maneira, arranjaria uma arma em Boston. De qualquer jeito.

Lembrou-se de Laughlin, dizendo que empurraria alguns de uma janela alta antes que o pegassem.

O ônibus rolou para o norte na escuridão cada vez maior.

...Menos 073

e CONTANDO...

A ASSOCIAÇÃO CRISTÃ DE MOÇOS de Boston localizava-se na alta Huntington Avenue. Imensa, em pretecida pelos anos, antiquada, parecendo um a caixa, ocupava o que fora um a das melhores áreas de Boston em meados do último século. Permanecia ali com o um culpado lem brete do que fora outro tempo, outro dia, seu ultrapassado letreiro de neon ainda piscando as letras na direção da pecaminosa zona dos teatros. Parecia o esqueleto de um a idéia assassinada.

No momento em que entrou no vestíbulo, o recepcionista discutia com um menino negro, pequenino, sujo e mal-amanhado, vestido com um camisa de equipe de bola assassina tão grande que lhe descia *pelo jeans* e chegava até o meio da canela. O motivo da disputa parecia ser um a máquina de venda de chicletes ao lado da porta.

— Perdi meus cinco centavos, cara. Perdi meus cinco centavos que precisava muito!

— Se não for em bora daqui, vou chamar o detetive da casa, garoto. Só isso. Enchi de falar com você!

— Mas aquela merda de máquina ficou com meus cinco!

— Deixe de falar palavrão, seu bostinha! — O recepcionista, que parecia ter uns velhos e frios trinta anos, estendeu a mão e agarrou a camisa.

Mas ela era grande demais para que pudesse sacudir o garoto ali dentro. —

Agora, caia fora. Estou com o saco cheio de falar.

Vendo que ele falava sério, a máscara quase com ica de ódio e desafio sob o penteado afro do garoto, transformou-se numa agoniada careta de incredulidade.

— Ouça, aquela era a única moeda de cinco centavos que eu tinha!

Aquela máquina de chiclete ficou com meu níquel! Aquela...

— Vou chamar o detetive da casa agora.

O recepcionista virou-se para a mesa telefônica. Seu paletó, um refugiado de algum balcão de trocas, bateu cansadamente em volta da bunda magra.

O menino deu um pontapé na máquina e correu dali em seguida, gritando.

— Vá tomar no cu, seu branco filho da puta!

O homem pregado seguiu-o com os olhos, o botão de segurança, real ou inventado, intocado. Sorriu para Richards, mostrando um velho teclado no qual faltavam algumas teclas.

A gente não pode mais conversar com crioulos. Se eu me andasse na Rede, botaria todos eles em gaiolas.

— Ele perdeu realmente cinco centavos? — perguntou Richards, assinando o livro com o John Deegan, de Michigan.

— Se perdeu, ele o roubou antes — retrucou o homem. — Oh, acho que perdeu. Mas se eu lhe devolvesse um níquel, antes do anoitecer eu teria aqui duzentos deles alegando a mesma coisa. Onde é que eles aprendem essa linguagem? Era isso o que eu queria saber. Será que os pais deles não se importam com o que fazem? Quanto tempo vai permanecer aqui, sr. Deegan?

— Não sei ainda. Estou aqui a negócios.

Tentou um sorriso aliciante e, quando conseguiu, am pliou-o. O recepcionista reconheceu-o im ediatam ente (talvez pelo seu próprio reflexo olhando de baixo para cim a para ele das profundidades do balcão de m árm ore falsificado, polido por m ilhões de cotovelos) e retribuiu-o.

— Serão \$15,50, sr. Deegan. — Em purrou pelo balcão um a chave presa a um a m urada lingüeta de m adeira. — Quarto 512.

— Obrigado.

Pagou em dinheiro. Mais um a vez, nada de pedido de identidade.

Graças a Deus pela A.C.M.

Dirigiu-se para os elevadores e pelo corredor olhou para a biblioteca circulante da instituição. Era m al ilum inada, com globos am arelos cobertos de m oscas. Um velho usando sobretudo e galochas exam inava um tratado, virando lenta e m etodicam ente as páginas com um dedo trêm ulo e salivado. Ali onde estava, j unto aos elevadores, podia ouvir o assovio entupido da respiração do hom em e sentiu um a m istura de pena e horror.

O elevador chegou com um baque e abriu com um a relutância ofegante as velhas portas. Quando entrou, ainda ouviu o recepcionista dizer

— É um a pena e um a vergonha. Eu botaria todos eles em gaiolas.

Ergueu a vista, pensando que o hom em se dirigia a ele, m as o recepcionista não olhava para coisa nenhum a.

O vestibulo estava muito vazio e muito silencioso.

...Menos 072

e CONTANDO...

O 5º ANDAR FEDIA A URINA.

O corredor era suficientemente estreito para fazê-lo sentir claustrofobia e o carpete, que poderia ter sido vermelho, estava no meio e nesse momento era constituído de alguns fios soltos. As portas eram de uma cor cinzenta industrial e várias delas exibiam marcas de chutes, socos e tentativas recentes de arrastamento. Tabuletas a cada 12 passos diziam : PROIBIDO FUMAR POR

ORDEM DO CORPO DE BOMBEIROS. Havia um banheiro coletivo no centro e o fedor de urina tornou-se subitamente mais forte. Aquele era um cheiro que automaticamente associava a desespero. Pessoas moviam-se inquietas atrás das portas cinzentas como se fossem animadas em jaulas — animadas terríveis e assustadores demais para serem vistos. Em voz de bêbado, alguém estava cantarolando repetidamente o que podiam ter sido velhas arias. Estranhos sons de coisas engolidas vinham de outra porta. Uma música caipira atrás de outra porta (“Não tenho grana pro telefone/E estou tão sozinho...”). Ruído de arrastamento de pés. O solitário chiado de rodas de cama que poderiam significar um homem dando trabalho à mão. Soluços. Risos. Grunhidos histéricos de uma discussão de bêbados. E por trás desses sons, silêncio. E silêncio. Um homem com um peito horrivelmente afundado passou por ele sem olhá-lo, levando um sabonete e uma toalha na mão, usando calça de pijama cinzenta amarrada com um cordão. Nos pés, chinelas de papel.

Abriu a porta do quarto e entrou. Encontrou uma tranca das recomendadas pela polícia no outro lado da porta e usou-a. Viu

um a cam a com lençóis quase brancos e um cobertor excedente do Exército. E tam bém um a

m esa à qual faltava a segunda gaveta. E um a im agem de Jesus na parede. E

tam bém um cano de m etal com dois cabides atravessados no ângulo reto form ado por duas paredes. E nada m ais, exceto a j anela, que dava para a escuridão. O relógio m arcava 10:15h da noite.

Pendurou a j aqueta, tirou os sapatos e deitou-se na cam a. Deu-se conta de com o, neste m undo, ele era sofredor, desconhecido, vulnerável. O universo com o que chiava, batia e roncava em tom o dele com o um enorm e e indiferente calham beque descendo um a ladeira a cam inho de um abism o insondável. Os lábios com eçaram a trem er e chorou um pouco.

Não gravou isso em fita. Ficou olhando para o teto, que era rachado em m ilhões de loucos rabiscos, com o a vitrificação de um m au oleiro. Nesse m om ento andavam à sua procura há m ais de oito horas. Ele j á ganhara oitocentos dólares de seu dinheiro de aposta. Cristo, e nem m esm o saíra ainda do buraco.

E nem m esm o conseguira ver-se na Free-Vee. Cristo, sim . Aquela fronha espetacular cobrindo-lhe a cabeça.

Onde estariam eles? Ainda em Harding? Nova York? A cam inho de Boston? Não, não poderiam estar vindo para ali, poderiam ? O ônibus não passara por nenhum a barreira policial na estrada. Deixara anonim am ente a m aior cidade do inundo e estava ali sob nom e suposto. Não podiam estar em seu encaço. De j eito nenhum .

A A.C.M. de Boston poderia ser lugar seguro durante uns dois dias.

Depois disso, poderia seguir para New Hampshire e Vermont, ou para o sul na direção de Hartford, Philadelphia ou mesmo a Atlanta. Mas a leste estendia-se o oceano e, do outro lado, a Grã-Bretanha e a Europa. Era uma ideia interessante, mas provavelmente fora de seu alcance. Passagem de avião exigia prova de identidade, a França estava sob lei marcial e conquanto viajar com o clandestino fosse possível, a descoberta de seu paradeiro implicaria fim rápido de tudo. O

Oeste estava fora de cogitação. Era ali onde o calor se tornava mais forte.

Se não pode agüentar o calor, saia da cozinha. Quem dissera isso? Molie saberia. Soltou uma risadinha e sentiu-se melhor.

O som desencarnado de um rádio chegou-lhe aos ouvidos.

Seria bom arranjar a arma logo, naquela noite, mas estava cansado demais. A viagem deixara-o esgotado. Ser um fugitivo cansava-o. E sabia, de uma maneira animal que era mais profunda do que a racional, que muito cedo poderia estar dormindo em um bueiro, no frio de outubro, ou em uma ravina cheia de matos e cinzas.

Arranjar a arma na noite seguinte.

Apagou a luz e deitou-se.

...Menos 071

e CONTANDO...

ERA NOVAMENTE HORA DE ESPETÁCULO

De pé, com as nádegas voltadas para o gravador de vídeo, ele cantarolava a música-tema de *O Sobrevivente*. Envolvera a

cabeça com um a fronha da A.C.M., virada pelo avesso, a fim de não aparecer o nome e estar pado nela.

A câm era inspirada-lhe um a espécie de humor criativo que nunca supusera possuir. A auto-imagem que sem pre tivera de si mesmo era de um homem muito amargo, com pouco ou nenhum humor em suas opiniões. A perspectiva de morte iminente acordara um homem solitário escondido nele.

Quanto ao *clipe*, resolveu economizar o segundo para a tarde.

O quarto isolado era monótono e talvez lhe ocorresse alguma outra coisa.

Vestiu-se sem pressa, foi até a janela e olhou para fora.

O tráfego de uma manhã de quinta-feira corria apressado para cima e para

baixo

da

Huntington

Avenue.

Pedestres

andando

lentamente

congestionavam as duas calçadas. Alguns exibiam anúncios de emprego. A maioria simplesmente andava. Viu um policial em cada esquina que dali divisava. Mentalmente, podia ouvi-los, dizendo: *Andem. Não têm nenhum lugar para ir? Mais ligeiro, vermes!*

De modo que o indivíduo ia até a esquina seguinte, que era exatamente igual à precedente, e novamente recebia ordem de prosseguir. A pessoa podia tentar enfurecer-se com aquilo, mas, na maior parte do tempo, os pés doíam demais.

Debateu consigo mesmo o risco de descer o corredor e tomar um banho de chuveiro. Finalmente, chegou à conclusão de que não haveria problema. Saiu com uma toalha em cima do ombro, não viu ninguém e dirigiu-se para o banheiro.

Misturavam-se ali essências de urina, vômito e fezes. Evidentemente, haviam sido arrancadas todas as portas das privadas. Em cima do mictório, alguém escrevera A REDE QUE SE FODA em letras de 30cm de altura. Parecia que o cara estivera furioso quando escrevera aquilo. Observou um monte de merda num dos mictórios. Alguém devia ter estado mesmo bebendo para fazer aquilo, pensou. Um casal indolente das piscinas de outono passeavam por cima da merda. Não ficou repugnado, a vista era com um pouco, mas, por razões práticas, ficou satisfeito por estar calçado.

O chuveiro estava também vazio. O chão em de porcelana rachada, as paredes de ladrilho esburacado, com grossas estrias de podridão perto da base.

Abriu o chuveiro entupido pela ferrugem, quente ao máximo, e esperou pacientemente durante cinco minutos até que a água correu, lívida, e depois banhou-se rapidamente. Usou um pedaço de sabão que encontrou no chão. A A.C.M. deixara de fornecê-lo ou a arrumadeira levava o seu.

De volta ao quarto, um homem de lábio leporino entregou-lhe um

volante.

Vestiu a camisa, sentou-se na cama e acendeu um cigarro. Estava com fome, mas esperaria até anoitecer antes de sair para comer alguma coisa.

Tédio levou-o novamente à janela. Identificou marcas diferentes de carros — Fords, Chevies, Wintos, VWs, Plymouths, Studebakers, Rambler-Supremes, contando pontos. Era um divertimento chato, mas melhor do que nenhum.

Na alta Huntington Avenue erguia-se a Northeastern University e, no outro lado da rua, bem em frente à A.C.M., viu uma livraria automatizada.

Enquanto contava observava estudantes entrando e saindo do prédio. Formavam um flagrante contraste com os indivíduos que liam os classificados à procura de emprego: usavam cabelos mais curtos e aparentemente todos vestiam jaquetasxadrezadas com capuz., .!i nesse ano era a última moda no *campus*. Entravam na loja para fazer suas compras com um ar de embaraçada superioridade e condescendência que deixou um sabor amargo de divertimento em sua boca. As vagas de estacionamento de cinco minutos em frente à livraria enchiam-se e esvaziavam-se de carros-esporte vistosos, freqüentemente de marcas estrangeiras. A maioria exibia decalques da faculdade na janela traseira: Northeastern, M.I.T., Boston College, Harvard. A maioria dos desempregados olhava para os carros-esporte como se eles fizessem parte da paisagem, mas alguns fitavam-nos com uma expressão de desejo, estúpida e infeliz.

Um Wint saiu da vaga bem em frente à livraria e foi substituído por um Ford que parou a uns dois centímetros da calçada quando seu motorista, um cara de cabelos cortados à escovinha, fumando um charuto de uns 30cm de comprimento, colocou-o em ponto morto e desligou. O carro inclinou-se um pouco quando o motorista, um tipo almorefadinha usando jaqueta marrom e branca de caçador, desceu e entrou na loja.

Richards suspirou. Contar carros era um jogo muito estúpido. Os Fords estavam à frente dos concorrentes mais próximos por um escore de 78 a 40. O

resultado ia ser tão previsível como a próxima eleição.

Alguém bateu à porta e ele endureceu-se com o um a barra de ferro.

— Frankie? Você está aí, Frankie?

Permaneceu calado. Paralisado de medo, bancou a estátua.

— Vá com a merda, Frankie, menino. — Seguiu-se um riso de ébrio e ele ouviu passadas afastando-se. Batidas na porta seguinte: — Frankie, você está aí?

A mão de Richards desceu lentamente da garganta.

O Ford ia deixando a vaga nesse momento, substituído por outro Ford.

Número 79. Merda.

O dia transformou-se em tarde e logo depois era 1h, soube pelos carrilhões de várias igrejas muito distantes. Ironicamente, o homem que lutava contra o relógio não possuía um que lhe dissesse as horas.

Nesse momento, experimentava uma variação do jogo de carros: os Fords valiam dois pontos, os Studebakers, três, os Wints, quatro. O primeiro a chegar a quinhentos ganha.

Talvez 15 minutos depois notou o jovem de jaqueta de caça marrom e branca encostado em um poste de iluminação livraria acima, lendo um cartaz sobre um concerto. Ele não estava sendo mandado circular; na verdade, a polícia parecia ignorá-lo.

Você está se assustando com sombras, verme. Logo em seguida vai vê-

las nas esquinas. Contou um Wint com pára-choque denteado. Um Ford am arelo.

Um velho Studebaker. Um VW — não adiantava, não estavam mais na moda.

Outro Wint. Um Studebaker.

Um homem que fumava um charuto de uns 30cm de comprimento parecia esperar, desinteressado de tudo, no ponto de ônibus na esquina. Era a única pessoa ali. E com boa razão. Vira os ônibus subirem e descerem a rua e sabia que não haveria outro ainda por 45 minutos.

Sentiu um ar de friagem entrar nos testículos.

Um velho usando um sobretudo preto puído desceu preguiçosamente o outro lado da rua e se encostou no prédio com o qual não quer nada.

Dois caras usando casacos axadrezados com capuz descenderam de um táxi, conversando animadamente e começaram a estudar o cardápio colado na vitrine do Stockholm Restaurant.

Um policial aproximou-se e conversou alguma coisa com o homem que estava no ponto do ônibus. Depois, afastou-se.

Com um medo botado e distante terror, notou que muitos dos vagabundos que liam o caderno de empregos estavam andando muito mais lentamente. Suas roupas e maneiras de andar pareciam-lhe estranhas e conhecidas, como se tivessem passado por ali muitas vezes antes e só então ele tomara conhecimento do fato — na mesma maneira experimental,

desagradável, com o reconhecerem os nos sonhos a voz dos mortos.

Havia mais policiais, também.

Estou sendo cercado, pensou. O pensamento despertou nele um pavor impotente de coelho caçado.

Não, corrigiu-o a mente. Você já foi cercado.

...Menos 070

e CONTANDO...

DIRIGIU-SE RÁPIDO PARA O BANHEIRO, calmo, ignorando o pavor, da mesma maneira que um homem numa alta plataforma ignora a queda. Se ia escapar daquilo, isso só aconteceria se conservasse a cabeça no lugar. Se entrasse em pânico, morreria rápido.

Alguém no banheiro cantava, em voz rachada e desafinada, uma canção popular. Ninguém nos mictórios ou às pias.

O m acete lhe ocorrera sem esforço enquanto estivera ali à janela, observando-os quando se reuniam à sua maneira descuidada, sinistra. Se não lhe tivesse ocorrido, achava que estaria ainda no mesmo lugar, com o Aladim, observando a fumaça que saía da lâmpada solidificar-se e transformar-se em um onipotente gênio. Havia usado o m acete no tempo de meninos para roubar jóias dos porões do Projeto Habitacional. Molie com prava-os a dois centavos a libra-peso.

Com um forte puxão tirou um dos suportes de escova de dentes, de arame. Estava um pouco enferrujado mas isso não teria importância. Dirigiu-se para o elevador, estirando e tomando reto o arame.

Apertou o botão de chamada e a gaiola levou um a lenta eternidade para descer do 89 andar. Vazia. Graças a Cristo, vazia.

Entrou, olhou por um momento para o corredor e virou-se para o painel de controle. Havia um a ranhura ao lado do botão marcado com o subsolo. O

zelador teria um cartão especial para enfiar ali. Um olho elétrico examinaria o cartão, o zelador apertaria o botão e desceria até o subsolo.

E se não funcionar? Esqueça isso. Esqueça isso agora.

Fazendo careta à espera de um possível choque elétrico, enfiou o cartão na ranhura e apertou simultaneamente o botão do subsolo.

Ouviu um som dentro do painel que lhe pareceu um curto palavrão elétrico e uma sensação leve, de formigamento, no braço. Por um momento, nada mais. Mas em seguida a grade pantográfica correu, as portas se fecharam e o elevador desceu de má vontade. Um pequeno tentáculo de fumaça azul evoluiu da ranhura no painel.

Afastou-se da porta do elevador e observou os números correrem para trás. Quando o 19 se iluminou, o motor no alto do prédio emitiu um som de coisa arranhando e pareceu que o carro ia parar. Após um momento (talvez depois de pensar que já a apavorara Richards o suficiente), o elevador voltou a descer. Vinte segundos depois as portas se abriram e ele saiu para o enorme e escuro subsolo.

Ouviu o som de água gotejando em algum lugar e das patas de ratos perturbados no que porventura estivessem fazendo. Mas, à parte isso, o porão era seu. Por ora.

...Menos 069

e CONTANDO...

CANOS ENORMES, ENFERRUJADOS, cobertos de teias de aranha espalhavam -se em arranjos loucos pelo teto. Quando a fôrnalha ligou automaticamente, quase gritou de pavor. O aumento de adrenalina nos membros e coração doeu e, por um momento, foi quase incapacitante.

Havia também jornais ali, notou. Milhares deles, empilhados e amarrados com barbante. Ratos, aos milhares, haviam construído ali seus ninhos.

Famílias inteiras olharam com desconfiados olhos de rubis para aquele intruso.

Com o eco afastar-se do elevador, ele parou e veio caminhando no racha do chão de cima. Viu uma grande caixa de fusíveis aferrolhada a um poste e, atrás do poste, encostadas na outra parede, um conjunto de ferramentas.

Pegou um pé-de-cabra e continuou a andar, mantendo os olhos no chão.

Perto da parede mais distante descobriu a tubulação principal de águas pluviais, à esquerda. Foi até ali, perguntando-se no fundo da mente se eles já sabiam que se encontrava ali em baixo.

A tubulação de drenagem era de aço, com respiradouro. Tinha uns 90cm de diâmetro e no lado mais distante ele descobriu uma reentrância para enfiar o pé-de-cabra. Introduziu-o, levantou a tampa e colocou um pé em cima do pé-de-cabra para sustentá-lo ali. Pôs as mãos sob a borda da tampa e

empurrou-a para cima. Ela caiu no chão com um estrondo metálico que fez os ratos guincharem de desalento.

A tubulação em baixo descia em um ângulo de 45° e calculou que a alma do cano não podia ter mais de 75cm . E muito escuro. A claustrofobia secou-lhe de repente a boca. O cano era estreito demais para manobrar ali dentro, quase pequeno demais para permitir que respirasse ali. Mas tinha que ser.

Desviou a tampa do poço de drenagem e puxou-a para a entrada justa o suficiente para poder pegá-la logo que estivesse ali dentro. Foi até a caixa de fusíveis, quebrou o cadeado com o pé-de-cabra e abriu-a. Ia com êxito a arrancar os fusíveis quando lhe ocorreu outra idéia.

Dirigiu-se às pilhas de jornais que se alinhavam em bancos amarelos sujos contra toda a parede leste do subsolo. Tirou do bolso a carteira amassada e dobrada nas pontas dos fósforos que estivera usando para acender os cigarros.

Havia ainda três ali. Puxou uma folha de jornal e transformou-a em tocha, colocou-a sob um braço e acendeu o fósforo. O primeiro apagou-se numa corrente de ar. O segundo caiu-lhe da mão trêmula e apagou com um chiado no concreto molhado.

O terceiro continuou aceso. Tocou com ele a tocha de papel e chamadas amarelas surgiram logo. Um rato, talvez desconfiado do que ia acontecer, passou por cima de seu pé e correu para a escuridão.

Embora tomado nesse momento por um terrível senso de urgência, esperou até que a chama da tocha chegasse a uns 30cm de altura. Não tinha mais fósforos. Com todo o cuidado, introduziu-a em uma abertura na parede de papel, que chegava à altura do peito e esperou até que se certificou de que o fogo estava se espalhando.

O enorme tanque de óleo que aquecia a A.C.M. era embutido numa parede contígua. Talvez explodisse. Pensou que explodiria.

Correndo nesse momento, voltou à caixa de fusíveis e com o pé a arrancá-los. Tirou a manivela antes de se apagarem as luzes do subsolo. Foi tentando até a tubulação de drenagem, ajudado pela luz cada vez mais forte dos jatos em chamas.

Sentou-se à beira da tubulação, com os pés pendentes para dentro e em seguida lentamente arriou-se para baixo. Quando a cabeça ficou abaixo do nível do chão, pressionou com os olhos os lados do cano para se manter firme e levantou os braços por cima da cabeça. Um trabalho lento. Era pouco o espaço para se mover. A luz do fogo era de um amarelo brilhante nesse momento e o som crepitante do incêndio encheu-lhe os ouvidos. Quando os dedos tateantes chegaram à borda da tubulação, empurrou-os deslizando para cima e agarrou a tampa perfurada. Lentamente, puxou-a para a frente, suportando mais e mais o peso com os músculos das costas e pescoço. Quando achou que a borda mais distante da tampa estava à beira da entrada, deu-lhe um último e forte puxão.

A tampa caiu no lugar certo com um som metálico alto, entortando-lhe cruelmente os punhos. Relaxou os olhos e deslizou para baixo com o menino descendo à toda num tobogã. O cano estava coberto de lodo e ele escorregou sem esforço por uns três metros até o ponto em que o cotovelo do cano se transformava numa linha reta. Os pés bateram com força no chão e ficou ali como um bêbado encostado num poste.

Mas não conseguia entrar na tubulação horizontal. O cotovelo ali era fechado demais.

O gosto de claustrofobia na boca tornou-se insuportável, sufocante.

Encurralado, gaguejando ou sua mente, encurralado aqui, encurralado, encurralado...

Um grito subiu em sua garganta e abafou-o com força.

Calma. Claro, é um chavão muito gasto, muito banal, mas temos que ficar muito calmos aqui. Muito calmos. Porque estamos no fundo deste cano e não

podemos nem subir nem descer e se aquela bosta do tanque explodir vamos ser fritos com toda a perfeição e...

Lentamente, com o corpo a contorcer-se até que o peito ficou de frente para o cano, e não mais as costas. O revestimento de lodo servia com o lubrificante, facilitando-lhe os movimentos. Havia muita claridade no cano naquele momento e estava esquentando. A tampa perfurada jogava sombras de grades de prisão sobre seu rosto angustiado.

Inclinando-se contra o peito, barriga e virilha, os olhos dobrando-se de maneira certa, pôde deslizar mais para baixo, introduzindo pés e panturrilha no canal horizontal até ficar ajoelhado. Mas ainda não era o suficiente. As nádegas empurravam a cerâmica sólida que ficava de frente para a entrada do cano horizontal.

Distante, achou que ouvia berros de comando acima do crepitar alucinado do incêndio, mas poderia ter sido sua imaginação, que nesse momento estava tensa e febril demais para merecer confiança.

Com o corpo a flexionar os músculos das coxas e panturrilhas em um cansativo ritmo de serrote e, pouco a pouco, os olhos começaram a ceder sob o corpo. Ergueu as mãos acima da cabeça para obter mais espaço e nesse momento tinha o rosto colado ao limbo do cano. Estava quase entrando no cano.

Dobrou tanto quanto podia as costas e com o corpo empurrado com os braços e cabeça, as únicas partes do corpo em condições de dar algum impulso.

Quando com eçou a pensar que não havia espaço suficiente, que ia sim plesmente ficar pendurado ali, incapaz de se mover em qualquer das direções, os quadris e nádegas subitamente entraram na abertura do tubo horizontal. A parte baixa das costas foi arranhada dolorosamente quando os joelhos afrouxaram sobre o corpo e a camisa subiu pelas omoplatas. Logo depois estava no tubo horizontal — exceto pela cabeça e braços, que estavam dobrados para trás. Coleou para dentro e parou em seguida, arquejando, o rosto estriado de lodo e merda de rato, a pele da parte inferior das costas lixada e escorrendo

sangue.

O cano era ainda mais estreito. Os ombros tocavam levemente os lados a cada vez que seu peito subia numa respiração.

Graças a Deus eu sou subalimentado.

Ofegante, com eçou a afundar-se na escuridão desconhecida do cano.

...Menos 068

e CONTANDO...

COMO UMA TOUPEIRA, fez progressos lentos ao longo de uns 50cm através da tubulação, em purrando-se cegamente para trás. Logo em seguida, o tanque de óleo da A.C.M. explodiu com um ribombo alto o suficiente para produzir vibrações simpáticas nos canos que quase lhe arrebatavam os tímpanos.

Ocorreu um relâmpago amarelo-esbranquiçado com o seu um a pilha de fósforos houvesse pegado fogo, que desmaiou depois para um brilho rosado, irregular.

Momentos depois uma onda quente atingiu-lhe o rosto fazendo-o produzir um sorriso doloroso.

A câm era de vídeo no bolso do casaco sacudiu-se e balançou enquanto tentou esgueirar-se para trás com a maior rapidez. O cano estava absorvendo calor da violenta explosão e do fogo que lavrava furioso em algum lugar acima, da mesma maneira que o cabo de uma frigideira pega o calor do fogão. Ele não tinha a menor vontade de ser assado ali com o uma batata numa panela fechada.

Suor rolava-lhe pelo rosto, misturando-se com as estrias pretas de excremento que já o cobriam, fazendo-o parecer, no brilho que aumentava e diminuía do fogo refletido, um índio pintado para guerra. Os lados do cano estavam quentes demais para poder tocá-los.

Movim entando-se com o uma lagosta, contraindo-se e espichando-se, rastejou para trás sobre os joelhos e antebraços, as nádegas subindo e batendo a todo momento na parte superior do cano. A respiração saía entrecortada, em

arquejando os caninos. O ar quente, cheio do gosto pegajoso de óleo, era difícil de respirar. Uma dor de cabeça apareceu no crânio e começou a cravar adagas no fundo de seus olhos.

Vou fritar aqui. Vou fritar.

De repente, seus pés balançaram no ar. Tentou olhar por entre as pernas e ver o que havia ali, mas estava escuro demais ali atrás e tinha os olhos ofuscados demais pela luz à sua frente. Teria que arriscar-se. Recuou e os joelhos chegaram à borda do fim do cano. Cautelosamente, deixou-as deslizar por ali.

Os sapatos tocaram subitamente em água, fria e chocante após o calor do cano.

O novo cano corria em ângulo reto com aquele que acabara de deixar e era muito mais largo — suficientemente para ficar em pé encurvado. A água grossa, em lento movimento, chegava-

lhes aos tornozelos. Parou por apenas um momento para olhar para o cano minúsculo, com seu orbiço círculo de luz refletida do incêndio. O fato de poder ver qualquer brilho daquela distância significava que a explosão devia ter sido muito forte.

Relutantemente, obrigou-se a reconhecer que o pessoal dos Jogos teria que supor que ele continuava vivo, e não morto naquele inferno do subsolo da A.C.M., mas talvez não descobrissem qual fora sua rota de fuga até depois de debelado o incêndio e iniciado o rescaldo das ruínas. Pareceu-lhe uma suposição segura. Mas parecera tamém seguro supor que não poderiam seguir-lhe os passos até Boston.

Talvez não tenham. Afinal de contas, o que foi que você realmente viu?

Não. Foram eles. Tinha certeza. Os Caçadores. Eles até mesmo exalavam odor do mal, um odor que lhe chegara no quinto andar, trazido por

correntes térmicas psíquicas invisíveis.

Um rato passou por ele, nadando cachorrinho e parou um momento para observá-lo com olhos brilhantes.

Desajeitado, foi espadanando atrás do rato, na direção para onde corria a água.

...Menos 067

e CONTANDO...

CHEGOU À ESCADA, olhou para cima, ofuscado pela luz. Não ouviu sons de tráfego regular, o que era uma boa coisa, mas luz...

A luz era surpreendente porque tinha a impressão de que andara pelos esgotos durante horas infindáveis. Na escuridão, sem insumos visuais e nenhum outro som que o gorgolejar da água, o ocasional chape-chape baixo de um rato e as batidas fantasmagóricas de outros canos (o que é que vai acontecer se alguém der descarga numa latrina em cima de minha cabeça, especulou morbidamente), perdera inteiramente o sentido de tempo.

Nesse momento, olhando para a tampa da boca de lobo a uns 5m acima de sua cabeça, notou que a luz não desaparecera ainda do céu. Na tampa havia vários orifícios circulares de ventilação e raios de sol do tamanho de lápis imprimiam moedas de sol no seu peito e ombros.

Nenhum carro pneumático passara desde que chegara ali, apenas um veículo pesado de rodas e uma frota de motos Honda. Esse fato levou-o a suspeitar que, mais por sorte e leis das médias do que por um inato senso de direção, conseguira abrir caminho até o núcleo da cidade — até sua própria gente.

Ainda assim, não ousava subir até que escurecesse. A fim de passar o

tempo, tirou a câmera do bolso, introduziu um *clipe* e começou a gravar o próprio peito. Sabia que as fitas eram "sensíveis à luz", capazes de aproveitar a mais fraca fonte de luz existente, e não queria revelar muita coisa do lugar onde se encontrava. Nessa vez nem falou nem fez palhaçadas. Estava cansado demais.

Terminada a gravação, guardou-a com a outra fita já usada. Desejava poder livrar-se da suspeita persistente — quase uma certeza — de que as fitas indicavam com precisão o local onde se encontrava. Tinha que haver uma maneira de anular aquilo. *Tinha* que haver.

Sentou-se resignado no terceiro degrau da escada a fim de esperar pela noite. Estava em fuga há quase 30 horas.

...Menos 066

e CONTANDO...

O MENINO, DE UNS SETE ANOS DE IDADE, negro, fumando um cigarro, estava encostado na parede perto da entrada do beco, olhando para a rua.

Houve um repentino e leve movimento na rua antes deserta. Sombras moveram-se, descansaram, moveram-se novamente. A tampa do poço de inspeção estava subindo. A tampa parou e alguma coisa — olhos? — brilhou. De repente, com um estridor metálico, a tampa deslizou para um lado.

Alguém (ou *alguma coisa*, pensou o menino com um pouco de medo) estava saindo dali. Talvez o demônio estivesse saindo do inferno para vir buscar Cassie. Mãe dissera que Cassie ia para o céu para fazer companhia a Dicky e a outros anjos. O menino achava que aquilo era conversa pra boi dormir. Todo mundo ia pro inferno quando morria e o diabo cutucava o rabo deles com um forquão. Vira um retrato do diabo nos livros que Bradley roubara da Biblioteca Pública de Boston. O céu era para os viciados ricos. O demônio era o Homem.

Podia ser o demônio, pensou, quando Richards subitamente saiu do poço e inclinou-se por um segundo para a frente, no canto rachado e riscado, para recuperar o fôlego. Nem rabo nem chifres, e nem verme com o naquele livro, mas parecia suficientemente louco e perverso.

Nesse momento ele estava empurrando a tampa de volta para o

encaixe, e nesse momento — e nesse momento, santo Jesus, ele corria para o beco.

O menino soltou um grunhido, tentou correr e caiu, tropeçando nos próprios pés.

Estava tentando levantar-se, atabalhado, deixando cair coisas, quando o diabo subitamente agarrou-o.

— Não me fure com isso! — gritou ele num sussurro abafado. — Não me fure com seu garfo, seu filho da puta...

— Psiu! Cale essa boca! Cale essa boca!

O demônio sacudiu-o, fazendo-lhe os dentes chocar com as bolas de gude, e o menino calou-se. O demônio olhou em volta, apreensivo. A expressão de seu rosto era quase com a do medo extremo que revelava. O menino lembrou-se daqueles tipos engraçados no programa de jogos *Nadando com os Crocodilos*. Teria rido também se não estivesse tão atabalhado.

— Você não é o capeta — disse o menino.

— Vai pensar que eu sou, se gritar.

— Não vou gritar — respondeu desdenhosamente o menino. — Que é que está pensando, que corte meus colhões? Jesus, não tenho ainda nem idade pra gozar.

— Você sabe de um lugar tranquilo aonde a gente possa ir?

— Não me mate, homem, eu não tenho nada.

Os olhos do menino, brancos na escuridão, rolaram para cima.

— Eu não vou matar você.

Segurando-lhe a mão, o menino levou Richards pelo beco tortuoso e cheio de lixo e daí para outro. No fim do caminho, pouco antes de o beco abrir no poço de ventilação entre dois altos prédios, o menino guiou-o até uma meia-água de tábuas aproveitadas e tijolos. Fora construída para pessoas baixas e bateu com a cabeça ao entrar.

O menino afastou para o lado um pano preto sujo que tapava a entrada e mexeu em alguma coisa. Um momento depois um brilho fraco iluminou-lhes o rosto. O menino ligara uma pequena lâmpada a uma velha bateria rachada de automóvel.

— Eu mesmo roubei essa bateria — disse o menino. — Bradley me ensinou como consertar ela. Ele tem livros. Eu tenho um saco de moedas de 10

centavos que dou a você se você não me meter. É melhor que não me mate. Bradley está com os Esfaqueadores. Você me mata e ele faz você cagar em sua bota e com a merda.

— Eu não vou meter ninguém — respondeu impaciente Richards. —

Pelos meus, não menininhos.

— Eu não sou menino! Eu mesmo roubei essa bateria.

Aquela expressão de pessoa ultrajada provocou-lhe um pequeno sorriso e ele disse:

— Tudo bem. Qual é o seu nome, garoto?

— Eu não sou garoto — respondeu ele e, mal-humorado: — Stacey.

— Tudo bem. Stacey. Ótimo. Eu estou em fuga. Acredita nisso?

— Acredito, você está fugindo. Você não saiu daquele esgoto pra com pra foto de safadeza. — Olhou-o especulativamente. — Você é branco? É

difícil saber com todo esse sujeito.

— Stacey, eu... — Interrompeu-se e correu a mão pelos cabelos. Ao voltar a falar, parecia dirigir-se a si mesmo: — Tenho que confiar em alguém e vai ter que ser em um garoto. Um *garoto*. Oh, Jesus, você não tem nem seis anos, rapaz.

— Vou fazer oito em um arco — respondeu zangado o menino. — Minha irmã Cassie tem câncer — acrescentou. — Ela grita muito. É por isso que gosto daqui. Eu mesmo roubei aquela porra de bateria. Quer queimar um fumeiro, meu?

— Não, e você também não quer. Quer ganhar dois dólares, Stacey?

— Cristo, quero! — Mas desconfiança apareceu naqueles olhos.

— Você não saiu daquele buraco com dois dólares. Isso é conversa fiada.

Richards tirou do bolso um novo dólar e entregou-o ao menino. O

garoto olhou-o com reverência que quase se aproximava do horror.

— Você ganha mais um se trouxer seu irmão até aqui — prometeu Richards e, observando-lhe a expressão, acrescentou rapidamente: — Eu dou a você às escondidas, de modo que ele não veja. Mas traga-o aqui sozinho.

— Não vai adiantar nada você me atar Bradley, homem. Ele obriga você a cagar em sua bota...

— E com er a m erda. Eu sei. Vá correndo buscá-lo. Espere até ele estar sozinho.

— Três dólares.

— Não.

— Ouça, hom em . Por três dólares posso com prar um troço pra Cassie na farm ácia. Depois, ela não vai gritar tanto.

O rosto de Richards contorceu-se de repente com o se algo que o m enino não podia ver lhe houvesse dado um a punhalada.

— Tudo bem . Três.

— Novos dólares — insistiu o m enino.

— Sim , pelo am or de Deus, *sim*. Vá buscá-lo. E se trazer os tiras não vai ganhar nada.

O m enino parou, m etade fora m etade dentro do cubículo.

— Você é burro se pensa que vou fazer isso. Odeio m ais aqueles noj entos do que qualquer outra coisa. Até m esm o que o dem ônio.

Saiu, um m enino de sete anos com sua vida nas m ãos im undas e sarnentas. Mas estava cansado dem ais para sentir realm ente m edo. Apagou a luz, recostou-se e cochilou.

...Menos 065

e CONTANDO...

UM SONO COM SONHOS com eçara j ustam ente quando os sentidos altam ente esticados acordaram -no de chofre. Confuso, em um lugar escuro, o início do pesadelo dom inou-o por um m om ento e pensou que um enorm e cão policial vinha pegá-lo, um

a pavorosa arma orgânica de sete metros de altura. Quase gritou, antes que Stacey trouxesse o mundo para a dura realidade, dizendo:

— Se ele quebrou aquela merda da minha lâmpada...

O menino foi violentamente silenciado. O pano que tapava a entrada ondulou e Richards acendeu a luz. Viu Stacey e outro negro. O novo cara tinha talvez 18 anos, calculou, usava aquela roupa de motoqueiro, e fitava-o com uma mistura de ódio e interesse.

Um canivete de metal estalou e brilhou na mão de Bradley.

— Se está armado, deixe cair.

— Não estou.

— Eu não acredito que... — interrompeu-se, esfregando os olhos. —

Hei, você é o cara da Free-Vee. Destruíu a A.C.M. na Huntington Avenue. — O

negro da face foi fendido por um sorriso involuntário. —
Disseram que você fritou cinco policiais. Isso provavelmente quer dizer 15.

— Ele saiu do buraco do esgoto — explicou todo importante Stacey. —

Eu soube logo que não era o diabo. Eu sabia que era algum branco filho da puta. Vai cortar ele, Bradley ?

— Sim, mas não, cale o bico e deixe o homem falar.

Bradley passou o resto do corpo pela porta, agachou-se desajeitado e sentou-se em frente a Richards em um caixote rachado

de laranjas. Olhou para o canivete na mão, pareceu surpreso de vê-lo ainda ali, e fechou-o.

— Você é mais quente do que o sol, homem — disse, finalmente.

— Isso é verdade.

— Pra onde vai você?

— Não sei. Tenho que sair de Boston.

Bradley permaneceu ali sentado, perdido em silenciosos pensamentos.

— Você tem que ir comigo e Stacey lá pra casa. Tem os que conversar e a gente não pode fazer isso aqui. Dá na vista demais.

— Tudo bem — respondeu cansadamente Richards. — Não me importo.

— Vam os pelos fundos. Os porcos estão rondando novamente. Agora, sei por quê.

Quando Bradley saiu, Stacey chutou violentamente Richards na canela.

Durante um momento, ele fitou-o, sem compreender, mas depois lembrou-se.

Passou três novos dólares ao menino, que os fez imediatamente desaparecer.

...Menos 064

e CONTANDO...

A MULHER ERA MUITO VELHA. Pensou que nunca vira antes um a pessoa tão velha assim . Usava um vestido caseiro de algodão estam pado com um grande rasgão sob um braço. Um m am ilo antigo e engelhado balançava de um lado para o outro atrás do rasgão enquanto ela preparava a refeição com prada com os novos dólares de Richards. Os dedos am arelos de nicotina cortavam , aparavam , descascavam . Os pés, achatados e com a form a de batelões por anos de vida em pé, estavam calçados em chinelas de tecido felpudo cor-de-rosa. O cabelo dava a im pressão de ter sido ondulado por um ferro m anej ado por sua própria m ão trêm ula: era em purrado para trás em form a de pirâm ide pela rede de cabelos torcida que se entortara na parte de trás da cabeça. O rosto era um delta do tem po, não m ais parda ou preta, m as acinzentada, costurada com um a galáxia radiante de rugas, bolsas e caim entos. A boca desdentada m anej ava habilmente o cigarro que segurava, soprando baforadas de fum aça azul que pairavam acima e atrás dela com o pequenas bolas azuis furadas. Ela fum ava sem cessar em um triângulo form ado pelo balcão, frigideira e m esa. As m eias de algodão estavam enroladas à altura do j oelho e acima deles e da bainha da saia que voava, veias varicosas sobressaíam .

O apartam ento era assom brado pelo fantasm a de repolho há m uito tem po falecido.

No quarto distante, Cassie gritava de dor, uivava, calava-se. Bradley lhe dissera, com um a espécie de zangada vergonha, que não desse im portância a ela.

A irm ã tinha câncer nos dois pulm ões, que recentem ente se espalhara pela garganta e barriga.

Stacey retirara-se para algum lugar.

Enquanto ele e Bradley conversavam , o arom a enlouquecedor de carne m oída, verduras e m olho de tom ate com eçou a

encher a sala, expulsando o repolho para os cantos e fazendo-o com preender com o estava fam into.

— Eu podia entregar você, hom em . Podia m atar você e roubar esse dinheiro. Entregar o corpo. Ganhar m ais m il dólares e ficar num a boa.

— Não acho que você possa fazer isso — respondeu Richards. — Eu sei que eu não poderia.

— Por que é que você está fazendo isso, afinal de contas? — perguntou irritado Bradley. — Por que está sendo o otário deles? É tão ganancioso assim ?

— O nome de minha filha é Cathy — respondeu Richards. — Mais m oça do que Cassie. Pneum onia. Chora o tem po todo, tam bém .

Bradley perm aneceu calado.

— Ela poderia m elhorar. Não é com o... com o ela lá dentro. A pneum onia não é pior do que um resfriado. Mas é preciso rem édio e um m édico.

Isso custa dinheiro. Quis o dinheiro da única m aneira que podia consegui-lo.

— Você ainda é um otário — disse Bradley com um a ênfase seca e algo estranha. — Você está chupando m etade do m undo e eles gozam em sua boca todas as noites às 6h. Neste m undo, sua garota ficaria m elhor se estivesse com o Cassie.

— Eu não acredito nisso.

— Então você é m ais burro do que eu, hom em . Um a vez, m andei um cara para o hospital com um a facada. Um cara rico. Os tiras m e caçaram durante três dias. Mas você é m ais burro do

que eu. — Pegou um cigarro e acendeu-o. — Talvez você dure o mês inteiro. Um bilhão de dólares. Ia ter que alugar um a m erda de trem de carga para transportar essa grana toda.

— Não diga palavrão. Dê graças ao Senhor — disse a velha, no outro lado da sala, cortando cenoura.

Bradley não lhe deu atenção.

— Você, sua mulher e o bebê ficariam numa boa. Você já ganhou dois dias.

— Não — negou Richards. — O jogo é viciado. Lembra-se daquelas duas coisas que eu dei a Stacey para botar no correio quando ele e sua mãe foram com prar com ida? Tenho que enviar pelo correio duas delas todos os dias, antes da meia-noite.

Explicou a Bradley a cláusula de desistência e a desconfiança de que o haviam seguido até Boston pela m arca do correio.

— Isso é fácil de resolver.

— Com o?

— Esqueça. Depois. Com o é que você vai sair de Boston? Você é

danado de perigoso. Deixou os caras fulos de raiva, explodindo aqueles tiras deles na A.C.M. Apresentaram isso na Free-Vee hoje e à noite. E aquelas em que você aparece com um saco na cabeça. Aquilo foi muito vivo. Mãe! — disse irritado —

Quando é que esse troço vai ficar pronto? A gente tá morrendo de fome e bem na sua frente!

— Ela está acordando — disse a mãe.

Colocou um a tam pa sobre a m assa grossa, que fervia lentam ente, e dirigiu-se devagar para o quarto da m enina doente.

— Não sei — respondeu Richards. — Vou tentar arranjar um carro, acho. Tenho docum entos falsos, m as não tenho coragem de usá-los. Vou fazer algum a coisa — usar óculos escuros — e sair da cidade. Estive pensando em ir para Verm ont e de lá cruzar a fronteira para o Canadá.

Bradley grunhiu algum a coisa, levantou-se e colocou pratos na m esa.

— Por esta hora, j á bloquearam todas as estradas que saem de Boston.

Um hom em que usa óculos escuros é o prim eiro a cham ar atenção. Fazem de você com ida de cachorro antes que possa andar 10km .

— Neste caso, não sei o que fazer — confessou Richards. — Se ficar aqui, pegam você com o cúm plice.

Bradley com eçou a espalhar os pratos pela m esa.

— Vam os supor que a gente consiga um carro. Você tem as verdinhas.

Eu tenho um nom e que não é perigoso. Há um cara na Milk Street que m e vende um Wint por 300. Peço a um de m eus am igos para levá-lo a Manchester. Lá vai

ser um a m aré m ansa porque você está cercado em Boston. Vem com er, m ãe?

— Vou, e dê graças ao Senhor. — Saiu bam boleando do quarto.

— Sua irm ã está dorm indo um pouco.

— Ótimo. — Com um a concha encheu três pratos com a massa de hambúrguer e fez uma pausa: — Onde está Stacey ?

— Disse que ia à farmácia — respondeu indiferente a mãe, enfiando com uma espantosa rapidez na boca desdentada a massa de carne. Disse que ia arranjar remédio.

— Se ele for preso, quebro ele de pancada — prometeu Bradley, sentando-se pesadamente.

— Ele não vai — tranquilizou-o Richards. — Ele tem dinheiro.

— A gente talvez não queira dinheiro de caridade, branco.

Richards riu e botou sal na comida.

— Eu estaria provavelmente morto agora se não fosse por ele — lembrou. — Acho que foi dinheiro ganho.

Bradley inclinou-se para frente, concentrando-se no prato. Nenhum deles falou mais até acabar a refeição. Richards e Bradley repetiram uma vez; a velha, duas. No momento em que acendiam os cigarros, uma chave arranhou na fechadura e todos ali ficaram tensos até que Stacey entrou, parecendo culpado, assustado e excitado. Trazia um saco pardo na mão e dele tirou um frasco de

remédio, que entregou à mãe.

— Isso é droga de primeira — disse. — Aquele velho, o Curry, me perguntou onde arranjar dois dólares para comprar droga de primeira e eu disse a ele que cagasse na bota e com essa merda.

— Não diga nome feio ou o diabo vem te buscar — avisou a mãe. —

Olhe aí seu jantar.

Os olhos do menino se arregalaram .

— Jesus, tem carne aí?

— Não, a gente simplesmente cagou ainda pra engrossar — explicou Bradley.

O menino olhou para ele vivamente, viu que era um a brincadeira que o irmão estava fazendo, e caiu em cima do prato.

— Esse farmacêutico vai contar aos tiras? — perguntou tranquilamente Richards.

— Curry ? Não. Não se puder haver mais algum a verdinha nesta família. Ele sabe que Cassie precisa de droga pesada.

— O que é que me diz desse negócio de Manchester?

— Isso mesmo. Bem , Vermont não serve. Não há o suficiente de nossa própria gente. Tiras duros. Vou pegar um cara bom com o Rich Goleon e pedir a ele para levar aquele Wint até Manchester e deixá-lo numa garagem automática.

Depois eu levo você em outro carro. — Apagou o cigarro. — Na minha ala. Só estão usando cães farejadores nas estradas secundárias. Nós vamos os diretos pela 495.

— Isso é muito perigoso para você — lembrou Richards.

— Oh, eu não ia fazer isso de graça. Quando Cassie morrer, vai ter enterro de gente.

— Louve ao Senhor — lembrou a mãe.

— Mas ainda assim muito perigoso para você.

— Qualquer porco que grunhir com Bradley, ele obriga a cagar na bota e com er a m erda — disse Stacey, enxugando a boca.

Quando olhou para Bradley, seus olhos brilharam com a luz da adoração do herói.

— Você está babando na cam isa, m agrelo — disse Bradley, e lhe deu um cascudo. — Já anda tocando punheta, m agrelo? Você ainda não tem idade pra isso, tem ?

— Se eles nos pegarem , você vai pagar caro — lem brou Richards. —

Quem é que vai tom ar conta do garoto?

— Ele cuidará de si m esm o, se algum a coisa acontecer — retrucou

Bradley. — Dele m esm o e da m ãe, aqui. Ele não é viciado em nada, é, Stacey ?

O garoto sacudiu enfaticam ente a cabeça.

— E ele sabe que se eu descobrir algum a picada nos braços dele dou-lhe um a surra com o ele nunca viu igual. Não é isso, Stacey ?

Stacey inclinou a cabeça.

— Além disso, a gente pode usar o dinheiro. Isso `tá m achucando a fam ília. De m odo que não fale m ais nada sobre isso. Acho que sei o que estou fazendo.

Richards term inou o cigarro enquanto Bradley ia até o quarto dar um pouco de rem édio a Cassie.

...Menos 063

e CONTANDO...

QUANDO ACORDOU ERA AINDA NOITE e o sistema de m arés interno de seu corpo colocou a hora em volta de 4:30h. A menina Cassie, estivera gritando e Bradley levantou-se. Os três dividiam nesse momento um quarto de fundos pequeno e ventilado por uma corrente de ar, Stacey e Richards no chão. A mãe dormia com a menina.

Abafando o ronco da respiração de Stacey em sono profundo, ele ouviu o som de Bradley deixando o quarto. Escutou o som metálico de uma colher na pia. Os gritos da menina transformaram-se em gemidos isolados que finalmente acabaram em silêncio. Imaginou Bradley em pé em algum lugar na cozinha, imóvel, esperando o silêncio. Ele voltou, soltou um peido e as molas da cama rangeram quando ele se deitou.

— Bradley ?

— O quê?

— Stacey disse que ela só tem cinco anos. É verdade?

O dialeto urbano desaparecera de sua voz, fazendo-o parecer irreal, uma criatura de sonhos.

— O que é que uma menina de cinco anos tem a ver com câncer pulmonar? Eu não sabia que tinham isso. Leucemia, talvez. Não câncer pulmonar.

Da cama partiu um risinho amargo e baixo.

— Você é de Harding, certo? Qual é a contagem da poluição atmosférica em Harding?

— Não sei — respondeu. — Não a fornecem mais com o boletim meteorológico. Não fazem isso há... poxa, não sei. Muito tempo.

— Não desde o ano 2020 em Boston — sussurrou Bradley. — As autoridades têm medo de divulgar. Você não usa filtro de nariz, usa?

— Não seja estúpido — retrucou irritado Richards. — Essas merdas de coisas custam duzentos paus, mesmo nas lojas de descontos, eu não vi duzentos paus durante todo o ano passado, você viu?

— Não — respondeu baixinho Bradley. Interrompeu-se por um momento. — Stacey tem um deles. Eu fiz um. Mãe, Rich Goleon e uns outros caras também têm.

— Você está gozando da minha cara — acusou-o Richards.

— Não, homem. — Interrompeu-se. Richards teve subitamente certeza de que Bradley estava ponderando o que já dissera contra as muitas coisas que poderia dizer. Perguntando a si mesmo quanto mais era delas. Quando as

palavras voltaram, saíram com dificuldade: — Nós andamos lendo. Aquela merda da Free-Vee

é pra cabeças vazias.

Richards grunhiu, concordando.

— A turma, você sabe. Alguns caras são simplesmente baderneiros, sabia? Tudo que querem é um barato nos sábados à noite. Mas alguns de nós têm frequentado a biblioteca desde que a gente tinha uns 12 anos, ou por aí.

— Aqui em Boston deixam vocês entrar sem cartão?

— Não. Ninguém consegue um cartão a menos que haja alguém com uma renda anual garantida de cinco mil dólares em sua família. A gente pegou um garoto rico bobão e roubou o cartão

dele. A gente se reveza indo lá. A gente tem um uniform e de
turm a que usa quando vam os. — Bradley parou. — Ria de m im
e eu corto você, hom em .

— Não estou rindo.

— No com eço, a gente só lia livros de sexo. Depois, quando
Cassie adoeceu, com ecei a ler esse troço sobre poluição. Depois,
a gente reuniu todos os livros que havia sobre contagem de im
purezas, níveis de *smog* e filtros nasais que estão na seção
reservada. A gente m andou fazer um a chave usando um m olde
de cera. Hom em , você sabia que todo m undo em Tóquio teve
que usar filtro nasal desde o ano 2012?

— Não.

— Rich e Dink Moran construíram um contador de poluição. Dink
tirou

o desenho de um livro e fizeram a coisa com latas de café e uns
troços que tiraram de carros.

Está escondido num beco. Em 1978 havia um a escala de
poluição atm osférica que ia de um a vinte. Entende?

— Entendi.

— Quando a m arca chegava aos 12, as fábricas e todas as m
erdas que produziam poluição tinham que fechar até que o tem
po m udasse. Foi lei federal até 1987, quando o Congresso
Revisado revogou-a. — A som bra na cam a ergueu-se sobre um
cotovelo. — Aposto que conhece um bocado de pessoas que
sofrem de asm a, não?

— Claro — respondeu cauteloso Richards. — Eu m esm o tenho,
um pouco. A gente pega *isso* no ar. Cristo, todo m undo sabe que

a gente deve ficar em casa quando faz calor e está nublado e o ar não se move...

— Inversão de temperatura — observou sombriamente Bradley.

— ...e um bocadinho de gente pega asma, certo. O ar fica igual a xarope pra tosse em agosto e setembro. Mas câncer pulmonar...

— Você não está falando de asma — corrigiu-o Bradley. — Está falando de enfisema.

— Enfisema?

Richards revolveu a palavra na mente. Não conseguiu atribuir-lhe um significado, embora a palavra lhe fosse vagamente familiar.

— Os tecidos dos pulmões incham. O cara inspira, inspira, mas continua sem fôlego. Você conhece um bocadinho de gente assim, não?

Richards pensou. Conhecia. Conhecia um bocadinho de pessoas que haviam morrido dessa maneira.

— As autoridades não falam nessa doença — continuou Bradley, com o se tivesse lido os pensamentos de Richards. — Agora, a contagem da poluição em Boston é de vinte nos melhores dias. Isso significa fumar, apenas respirando, o equivalente a quatro maços de cigarros. Num dia ruim, a poluição chega a 42.

Idosos caem mortos por toda a cidade. No atestado de óbito dizem que foi asma.

Mas é o ar, o ar, o ar. E estão sujando o ar com toda rapidez de que são capazes, grandes caminhões despejando fumaça nas 24 horas do dia. Os mandachuvas gostam da coisa assim.

— Esses filtros nasais de duzentos dólares não valem um pedaço de merda. São apenas dois pedacinhos de tela com um pedaço de algodão enrolado entre eles. Só isso. Os únicos que prestam são os da General Atomics.

E os únicos que podem pagar por eles são os mandachuvas. Deram-nos a Free-Vee para nos tirar das ruas, de modo que a gente possa respirar até morrer sem causar problema. O que é que você acha disso? Os filtros G-A à venda custam seis mil novos dólares. Com base naquele livro, fizemos um para Stacey que custou dez dólares. Usamos uma pepita atômica do tamanho da meia-lua de sua unha. Tiramos de um aparelho de surdez que compramos numa casa de penhor por sete dólares. O que é que você acha disso?

Richards ficou calado. Não tinha o que dizer.

— Quando Cassie morrer, acha que vão botar câncer no atestado de óbito? Escreverão assim. Com modo que alguém fique com modo. Alguém pode roubar um cartão de biblioteca e descobrir que o câncer pulmonar aumentou 700% desde 2015.

— Isso é verdade? Ou você está inventando isso?

— Eu li isso num livro. Homens, eles estão nos matando. A Free-Vee está acabando com a gente. É com o um mágico que leva a gente a ver os seios saindo da blusa de sua ajudante enquanto ele tira coelhos das próprias calças e os coloca numa cartola. — Parou por um momento e depois disse, sonhador: — Às vezes, penso que podia botar tudo isso a perder com dez minutos de conversa franca na Free-Vee. Contar ao povo. Mostrar. Todo mundo podia ter um filtro nasal se a Rede quisesse que tivessem .

— E eu a estou ajudando — disse Richards.

— Isso não é culpa sua. Você tem que fugir.

O rosto de Killian, e o de Arthur M. Burns, surgiram diante do olho de sua mente. Queria esmagá-los, pisá-los, andar em cima deles. Melhor ainda, arrancar-lhes os filtros nasais e soltá-los nas ruas.

— O povo está louco — disse Bradley. — Está louco com os brancos há trinta anos. Tudo de que precisa é de um a razão. Um a razão... um a única razão...

Richards caiu no sono com a palavra ainda lhe ecoando nos ouvidos.

...Menos 062

e CONTANDO...

PERMANECEU TODO O DIA NA CASA enquanto Bradley saía para providenciar o carro e combinar com outro membro da turma para levá-lo a Manchester.

Ele e Stacey voltaram às 6h. Bradley indicou a Free-Vee com o polegar.

— Tudo arranjado, homem. Vam os hoje e à noite.

— Agora?

Bradley riu sem alegria.

— Não quer se ver no programa costa-a-costa?

Richards descobriu que queria e quando O *Sobrevivente* entrou no ar ficou olhando, fascinado.

De um posto em um mar de escuridão, Bobby Thompson olhou impassível para a câmera.

— Olhem — disse. — Esse é um dos lobos que andam entre vocês.

Um a enorme ampliação do rosto dele, Richards, apareceu na tela.

Ficou ali durante um momento e em seguida foi substituída por uma segunda foto, desta vez no disfarce de John Griffen Springer.

A imagem dissolveu-se e Thompson voltou, parecendo grave:

— Hoje à noite dirigem-se especialmente ao povo de Boston. Ontem à tarde, cinco policiais morreram horrível e tragicamente nas chamas do subsolo da A.C.M. em Boston às mãos desse lobo, que preparara uma hábil e impecável armadilha. Onde estará ele hoje e à noite? *Onde* está ele hoje e à noite? Olhem !

Olhem para ele!

Thompson projetou os dois primeiros *clipes* que ele filmara naquela manhã. Stacey colocara-os em uma caixa do correio na Commonwealth Avenue, do outro lado da cidade. Ele mandara a mãe segurar a câmera depois de tapar a janela e cobrir toda a mobília.

— Todos vocês que assistem a isso — disse lentamente a sua imagem .

— Não os técnicos, não as pessoas que moram em coberturas — não me refiro a vocês, seus merdas. Falo a vocês que moram nos Projetos Habitacionais, nos guetos, nos arranha-céus baratos. A vocês, motoqueiros. A vocês, desempregados. Seus filhos estão sendo presos por drogas que vocês não têm e por crimes que vocês não cometeram porque a Rede quer ter certeza de que vocês não estão se reunindo e conversando.

Quero lhes falar sobre um a m onstruosa conspiração para privá-
los do próprio ar...

O áudio tornou-se de repente um a m istura de chiados, pipocos e gargarejos. Um m omento depois, o som desapareceu inteiramente. A sua boca continuava a m over-se m as nenhum som saía dela. Parece que perdemos o nosso áudio — disse Bobby Thompson suavemente —, m as não precisam os ouvir m ais os discursos radicais desse assassino para com prender com quem estão os tratando, precisam os?

— *Não!* — berrou a platéia.

— O que é que farão vocês, se o virem em *sua* rua?

— ENTREGAREMOS!

— E o que é que nós vamos os fazer quando o encontrarm os?

— MATÁ-LO!

Richards esmurrou o braço cansado da única espreguiçadeira que havia na sala de estar-cozinha.

— Esses filhos da puta — disse, im potente.

— Você pensava que deixariam você no ar com aquilo que estava dizendo? — perguntou zom beteiro Bradley. — Oh, não, homem. Estou até surpreso de terem deixado você falar tanto quanto falou.

— Eu não pensava... — respondeu enoj ado Richards.

— Não, acho que não — concordou Bradley.

O primeiro *clipe* foi substituído pelo segundo. Nesse instante, ele pedia aos espectadores que tom assem de assalto as bibliotecas, exigissem cartões de frequência, descobrissem a verdade. Lera

um a lista de livros que tratavam da poluição do ar e da água e que lhe fora fornecida por Bradley.

Sua im agem na tela abriu a boca.

— Fodam -se, todos vocês — disse a im agem . Os lábios pareciam estar pronunciando palavras diferentes, m as quantos entre duzentos m ilhões de espectadores iam notar isso? — Fodam se todos os policiais. Foda-se a Com issão dos Jogos. Vou m atar todo policial que encontrar. Vou...

Houve m ais, o suficiente para querer tapar os ouvidos e sair correndo da sala. Não conseguia saber se aquilo era a voz de um im itador ou um discurso m anipulado de pedaços de fita de áudio ligados de form a proposital.

O *clipe* foi substituído por um a tela dividida, onde apareciam o rosto de Thom pson e um a foto posada dele, Richards.

— Olhem para esse hom em — insistiu Thom pson. — O hom em que m ataria. O hom em que m obilizaria um exército de descontentes com o ele m esm o para provocar distúrbios em suas ruas, estuprando, queim ando, derrubando. O hom em m entiria, enganaria, m ataria. Ele fez tudo isso.

— Benj am in Richards! — A voz soou num a ira fria, im periosa, de Velho Testam ento. — Você está assistindo? Se está, você ganhou seu suj o dinheiro sanguinolento. Cem dólares por cada hora — neste m om ento, 54 — em que você perm anece à solta. E quinhentos dólares extras. Cem por cada um desses cinco hom ens.

Os rostos de policiais j ovens, de fisionom ias honestas, com eçaram a aparecer na tela. Aparentem ente, as fotos haviam sido tiradas durante o ensaio de form atura na Academ ia de Polícia. Pareciam novos, cheios de energia e esperança, dolorosam ente

vulneráveis. Baixinho, um a única com eta com eçou a tocar o toque do silêncio.

— E estas... — a voz de Thom pson baixara de tom e estava rouca de em oção — e estas são as fam ílias deles.

Esposas, sorrindo cheias de esperança. Crianças que haviam sido treinadas para sorrir para a câm era. Um bocado de crianças. Richards, com frio, doente, repugnado, baixou a cabeça e levantou as costas da m ão à boca.

A m ão quente e m usculosa de Bradley fechou-se em volta de seu pescoço.

— Hei, não. Não, hom em . Isso é fabricado. Tudo isso é m entira. Eles, com toda probabilidade, foram um bando de burros velhos que...

— Cale essa boca — bradou Richards. — Oh, cale a boca. Por favor, cale a boca.

— Quinhentos dólares — dizia nesse m om ento Thom pson, um ódio e desprezo im enso transparecendo-lhe na voz. O rosto de Richards voltou à tela, frio, duro, destituído de toda em oção, salvo um a expressão de sede de sangue que parecia estar principalm ente nos olhos. — Cinco policiais, cinco esposas, 19

filhos. Isso equivale a apenas 17 dólares e 25 centavos por cada um dos m ortos, dos despoj ados de pessoas queridas, dos que estão com o coração partido. Oh, sim , você trabalha barato, Ben Richards. Até m esm o Judas recebeu trinta m oedas de prata, m as você nem m esm o exige isso. Em algum lugar, neste exato m om ento, um a m ãe está dizendo ao filhinho que papai nunca m ais voltará para casa porque um hom em desesperado, ganancioso, com um a arm a na m ão...

— Assassino! — soluçou um a m ulher. — Assassino vil, suj o!
Deus o fulm inará!

— Fulm ine-o! — A audiência pegou o refrão. — Olhem para ele!
Ele recebeu sua paga sangrenta — m as o hom em vive pela
violência e pela violência m orrerá. E que a m ão de todos os hom
ens se levantem contra Benj am in Richards! Ódio e m edo em
todas as vozes, subindo em um rugido contínuo, vibrante. Não,
eles não o entregariam . Reduzi-lo-iam a m igalhas quando o
vissem . Bradley desligou a televisão e voltou-se para ele.

— É isso o que você está enfrentando, hom em . O que é que
acha?

— Talvez eu os m ate — respondeu Richards, em voz pensativa.
—

Talvez, antes que acabem com igo, eu suba ao 90o andar daquele
edifício e cace os verm es que escreveram aquilo. Talvez eu sim
plesm ente m ate todos eles.

— Não fale m ais! — explodiu alucinado Stacey. — Não fale m ais
nisso.

No outro cômodo, Cassie dorm ia seu sono drogado, de m
oribundo.

...Menos 061

e CONTANDO...

BRADLEY NÃO OUSARA ABRIR BURACOS NO CHÃO DA MALA e
Richards teve que assum ir a form a de um a lastim osa bola,
com a boca e o nariz colados à pequena ranhura de luz do buraco
da fechadura. Mas Bradley puxara tam bém parte do isolam ento
interno em volta da tam pa, de m odo a perm itir a entrada de
um a pequena corrente de ar.

O carro ergueu-se com um a sacudidela e ele bateu com a cabeça na parte superior. Bradley lhe dissera que a viagem duraria pelo menos uma hora e meia, com duas paradas, talvez mais, em barreiras na estrada. Antes de fechar a mala, entregou um revólver de grosso calibre a Richards.

— A cada décimo ou décimo segundo carro, a polícia faz uma vistoria rigorosa — explicou. — Abre a mala e fuça por aí. Mas são boas as chances, de 11 a 1. Se não der certo, meta bala nos porcos.

O carro corcoveou e pairou por cima das ruas cheias de buracos, rachadas, do centro da cidade. Em certa ocasião, um garoto disse algum a coisa zombetaira, seguida pela pancada de um pedaço da pavimentação, que jogou no veículo. Logo depois, os sons de tráfego cada vez mais intenso e paradas mais freqüentes nos sinais de trânsito.

Ele permaneceu passivamente em seu lugar, segurando com força o

revólver na mão direita e pensando com o Bradley parecia diferente no uniforme e da turma. Era uma Dillon Street sóbria, tipo jacketão, tão cinzenta como as paredes de um banco. Era arrematada em um arrom e exibia um pequeno broche da Associação Nacional para o Progresso das Gentes de Cor.

Bradley dera um salto enorme e da aparência de sujeito em broda turma (mulheres grávidas, cuidado, alguns de nós com em fetos) para um sério homem de negócios negro que sabia exatamente a quem devia imitar.

— Você está bacana — dissera Richards, admirando-o. — Para dizer a verdade, absolutamente inacreditável.

— Louve ao Senhor — disse a mãe.

— Eu pensei que você ia gostar dessa transformação, meu bom homem — respondeu Bradley com tranquila dignidade. — Com o tempo, sou o gerente distrital da Raygon Chemicals. Fazem os excelentes negócios nesta área.

Ótima a cidade, Boston. Muito agradável e cordial.

Stacey estourou em risinhos.

— É melhor que cale essa boca, crioulo — repreendeu-o Bradley —, ou obrigo-o a cagar na bota e comer a merda.

— Você é muito bem, Bradley — disse Stacey, ainda rindo e em nada intimidado. — Você tá mesmo bonito pra burro.

Nesse momento o carro virou para a direita, passou para outra superfície, engatou um a marcha e depois parou bruscamente. Uma voz, horrivelmente perto, gritava com monótona regularidade:

— Encostem ... preparem a carteira de habilitação e o registro de propriedade do carro... encostem ... preparem ...

Já. Com o tempo já.

Você é tão perigoso, homem.

Suficientemente perigoso para justificar a vitória de um carro em cada oito? Ou seis? Ou talvez todos?

O carro parou inteiramente. Os olhos de Richards moveram-se nas órbitas com os coelhos presos numa armadilha. Apertou com força o cano do revólver.

...Menos 060

e CONTANDO...

— DESÇA DE SEU VEÍCULO, SENHOR — dizia a voz entediada e autoritária.

— Carteira de habilitação e registro do carro, por favor.

Um a porta foi aberta e fechada. O motor ronronava baixinho, mantendo o carro a 2,5cm do piso da estrada.

— ...gerente distrital da Raygon Chemicals...

Bradley fazendo seu número de palco. Deus do céu, e se ele não tivesse documentos para confirmar aquilo?

A porta de trás foi aberta e alguém começou a fuçar ali atrás. Pareceu-lhe que o tira (ou era um miliciano estadual, perguntou a si mesmo o Richards confundente) ia rastejar para dentro da mala e ficar ali com ele.

A porta bateu. Pés andaram até a traseira do carro. Richards passou a língua pelos dentes e segurou com mais força o revólver. Visões de policiais mortos trem eram em sua frente, rostos angélicos em corpos contorcidos, porcinos. Especulou se o tira ia borrifá-lo com balas de metralhadora quando abrisse a mala e o visse ali enrodilhado com o um a salamandra. E conjecturou também se Bradley daria no pé, tentaria fugir. Ele ia se mover. Não fizera isso

desde criança quando o irmão mais velho coçava-o até que a bexiga se soltasse.

Sim, todos aqueles músculos ali em baixo estavam se soltando. Meteria uma bala exatamente na junção do nariz e testa do guarda, espalhando pelo céu miolos e estilhaços de crânio. Faria mais alguns órfãos. Sim. Bom. Jesus me amem, isso eu sei, porque minha bexiga está dizendo isso. Cristo, Jesus, o que é que ele está fazendo, rasgando o assento do carro? Sheila, eu te

am o tanto e quanto tem po durarão seis mil dólares? Um ano, talvez, se não a matarem para roubá-los.

Depois, de volta às ruas, subindo e descendo, cruzando esquinas, rebolando as nádegas, flertando com bolsos vazios. Hei, meu oço, eu chupo, esta cidade é limpa, garoto, eu lhe ensino...

Um dia, de passagem, bateu casualmente na porta da mala.

Richards abafou um grito. Poeira nas narinas, garganta coçando. Biologia na escola secundária, sentado na última fila, riscando suas iniciais e as de Sheila no tempo antigo da carteira. *O espirro é uma função dos músculos lisos.* Vou espirrar com o meu desgraçado, mas será ainda um tiro à queimadura e posso meter aquela bala exatamente no coco dele e...

— O que é que há aí na mala, meu oço?

Ouviu a voz de Bradley, divertida, um pouco entediada:

— Um cilindro de reserva, mas não muito bom. A chave está na corrente. Espera aí que vou buscá-la.

— Se eu a quisesse, tinha pedido.

Foi aberta e fechada outra porta traseira.

— Siga em frente.

— Agüenta aí, guarda. Tomara que pegue o cara.

— Siga em frente, meu oço. Te manda.

Os cilindros detonaram. O carro ergueu-se no ar e acelerou. Reduziu a marcha uma vez e deve ter sido mandado seguir com um gesto. Richards sacudia-se um pouco enquanto o carro subia, deslizava um pouco e engatava marcha. A respiração lhe

saía do peito em cansados pequenos gemidos. Não precisava mais espirrar.

...Menos 059

e CONTANDO...

A VIAGEM APARENTEMENTE DEMOROU MUITO MAIS do que hora e meia e foram mandados parar mais duas vezes. Uma delas pareceu ser um controle rotineiro de carteira de motorista. Na seguinte, um policial sem pressa e voz monótona conversou um pouco com Bradley, dizendo que aqueles safados motorqueiros comunistas estavam ajudando aquele cara, Richards, e possivelmente o outro, também. Laughlin não matava ninguém, mas as corria o boato que estuprara uma mulher em Topeka.

Depois disso, nada mais houve, salvo o chiado cansativo do vento e o grito de seus próprios músculos imobilizados em câmbios. Não dormiu, mas assim que a torturada finalmente colocou-o num estado de aturdez sem consciência.

Não havia desprendimento de monóxido de carbono nos carros aéreos, graças a Deus por isso.

Séculos depois da última barreira de estrada, o carro reduziu para uma marcha baixa e inclinou-se subindo uma rampa de saída em espiral.

Richards pestanejou lentamente e pensou se iria vomitar. Pela primeira vez em sua vida, sentia enjoação em um carro.

Passaram por uma série revoltante de voltas e mergulhos que achou que era um trevo rodoviário. Mais cinco minutos e sons de cidade voltaram.

Repetidamente, tentou virar o corpo para uma nova posição, mas não conseguiu.

Finalmente, parou, esperando em botar o corpo para aquilo terminasse. O braço

direito, dobrado sob o corpo, fora dormido há uma hora. Nesse momento transmitia a sensação de ser um bloco de madeira. Podia tocá-lo com a ponta do nariz, mas só sentia a pressão no nariz.

Tomaram uma passagem à direita, seguiram em reta durante algum tempo e depois viraram novamente. O estômago de Richards deu cambalhotas quando o carro mergulhou numa ladeira íngreme. O eco produzido pelo motor disse-lhe que estavam dentro de uma estrutura. Haviam chegado à garagem.

Um baixo e imponente som de alívio escapou-lhe dos lábios.

— Pegou seu tíquete de estacionamento, moço? — perguntou uma voz.

— Aqui mesmo, com panheiro.

— Ram pa 5.

— Obrigado.

Viraram à direita. O carro subiu, parou, virou novamente à direita e depois para a esquerda. O motor rodou um pouco em marcha lenta e o carro logo arriou-se com uma batida suave quando o motor parou. Fim de viagem.

Seguiu-se um momento de silêncio e então o som seco da porta de Bradley abrindo e fechando. Passos dele em direção à mala e a fresta de luz na frente de seus olhos apagou-se quando ele introduziu a chave na fechadura.

— Você está aí, Bennie?

— Não — grasnou ele. — Você me deixou lá na fronteira do estado.

Abra esta merda.

— Apenas um momento. O local está deserto agora. Seu carro está estacionado junto ao nosso. À direita. Você pode sair daí rapidamente?

— Não sei.

— Faça todo possível. Lá vamos nós.

A tampada mala subiu, deixando entrar a mortífera luz da garagem.

Richards levantou-se, apoiando-se num braço, passou uma perna sobre a borda, e não conseguiu ir adiante. O corpo endurecido pelas câimbras berrou de dor.

Bradley segurou-lhe um braço e puxou-o para fora. As pernas comeceram a fechar-se em canivete. Bradley pegou-o pelo covão e em parte levou e em parte carregou-o até o assado verde à direita. Abriu a porta do motorista, empurrou-o para dentro e fechou-a com um estrondo. Um momento depois, Bradley entrou também suavemente.

— Jesus — disse em voz baixa. — Nós chegamos aqui, homem. Nós chegamos aqui.

— É isso aí — respondeu Richards. — De volta à estrada. Mais duzentos dólares a cobrar.

Fumaram ali na escuridão, as pontas de seus cigarros brilhando com os olhos. Durante algum tempo, nenhum deles falou.

...Menos 058

e CONTANDO...

— A GENTE QUASE SE FERRA NA PRIMEIRA BARREIRA —
contava nesse momento Bradley, enquanto Richards tentava
com uma assagem restabelecer a circulação e a sensação no braço,
que parecia cheio de pregos fantasmas. —

Aquele tira quase abriu a minha ala. Quase.

Exalou uma grande nuvem de fumaça. Richards ficou calado.

— Com o que você se sente? — perguntou em seguida Bradley.

— Está melhorando. Tire por mim minha carteira. Não consigo
me mover direito ainda o braço.

Com um gesto, Bradley ignorou-lhe as palavras.

— Depois. Quero lhe contar com o Rich e eu armamos este
troço.

Richards acendeu outro cigarro com a bagana do primeiro. Uma
dezena de câmbios com eles se desatar lentamente.

— Há um quarto de hotel reservado para você na Winthrop
Street. O

nome do lugar é Winthrop House. Parece coisa fina, mas não é.
O nome é Ogden Grassner.

Pode gravar o nome?

— Posso. E vou ser reconhecido imediatamente.

Bradley estendeu a mão para o assento traseiro, pegou uma
caixa e deixou-a cair no colo de Richards. Era com prida, um aroma

, am arrada com barbante. Para Richards, pareceu um a daquelas caixas em que vinham becas alugadas para formatura. Olhou interrogativamente para Bradley.

— Abra-a.

Abriu-a. Encontrou óculos grossos, vidros azuis, em cima de um bocado de tecido preto. Colocou os óculos no painel e tirou o traje. Um a batina de padre.

Em baixo dela, no fundo da caixa, um rosário, um a Bíblia, e um a estola escarlate.

— Padre? — perguntou.

— Isso. Você m uida de roupa aqui m esmo. Eu lhe ajudo. Há um a bengala aí no assento traseiro. Você não banca o cego, m as quase. Bate em coisas. Está em Manchester para com parecer a um a reunião do Conselho das Igrejas, que vai tratar da questão do abuso de drogas. Manja ou?

— Manja ei — retrucou Richards. Hesitou, os dedos nos botões da camisa. Uso m inhas calças por baixo desta saia?

Bradley estourou num a gargalhada.

...Menos 057

e CONTANDO...

BRADLEY FALAVA RÁPIDO, enquanto o conduzia para o outro lado da cidade.

— Há um a caixa de rótulos gomados do correio em sua valise — disse.

— Ela está na mala do carro. As etiquetas dizem : “Após cinco dias, voltar a Brickhill Manufacturing Company, Manchester, N.H.”

Rich e outro cara prepararam esse troço. Nós tem os um a prensa na sede dos Estaqueadores, na Boy lston Street. Todos os dias, você m e envia suas duas fitas em um a caixa com um a dessas etiquetas. Eu as m andarei para os Jogos, a partir de Boston. Envie o m aterial por Via Expressa. Esse m acete eles nunca vão descobrir.

O carro aproxim ou-se vagarosam ente do m eio-fio da Winthrop House.

— Este carro vai voltar para aquele estacionam ento de onde saím os.

Não tente sair nele de Manchester, a m enos que m ude seu disfarce. Você vai ter que ser um cam aleão, hom em .

— Por quanto tem po você acha que vou ficar seguro aqui? —

perguntou Richards. E pensou: coloquei-m e nas m ãos dele. Aparentem ente, não conseguia m ais, sozinho, pensar racionalm ente. Sentia exaustão m ental em si m esm o com o quem sente um odor corporal.

— Sua reserva é por um a sem ana. Isso pode ser legal. Pode não ser.

Com porte-se de acordo com as circunstâncias. Há um nom e e um endereço na valise. De um cara em Portland, Maine. O pessoal de lá esconderá você por um ou dois dias. Vai custar um a nota, m as eles são de confiança. Vou ter que m e m andar, hom em . Esta é um a zona de estacionam ento de cinco m inutos. Tem po de falar de dinheiro.

— Quanto? — perguntou Richards.

— Seiscentos.

— Conversa fiada. Isso não cobre as despesas.

— Cobre, sim . E sobram uns paus pra família.

— Aceite m il.

— Você vai precisar do dinheiro, m eu chapa.

Richards fitou-o, perdido.

— Cristo, Bradley...

— Mande m ais pra gente, se puder. Mande um m ilhão. Bote a gente num a boa.

— Você acha que vou conseguir?

Bradley apenas sorriu de leve, tristemente, e nada disse.

— Então, por quê? — perguntou secamente Richards. — Por que está fazendo tanto por m im ? Posso com preender que tenha m e escondido. Eu faria isso. Você deve ter quebrado o braço de sua turma.

— Ela não se importa. Ela conhece o placar.

— Que placar?

— Zero a zero. Esse placar. Se a gente não se arrisca por nós m esmos, eles nos pegam . Nem precisa esperar que o ar poluído acabe com a gente. Do jeito que está a coisa, é com o se a gente ligasse um cano do fogão até a sala, ligasse a Free-Vee, e esperasse.

— Alguém vai m atá-lo — disse Richards. — Alguém vai alcagüetá-lo e você terminará num porão com as tripas de fora de tanta pancada. Ou Stacey.

Ou a mãe.

Os olhos de Bradley brilharam em ortigos.

— Mas um dia ruim está se aproximando. Um dia ruim para os vermes que andam por aí com as tripas cheias de rosbife. Para eles, veja o sangue na lua.

Armas e tochas. Um amuleto poderoso que anda e fala.

— Pessoas vêm vendo essas coisas há dois mil anos.

A campainha de cinco minutos disparou e Richards tentou à procura da maçaneta da porta.

— Obrigado — disse. — Não sei como dizer isso de outra maneira...

— Vá em bora antes que me dêem uma multa — disse Bradley. Um a forte e escura mão morna agarrou a batina. — E quando eles o pegarem, leve alguns com você.

Richards abriu a porta traseira e acionou o mecanismo para abrir a mala do carro e poder pegar a sacola preta que estava ali dentro. Sem uma palavra, Bradley entregou-lhe a bengala.

Suavemente, o carro entrou no fluxo do tráfego. Richards permaneceu um momento ali no meio-fio, observando-o afastar-se — observando-o com o um íope, esperava. As luzes traseiras brilharam uma vez na esquina e logo o carro desapareceu, de volta ao pátio de estacionamento, onde Bradley o deixaria e pegaria o outro para voltar a Boston.

Richards sentiu uma sensação estranha de alívio e deu-se conta de que nela havia empatia por Bradley — *como ele deve estar satisfeito por ter se livrado de mim, finalmente!*

Obrigou-se a errar o primeiro degrau ao subir a entrada da Winthrop House e o porteiro ajudou-o.

...Menos 056

e CONTANDO...

PASSARAM-SE DOIS DIAS.

Desempenhou bem seu papel — isto é, com o se sua vida dependesse disso. Nas duas noites, jantou no quarto. Acordava às 7h, lia a Bíblia na sala de espera e em seguida seguia para a “reunião”. O pessoal do hotel tratava-o com uma fácil e desdenhosa cordialidade — o tipo reservado para religiosos como os cegos, desajustados (mas que pagavam suas contas) nesse dia de assassinato legalizado limitado, guerra bacteriológica no Egito e na América do Sul, e a mal-famada lei de Nevada, que dava ao mulher o direito de matar apenas um feto. O

Papa era um velho gagá de 96 anos cujas bulas idiotas a respeito desses fatos correntes eram divulgadas com o máximo de eficiência nos noticiários das 7h.

Com parecia às suas “reuniões” de um homem só em um cubículo alugado de biblioteca, com a porta fechada, onde lia sobre poluição. Era pouca a informação posterior ao ano 2002 e o que havia não coincidia muito bem com o que fora escrito antes. O governo, com o sempre, estava realizando um tardio mas eficiente trabalho de assimilar opiniões contraditórias.

Ao meio-dia, dirigia-se à lanchonete na esquina de uma rua que não ficava muito longe do hotel, colidindo com pessoas e pedindo desculpas em seu caminho. Algumas pessoas diziam : não há do quê, padre. A maioria simplesmente soltava um palavrão indiferente e em purrava-o para o lado.

Passava as tardes no quarto e já estava assistindo *O Sobrevivente*. Pelas manhãs, despachava os quatro *clipes* enquanto se dirigia à biblioteca. A nova remessa a partir de Boston parecia correr normalmente.

Os produtores do programa haviam adotado uma nova tática para lidar com a mensagem antipoluição (ele persistia nelas com uma espécie de sorridente frenesi — e tinha, afinal de contas, de estar sendo compreendido por quem sabia ler lábios): nesse momento a plateia abafava a voz com um aumento progressivo de sarcasmo, vaias, gritos, obscenidades, e palavrões.

Quando ela produzia tornava-se cada vez mais alucinado, feio até parecer coisa de demônios.

Nas longas tardes, refletia que uma mudança involuntária lhe ocorrera nesses cinco dias de fuga. Fora Bradley quem fizera isso — Bradley e irmãzinha dele. Não era mais apenas ele, um solitário lutando pela sua família, com os dias contados. Nesse momento havia todos eles lá fora, lutando para respirar — sua família incluída.

Nunca fora um homem de pendores sociais. Cheio de desprezo e nojo evitava as chamadas cruzadas nobres. Eram compreendidas por trouxas similares e por pessoas com tempo e dinheiro demais, com aqueles estudantes de faculdade metidos a sebo com seus *buttons* chocantes e seus grupos de *neo-rock*.

Seu pai orgulhara-se na noite quando ele tinha cinco anos de idade. Fora jovem demais naquela época para lembrar-se de alguma coisa, salvo em cenas isoladas.

Nunca odiara o pai por aquilo. Compreendia muito bem que um homem defrontado pela opção entre orgulho e responsabilidade quase sempre escolhe o orgulho — se a responsabilidade rouba-

lhe a masculinidade. Um homem pode ficar e ver a mulher ganhando o dinheiro da ceia deitada de costas.

Se ele não pode fazer mais do que servir de café para a mulher com quem casou, achava, bem que podia saltar de uma alta janela.

Entre os cinco e os 16 anos vivera de biscates, ele e seu irmão Todd. A mãe falecera de sífilis quando tinha dez anos e Todd sete. Todd fora morto cinco anos depois quando o caminhão de um jornal perdera os freios de emergência em uma ladeira, enquanto Todd o carregava. A municipalidade jogara mãe e filho no Crematório Municipal. Os garotos da rua chamavam-no de Fábrica de Cinzas ou Leiteria. Eram garotos revoltados mas desamparados, sabendo muito bem que, com toda probabilidade, acabariam sendo vomitados pelas chaminés no ar da cidade. Aos 16 anos, sozinho no mundo, trabalhava com o limpador de motores, em um turno completo de oito horas, após as aulas. Apesar dessa vida sacrificada e ocupada, sem sentir um pânico constante por saber que era só e desconhecido, merda na corrente. Acordava às vezes às 3h da manhã com o cheiro de repolho podre no apartamento de um único cômodo numa casa de cômodos, terror instalado na câmara mais profunda de sua alma. Não tinha ninguém.

E, assim, casara. Sheila passara o primeiro ano em orgulhoso silêncio, enquanto seus amigos (e os inimigos que fez ao se recusar a participar de expedições de vandalismo e de entrar para uma turma local) esperavam que chegasse o Expresso do Útero. Quando não chegou, o interesse diminuiu, foram abandonados no limbo particular reservado aos recém-casados em Co-Op City.

Poucos amigos e um círculo de conhecidos que chegava apenas até onde ia a sombra de seu próprio prédio. Não se importava com isso, era-lhe conveniente.

Entregou-se de corpo e alma ao trabalho, com uma sorridente intensidade, fazendo horas extras quando havia oportunidade. Os salários eram baixos, não havia oportunidade de promoção e a inflação corria à solta — mas eles se ajeitavam. Continuaram a se ajustar, e por que não? Ele era aquele tipo de homem solitário que pode despejar quantidades gigantescas de amor, afeição, e, talvez, dominação psíquica sobre a mulher que escolhera. Até esse ponto, suas emoções haviam permanecido praticamente intocadas. Em 11 anos de casamento nunca haviam discutido a sério.

Deixou o emprego em 2018 porque as probabilidades de ter filhos diminuíam com cada turno de trabalho atrás dos escudos anti-radiação antigos e cheios de vazamentos da G-A. As coisas poderiam ter ocorrido bem se houvesse respondido com uma mentira à mesma aguda pergunta do contramestre: "Por que é que está pedindo suas contas?" Ele, porém, simplesmente e claramente, lhe dissera o que pensava da General Atomics, terminando com um convite ao contramestre para tirar todos seus escudos anti-rádios gamas e dar um a cada um ao contrário com

eles. A coisa terminou em uma briga curta e selvagem. O contramestre era musculoso e parecia durão, mas ele o fizera chorar com o mesmo mulher.

A bola preta começara a rolar. Ele é perigoso. Evitem-no. Se precisar muito de um operário, contrate-o por um mês e depois mande-o embora.

No jargão da G-A ele estava virando Vermelho.

Nos cinco anos seguintes, passou um bocado de tempo carregando e distribuindo jornais, mas o trabalho rareara e finalmente desaparecera. A Free-Vee liquidara, com grande eficiência, a palavra impressa. Começou a ser mandado a andar pela polícia. Trabalhava apenas intermitentemente.

Os grandes movimentos da década passaram por ele, ignorados, com o passar dos fantasmas para os descrentes. Nada soube sobre o Massacre das Donas-de-Casa em 24 até que sua mulher lhe contou o fato, três semanas depois

— duzentos policiais armados com metralhadoras e chicotes elétricos de alta potência repeliram um exército de mulheres que marchava na direção do Southwest Food Depository. Sessenta haviam sido mortas. Vagamente, sabia que gás que ataca o sistema nervoso estava sendo usado no Oriente Médio. Mas nada disso o afetava. Protestos em nada resultavam. Nem violência. O mundo era o que era e Ben Richards movia-se nele com o um a fina foice, nada pedindo, procurando trabalho. Conseguiu um acúmulo de pequenos trabalhos de um dia ou meio dia. Trabalhou limpando o que parecia geléia sob ancoradouros e fossas sanitárias quando outros que andavam pelas ruas e que honestamente pensavam que procuravam emprego nada faziam

— Ande, verme. Desapareça. Nada de emprego. Fora. Circule. Mova-se.

Depois, as possibilidades de trabalho secaram. Era impossível arranjar qualquer coisa. Um cara rico, usando camisa de seda, bêbado, abordara-o na rua certa noite, enquanto ele ia se arrastando para casa após um dia infrutífero, e lhe dissera que lhe daria dez novos dólares se baixasse a calça e ele pudesse ver se esses anormais de rua tinham realmente paus de 35cm de comprimento.

Derrubara o homem com um soco e fugira dali.

Mas então, depois de nove anos de tentativas, Sheila engravidara. Ele era um limpador de janelas, dizia o pessoal do prédio. Você pode acreditar que ele tenha sido limpador durante seis anos e ainda seja capaz de engravidar uma mulher? Vai ser

um monstro, diziam os moradores do prédio. Com duas cabeças e sem olhos. *Radiação, radiação, seus filhos serão monstros...*

Mas, em vez de monstros, fora Cathy quem nascera. Redondinha, perfeita, gritalhona. Trazida ao mundo por uma parteira que morava no quarteirão e que recebera cinquenta centavos e quatro latas de feijão.

Naquele momento, pela primeira vez desde que o irmão morrera, estava ao léu novamente. Toda a pressão (até mesmo a pressão da caçada) fora removida.

Sua mente e raiva voltaram-se para a Federação dos Jogos, com seu imenso e potente elo de comunicação com o mundo inteiro. Pessoas gordas munidas de filtros nasais passando as noites com mulheres que usavam calcinha de seda. Que a guilhotina caísse. E caísse. E caísse. Ainda assim, não haveria maneira de pegá-los, elevavam-se muito acima deles, mal entrevistados, com o próprio Edifício dos Jogos.

Ainda assim, por ser quem era e porque estava sozinho e mudando, pensou nisso. Não sabia, sozinho no quarto, que enquanto pensava nisso ele sorria um enorme sorriso branco de lobo que em si mesmo parecia suficiente para provocar afundamentos em ruas e derreter prédios. Era o mesmo sorriso que tivera naquele dia quase esquecido em que derrubara um rico e depois fugira com os bolsos vazios e a mente queimando.

...Menos 055

e CONTANDO...

A SEGUNDA-FEIRA FOI EXATAMENTE IGUAL AO DOMINGO — o dia de trabalho não era muito diferente de qualquer feriado — até às 6:30h.

O padre Ogden Grassner pediu no quarto um jantar de Pão de Carne Supremo (a cozinha do hotel, que teria parecido execrável a qualquer pessoa acostumada a algo melhor do que hambúrgueres em lanchonetes e pílulas concentradas, parecia-lhe maravilhosa), com uma garrafa de vinho Thunderbird, e depois sentou-se para apreciar *O Sobrevivente*. O primeiro bloco, tratando dele mesmo, foi muito parecido com os das duas noites anteriores. O áudio na fita foi abafado pelo áudio da audiência. Bobby Thompson mostrou-se educado e virulento. Uma busca de casa em casa estava sendo realizada em Boston. Quem quer que estivesse escondendo o fugitivo seria executado. Sorriu sem alegria quando a rede passou a apresentar um comercial. A situação não era tão ruim assim, era até mesmo engraçada, de maneira limitada. Poderia agüentar qualquer coisa, se não apresentassem novamente os policiais mortos.

Já a segunda parte do programa teve caráter inteiramente diferente.

Thompson sorria largamente.

— Depois das últimas fitas que nos foram enviadas pelo monstro que atende pelo nome de Ben Richards, é um prazer dar a vocês algumas boas notícias...

Haviam pegado Laughlin.

Ele fora visto em Topeka na sexta-feira, mas uma intensa busca realizada na cidade no sábado e domingo não havia lhe levantado o paradeiro.

Supusera que Laughlin escapara pelo cordão de isolamento com o mesmo fizera. Naquela tarde, porém, Laughlin fora visto por duas crianças. Estivera se escondendo em um telheiro do Departamento de Estradas de Rodagem. Em algum lugar, ele fraturara o punho direito.

Os meninos, Bobby e Mary Cowles foram mostrados pela câmera, rindo alegremente. Bob Cowles era banguelo.

Orgulhosamente, Thompson anunciou que Bobby e Mary, "Os cidadãos Número Um" de Topeka, com pareceriam ao O *Sobrevivente* na noite seguinte, quando receberiam o Certificado de Mérito, um suprimento de cereal por toda vida do cereal FunTwinks, e um cheque de mil novos dólares das mãos do governador Hizzoner, do Kansas. O anúncio provocou entusiásticos aplausos da plateia.

Seguiam-se fitas do corpo esburacado de balas, de Laughlin, afundado na cintura sendo tirado do telheiro, que fora reduzido a um monte de gravetos pelo fogo concentrado. A audiência do estúdio saudou as centenas com uma mistura de aplausos, vaias e assovios.

Desviou a vista, repugnado. Nesse momento, dedos invisíveis pressionaram-lhe as têmporas.

De alguma distância, palavras continuavam a rolar. O corpo estava sendo exibido no salão nobre da assembleia estadual do Kansas. Longas filas de cidadãos começavam já a desfilar por ali, para ver o morto. Um policial entrevistado, que participara da execução, disse que Laughlin não resistira lá grande coisa.

Ah, que bom para você, pensou, lembrou-se de Laughlin, da voz amarga, cabeça estreita, expressão zombeta nos olhos.

Nesse momento só havia um único grande programa no ar. O grande programa era Ben Richards. Não quis saber mais do Pão de Carne Supremo.

...Menos 054

e CONTANDO...

NAQUELA NOITE TEVE UM PESADELO MUITO RUIM, o que era incomum. O velho Ben Richards nunca sonhava.

O mais estranho de tudo fora o fato de que ele não existia com a pessoa.

Sim, ele mesmo observava, invisível.

A iluminação do cômodo era fraca, caindo para a noite nas bordas da visão. Parecia que água pingava em algum lugar por ali. Tinha a impressão de estar num lugar subterrâneo.

No centro do cômodo, viu Bradley sentado em uma cadeira de madeira de espaldar duro, os braços e as pernas presos com correias de couro.

Cabeça raspada com a de um penitente. Cercando-o, figuras usando capuzes pretos. Os Caçadores, pensou ele, com um medo crescente. Oh, Deus querido, são os Caçadores.

— Eu não sou o homem que procuram — disse Bradley.

— Ah, mas é, irmãozinho — contestou-o suavemente uma das figuras encapuzadas e enfiou um alfinete em seu rosto.

Bradley soltou um grito.

— É o homem que procuram os?

— Vá chupar pica.

O alfinete entrou facilmente no globo ocular de Bradley e saiu gotejando líquido incolor. O olho de Bradley assumiu uma forma arredondada, esvaziada.

— Você é o homem que procuram os?

— Enfie isso no cu.

Um chicote elétrico tocou-lhe o pescoço. Ele gritou novam ente e seus cabelos ficaram em pé. Pareceu nesse m om ento um a côm ica caricatura de negro, um crioulo futurista.

— Você é o hom em que procuram os, irm ãozinho?

— Filtros nasais dão câncer em vocês — retrucou Bradley. — Vocês todos estão podres por dentro, brancosos de m erda.

O outro olho foi furado.

— Você é o hom em que procuram os?

Bradley, cego, riu deles.

Um a das figuras encapuzadas fez um gesto e, das som bras, saíram Bobby e Mary Cowles, saltitando alegrem ente. Com eçaram a cabriolar em volta de Bradley, cantarolando:

— Quem tem m edo do lobo m au, lobo m au, lobo m au?

Bradley com eçou a gritar e a contorcer-se na cadeira. Parecia querer erguer os braços em um gesto de proteção. A canção infantil tornou-se m ais e m ais alta, ecoando ainda m ais. As crianças estavam m udando de aparência. Suas m ãos estavam se alongando, escurecendo com sangue. Tinham as bocas abertas e nas cavernas internas presas faiscavam com o se fossem navalhas.

— Eu digo! — berrou Bradley. — Eu digo! Eu digo! Eu não sou o hom em que querem ! O hom em que querem é Ben Richards! Deus... oh... D-d-deus!

— Onde está ele, irm ãozinho?

— Eu digo! Eu digo! Ele está bem ...

As palavras, no entanto, foram abafadas pelas vozes cantantes.

Estavam me ergulhando para o pescoço esticado, encordoado de Bradley, quando acordou, suando.

...Menos 053

e CONTANDO...

A SITUAÇÃO NÃO ESTAVA MAIS BOA EM MANCHESTER.

Não sabia se fora o noticiário da morte brutal de Laughlin no Meio-Oeste, o pesadelo ou apenas uma premonição.

Na terça-feira pela manhã, porém, permaneci no hotel, riscando a biblioteca de sua agenda. Pareceu-me que cada minuto a mais que continuava ali era um convite para uma morte rápida. Olhando pela janela, via um Caçador, capuz preto dentro de cada velho latino-americano ou motorista de táxi amadado em seu veículo. Fantasias em que apareciam pistoleiros subindo sorrateiramente a escada na direção de sua porta atornavam-no. Sentia um imenso relógio tiquetaqueando dentro da cabeça.

Ultrapassou o ponto de indecisão pouco depois das 11h da manhã de terça-feira. Era impossível continuar ali. Sabia que eles sabiam.

Pegou a bengala, foi batendo no chão até os elevadores e desceu para o vestíbulo do hotel.

— Vai dar uma voltinha, padre Grassner? — perguntou o moço do balcão com seu agradável e desdenhoso sorriso.

— Feriado — respondeu Richards, falando no ombro do empregado do turno do dia. — Há algum cinema aberto nesta cidade?

Sabia que havia pelo menos uns dez, oito deles exibindo em 3-D filmes de perversões sexuais.

— Bem — respondeu cauteloso o recepcionista —, há o Center.

Acho que estão exibindo filmes de Disney...

— Esse serve — disse vivam e na saída chocou-se com um a planta no vaso.

A duas quadras do hotel entrou numa farmácia e comprou um rolo gigante de ataduras e um par de luvas baratas de alumínio. O caixa colocou as coisas em uma longa caixa de fibra e ele tomou um táxi na esquina seguinte.

O carro estava exatamente no lugar onde fora deixado e se havia um vigia por ali, não conseguiu descobri-lo. Entrou e deu partida ao motor. Teve um momento quando se lembrou que não possuía carteira de habilitação em qualquer nome e que não fosse perigoso, mas depois afastou isso da mente. Afinal de contas, não acreditava que o novo disfarce conseguiria dar conta do recado se houvesse uma fiscalização rigorosa. Se encontrasse barreiras na estrada, tentaria passar por cima delas. Morreria, mas iria morrer de qualquer maneira se o identificassem.

Guardou os óculos de Ogden Grassner no porta-luvas e deixou a garagem, fazendo um aceno neutro para o rapaz que estava de serviço à porta. O

rapaz mal levantou a vista da revista de mulheres nuas que estava estudando.

Parou nos subúrbios do norte da cidade para tomar um a carga com plena de ar comprimido. O frentista estava em meio a uma violenta erupção vulcânica de acne e parecia pateticamente ansioso para não virar a cara para ele. Até aí, tudo bem.

Passou da Estrada 91 para a 17 e desta última para outra, de asfalto, sem nome ou número. Uns cinco quilômetros mais à frente parou em um esburacado ponto de retorno e desligou o motor.

Inclinando o espelho retrovisor no ângulo certo, enrolou com toda rapidez possível a bandagem em torno da cabeça, segurando-a pela ponta e prendendo-a com um alfinete de segurança. Um passarinho trinava incansavelmente em um olmo de aspecto cansado.

Nada mais. Se tivesse tempo, em Portland acrescentaria ao disfarce um colarinho cervical.

Pôs ao lado no assento as muletas e deu partida ao carro. Quarenta minutos depois entrava no círculo de tráfego de Portsmouth. Entrou na Estrada 95. Enfiou a mão no bolso e tirou o pedaço de papel pautado amassado que Bradley lhe deixara. Usando um lápis macio, Bradley escrevera ali com o cursivo cuidadoso dos autodidatas:

94 State Street, Portland

THE BLUE DOOR, GUESTS

Elton Parrakis (& Virgínia Parrakis)

Olhou com as sobrancelhas franzidas por um momento para o papei e em seguida relanceou a vista para cima. Uma unidade preta e amarela da polícia cruzava lentamente o espaço por cima do trevo, trabalhando em *tandem* com uma unidade pesada de rodas em baixo. Inspeccionaram-no durante um momento e depois seguiram em frente, zigzagueando pelas seis pistas como se num gracioso balé. Patrulha rotineira de tráfego.

À medida que os quilómetros se acumulavam, uma sensação quase relutante, esquisita, de alívio surgiu-lhe no estômago, dando-lhe vontade de, ao mesmo tempo, vomitar.

...Menos 052

e CONTANDO...

A VIAGEM PARA PORTLAND TRANSCORREU SEM INCIDENTES.

Ao chegar aos limites da cidade, dirigindo através dos subúrbios reconstruídos de Scarborough (casas ricas, ruas ricas, escolas particulares ricas cercadas por cercas eletrificadas) a sensação de alívio comêçou a desaparecer novamente. Eles podiam estar por toda parte. Podiam estar com volta dele. Ou não podiam estar em parte alguma.

State Street situava-se em uma área de casas de pedra antigas, arruinadas, não muito distante de um parque onde o mato crescia alto, quase uma floresta — um lugar de esconderijo, pensou, para os pequenos assaltantes, antes, viciados em heroína e ladrões da cidade. Ninguém se aventuraria a sair da State Street após o cair da noite sem levar um cão policial na coleira ou acompanhado por uma dezena de com panheiros de turma.

O número 94 era um prédio antigo caindo aos pedaços, enegrecido pela fuligem, com cortinas de velho estilo puxadas

por trás das janelas. A casa lembrou-lhe um homem muito velho que lhe ocorrera com catarata nos olhos.

Encostou no meio-fio e desceu. A cidade estava cheia de carros sobre colchão de ar abandonados, alguns deles tão enferrujados que haviam se transformado numa casca quase irreconhecível. À borda do parque, um

Studebaker tombado sobre um lado, com o motor morto. Obviamente, não se tratava de uma zona policiada. Se o carro era deixado ali sem um guardador, quinze minutos depois transformava-se no centro de atenções de um grupo de raparigas de olhos duros, encurvados, escarrando para os lados. Meia hora depois, os rapazes traziam de algum canto pés-de-cabra, chaves inglesas e chaves de fenda. Batiam com elas, comparavam-nas, faziam com elas lutas de espada de brincadeira. Pensativamente, erguiam-nas no ar, com o dedo procurando descobrir o estado do tempo ou captar transmissões de rádio. Em uma hora, o carro estaria inteiramente depenado, das tampas dos tanques de ar e cilindros ao próprio volante.

Um menino correu ao seu encontro enquanto ele se apoiava sobre as muletas. Cicatrizes engelhadas, lustrosas, de queimaduras haviam transformado o rosto da criança em um glabro horror frankensteiniano.

— Quer um baseado, menino? Do melhor. Bota o cara na lua.

Sorriu misteriosamente, a carne enfiada e enroscada de seu rosto movendo-se e contorcendo-se grotescamente.

— Suma — disse Richards.

O menino tentou arrancar com um pontapé uma das muletas em que ele se apoiava. Richards ergueu uma delas em um baixo arco e atingiu o menino no traseiro. Ele fugiu dali correndo, soltando palavrões.

Lentamente, dirigiu-se para os degraus esburacados e olhou para a porta. A porta fora originariamente azul, mas nesse momento a tinta desmaiara e despelara e assumira uma pálida cor de sol de deserto. Houvera também ali uma maçaneta, mas algum vândalo se encarregara de removê-la usando um formão.

Bateu e esperou. Nada. Bateu outra vez.

Era fim de tarde nesse momento e o frio subia lentamente pela rua.

Muito baixo, da parte que se estendia além do fim da quadra, chegou o som crepitante de galhos de outono perdendo as folhas.

Não havia ninguém ali. Era tempo de ir embora.

Ainda assim, bateu outra vez, curiosamente convencido de que *havia* alguém na casa.

Dessa vez, foi recom pensado com o arrastar lento de chinelos. Uma pausa à porta. Em seguida:

— Quem é? Não quero com nada. Vá embora.

— Disseram -me e para procurá-la — respondeu Richards.

Uma portinhola abriu-se com um pequeno rangido e um olho castanho espiou por ela. Em seguida, a portinhola foi fechada com um estalo.

— Não conheço você.

Despedida final.

— Disseram -me e para perguntar por Elton Parrakis.

E, de m á vontade:

— Oh, você é um dos...

Atrás da porta fechaduras com eçaram a ser abertas, ferrolhos a serem puxados, um após outro. Correntes caíram . Em um a fechadura Yale ouviu o som de m artelos girando e depois em outra. E finalm ente o *chunk-slap* de um a tranca reforçada TrapBolt.

Aberta a porta, viu um a m ulher m agrela, sem seios, m ãos enormes e enodoadas. Possuía um rosto liso, quase de querubim , m as dava a im pressão de ter recebido centenas de diretos, ganchos e *uppercuts* invisíveis em um a luta sem quartel com o próprio tem po. Talvez o tem po estivesse ganhando, m as ela não sangrava fácil. Tinha quase 1,85m de altura, m esm o usando chinelos sem salto, e os j oelhos estavam inchados e transform ados em troncos de árvore pela artrite.

Trazia os cabelos dentro de um a touca de banho. Os olhos castanhos, fincados nele sob um a sobrancelha grossa e proem inente (as próprias sobrancelhas agarravam -se ao precipício com o se fossem arbustos de m ontanha resolvidos a sobreviver a qualquer preço, lutando contra a aridez e a altitude), eram inteligentes e estavam ilum inados com o que poderia ser m edo ou raiva. Mais tarde, com preendeu que ela era um a m ulher confusa, am edrontada, cam baleando à beira da insanidade m ental.

— Eu sou Virgínia Parrakis — disse ela em voz sem expressão. — Sou a m ãe de Elton. Entre.

...Menos 051

e CONTANDO...

ELA SÓ O RECONHECEU DEPOIS QUE O LEVOU À COZINHA, onde foi preparar o chá.

A casa era velha, caía aos pedaços, escura, m obiliada com um estilo de decoração que ele im ediatam ente identificou por experiência própria: porcaria m oderna.

— Elton não está no m om ento — disse ela, olhando atentam ente para o velho e am assado bule de alum ínio em cim a do fogão a gás.

A luz era m ais forte ali, revelando as m anchas pardas de água que haviam em bolotado o papel de parede, as m oscas m ortas, *souvenirs* do últim o verão, nos peitoris das j anelas, o velho linóleo riscado de linhas pretas, a pilha de papel de em brulho úm ido em baixo do cano de esgoto que pingava. No ar, um cheiro de desinfetante que o fez lem brar-se de últim as noites em quartos de doentes.

A m ulher cruzou a cozinha e os dedos inchados iniciaram um a dolorosa pesquisa entre o lixo acum ulado cm cim a da bancada, até encontrar dois saquinhos de chá, um deles j á usado. Richards recebeu este. Não ficou surpreso.

— Ele trabalha — disse ela, enfatizando vagam ente a prim eira palavra e transform ando o que dizia num a acusação. — Você veio de parte daquele cara de Boston, aquele a quem Elton escreve a respeito de poluição, não foi?

— Foi, sra. Parrakis.

— Eles se conheceram em Boston. Meu Elton é m ecânico de m áquinas autom áticas de venda. — Pareceu orgulhosa disso por um m om ento e depois iniciou a lenta j ornada de volta para o fogão, passando pelas dunas de linóleo. —

Eu disse a Elton que o que aquele Bradley estava fazendo era contra a lei. Eu disse a ele que isso ia acabar em prisão ou coisa ainda pior. Mas ele não *me* ouviu.

Não ouviu sua velha mãe, isso ele não faz. — Sorriu com um sorriso doce diante de tal calamidade. — Elton sem preguiça gostou de construir coisas, sabia?...

Quando era menino, construí lá no fundo do quintal uma casa de quatro cômodos em cima de uma árvore. Mas isso antes de derrubarem o muro, sabia?

Mas foi ideia daquele crioulo que ele devia construir uma estação de controle da poluição em Portland. Deixou cair os saquinhos de chá nas xícaras e permaneceu de costas para Richards, esquentando as mãos sobre o fogão.

— Eles escrevem, um pro outro. Eu disse a ele que o correio não é seguro. Você vai acabar na prisão ou coisa pior, foi o que eu disse. Ele disse: Mas mãe, a gente usa um código pra escrever. Ele pede uma dúzia de máquinas, eu respondo a ele que meu tio está um pouco pior. Eu disse: Elton, você acha que eles não podem decifrar esse troço de espionagem? Mas ele não me ouviu. Oh, ele ouvia.

Eu era a melhor amiga dele. Mas as coisas mudaram. Desde que ele chegou à puberdade, as coisas mudaram. Revistas de safadeza em baixo da cama dele e toda *aquela* coisa. Agora, esse crioulo. Acho que pegaram você fazendo testes sobre *smogs*, carcinógenos ou coisas assim e agora você está fugindo...

— Eu...

— Não tem importância! — disse ela ferozmente à janela.

A janela dava para um quintal cheio de rodas e peças de metal enferrujadas. Havia também ali uma caixa de areia de

brincadeiras infantis, nesse momento cheia com raquítica vegetação de outono.

— Não tem importância! — repetiu ela. — São os crioulos. — Virou para Richards olhos em papuçados, furiosos, confusos. — Eu tenho 65 anos de idade mas era uma mocinha de apenas 19 quando isso começou a acontecer. Eu tinha 19 anos e os crioulos estavam por toda parte! Por toda parte! Sim, estavam!

— quase gritou, com o se Richards houvesse divergido dela. — Em toda parte!

Mandavam aqueles crioulos para as escolas, juntamente com os brancos. Deram postos importantes a eles no governo. Radicais, baderna e rebelião. Eu não sou...

Interrompeu-se com o se as palavras houvessem se estilhaçado na boca.

Olhou fixamente para Richards, vendo-o pela primeira vez.

— Oh, Deus, tende piedade — murmurou.

— Sra. Parrakis...

— Nada disso! — retrucou ela, a voz enrouquecida pelo medo. — Nada disso! Nada disso! Oh, nada disso! — Com o que avançou na direção dele, parando à bancada da cozinha para pegar uma longa e faiscante faca de açougueiro em meio àquela mizórdia toda. — Fora! Fora! Fora!

Ele levantou-se e com o que recuar lentamente, primeiro através da porta entre a cozinha e a escura sala de estar e depois pela própria sala.

Notou que havia um telefone de fichas na parede, lembrete dos dias em que aquela casa fora uma pensão respeitável. The Blue

Door, Guests. Quando teria sido isso? perguntou a si mesmo. Há vinte anos? Quarenta? Depois que os crioulos haviam rompido as cadeias, ou antes.

Ia justamente com o coração quando a recuou pelo corredor entre a sala e a porta da frente quando uma chave entrou na fechadura. Pararam os dois com o coração se algum anjo celestial houvesse interrompido o filme, enquanto decidia o que fazer em seguida.

A porta foi aberta e Elton Parrakis entrou. Era imensamente gordo e por baixo dos cabelos louros, bagos, penteados para trás em ondas absurdas, via-se um rosto redondo de bebê que conservava uma expressão de eterna perplexidade. Usava o uniforme azul e dourado da Vendo-Spendo Company.

Pensativamente, ele olhou para Virgínia Parrakis.

— Solte essa faca, mãe.

— Nada disso! — gritou ela, mas o desmoronamento da derrota já começava a lhe embranquecer o rosto.

Parrakis fechou a porta e começou a dirigir-se para ela, bamboleando.

Ela recuou, dizendo:

— Você tem que mandá-lo embora, filho. Ele é aquele homem em meu.

Aquele Richards. Isso vai significar prisão ou coisa pior. *Eu não quero que nada lhe aconteça!*

Com o coração a chorar, soltou a faca e deixou-se cair nos braços dele. Ele abraçou-a e começou a niná-la suavemente, enquanto ela chorava.

— Eu não vou para a cadeia — prometeu. — Vam os, mãe, não chore.

Por favor, não chore.

Por cima dos ombros encurvados e que se sacudiam, lançou a Richards

um sorriso embaraçado de quem pede desculpa por aquela cena. Richards ficou à espera.

— Agora — disse Parrakis, quando os soluços da mãe se transformaram em meras fungadelas —, o sr. Richards é um bom amigo de Bradley Thompson e vai ficar conosco, por uns dois dias, mãe.

A mãe ulhou com êgo a chorar alto e ele tapou-lhe a boca, contorcendo-se enquanto fazia isso.

— Sim, mãe, sim, ele é. Vou levar o carro dele para o parque e deixar um gatilho nele. E a senhora vai sair amanhã pela manhã e enviar pelo correio um pacote para Cleveland.

— Boston — corrigiu-o automaticamente Richards. — As fitas vão para Boston.

— Vão para Cleveland agora — respondeu Elton Parrakis com um sorriso paciente. — Bradley está em fuga.

— Oh, Jesus.

— E você vai fugir também! — uivou a sra. Parrakis para o filho.
— E

vão pegá-lo, também! Você é gordo demais!

— Vou levar o sr. Richards lá pra cima e mostrar-lhe o quarto onde ele vai ficar, mãe.

— Sr. Richards! Sr. Richards! Por que não o chamam pelo seu verdadeiro

nome? Veneno!

Ele se soltou da mãe com grande suavidade. Richards seguiu-o obedientemente.

— Há muitos quartos lá em cima — disse ele, arquejando ligeiramente, enquanto suas grandes nádegas flexionavam-se e se contraíam. — Há muitos anos esta casa era uma pensão — quando eu era um bebê. De lá de cima o senhor poderá vigiar a rua.

— Talvez seja melhor eu ir embora — observou Richards. — Se Bradley está numa pior, sua mãe pode ter razão.

— Seu quarto é esse — disse ele e abriu a porta para um cômodo em poeirado e úmido que mostrava o peso dos anos. Aparentemente, não ouvira o comentário de Richards. — Não é grande coisa em matéria de acomodação.

Então, assim... — Virou para Richards seu paciente sorriso de quem quer agradar. — Pode ficar aqui o tempo que quiser. Bradley Thompson é o melhor amigo que já tive. — O sorriso fraquejou um pouco — O *único* amigo que já me fez tive. Eu conto com ela. Não se preocupe.

Richards simplesmente repetiu:

— Acho melhor eu ir embora.

— Você não pode, e sabe disso. Essa atadura na cabeça nem mesmo conseguiu enganar a mãe por muito tempo. Vou levar seu carro para um lugar seguro, sr. Richards. Mais tarde a gente conversa.

Saiu, rápida e apressadamente. Richards notou que estava lustroso o

fundilho do uniform e do rapaz. Ele com o que deixou no quarto um leve odor de pedido de desculpa.

Afastando um pouco a velha cortina verde, viu quando ele emergiu na calçada rachada em frente e entrou no carro. Mas desceu em seguida e voltou apressado para casa. Richards sentiu um a pontada de medo.

Passos pesados ressoaram na escada. A porta foi aberta e Elton sorriu para ele.

— Mãe tem razão — disse ele. — Eu não sou lá grande coisa com o agente secreto. Esqueci as chaves.

Richards entregou-lhe a chave e tentou um a brincadeira:

— Meio agente secreto é melhor do que nada.

As palavras tocaram um a corda sensível, ou talvez nenhum a. Elton Parrakis exibiu visivelmente seus tormentos e Richards quase que podia ouvir as vozes fantasmagóricas, zombeteiras, que o seguiriam para sempre, com os pequenos rebocadores atrás de um grande transatlântico.

— Obrigado — disse baixinho.

Parrakis saiu e o pequeno carro em que Richards viera de New Hampshire foi levado para o parque.

Puxou a coberta em poeirada da cama e deitou-se vagarosamente, a respiração rasa, olhando apenas para o teto. A cama com o que o apertava num

úm ido abraço de pervertida, m esm o através do lençol e de suas roupas. Um odor de m ofo chegou-lhe as narinas.

No térreo, a m ãe de Elton chorava.

...Menos 050

e CONTANDO...

COCHILOU UM POUCO MAS NÃO CONSEGUIU DORMIR. A noite j á caíra quase inteiram ente quando ouviu outra vez os passos pesados de Elton na escada.

Aliviado, colocou os pés no chão.

Ao bater e entrar, Richards notou que Parrakis se trocara para um a cam isa-esporte que parecia um a tenda e calça *jeans*.

— Consegui — disse ele. — O carro está no parque.

— Vai ser depenado?

— Não — respondeu Elton. — Eu arm ei um gatilho. Um a bateria e dois cliques-j acaré. Se um cara põe a m ão ou um pé-de-cabra no carro, recebe um choque e provoca um disparo curto da sirene. Funciona bem . Eu m esm o o construí.

Sentou-se com um profundo suspiro.

— Que história é essa sobre Cleveland? — quis saber Richards.
(Era

fácil, descobrira, querer coisas de Elton.) Parrakis deu de om bros.

— Oh, ele é um cara com o eu. Estive com ele em Boston, na biblioteca, em com panhia de Bradley. Nosso pequeno clube

antipoluição. Acho que mamãe disse alguma coisa a esse respeito.

Esfregou as mãos e sorriu com ar infeliz.

— Disse alguma coisa — confirmou Richards.

— Ela é... um pouco biruta — explicou Parrakis. — Não compreende bem o que aconteceu nos últimos vinte anos mais ou menos. Vive assustada o tempo todo. Eu sou tudo o que ela tem.

— Eles pegaram Bradley ?

— Não sei. Ele tem uma... ahn, excelente rede de informações.

Seus olhos, porém, desviaram-se dos de Richards.

— Você...

A porta foi aberta e a sra. Parrakis apareceu à soleira, braços cruzados no peito, sorridente, mas os olhos de obcecada.

— Chamei a polícia — disse. — Agora, você tem que ir embora.

O rosto de Elton esvaziou-se de todo sangue e adquiriu uma coloração branca aperolada.

— Você está me entendendo.

Richards levantou-se de um salto, mas depois parou, a cabeça inclinada com o quem escuta.

Baixinho, crescendo, ouviu o som de sirenes.

— Ela não está me entendendo — disse ele. Foi tomado por uma sensação de inutilidade. De volta ao ponto de partida. — Leve-me até o meu carro.

— Ela está me entendendo — insistiu Elton. Levantou-se, quase tocou o braço de Richards, mas depois recuou a mão quase com o seu toque. — Aquilo é sirene de bom beiro.

— Leve-me e para em meu carro, rápido.

As sirenes estavam se tornando mais altas, subindo e descendo, uivando. O som encheu-o de um pavor de pesadelo. Preso ali com aqueles dois loucos enquanto...

— Mãe... — disse ele, rosto contorcido, im plorante.

— Eu a chamei! — berrou ela e sacudiu um dos braços gordos do filho com o seu toque para despertá-lo. — Tive que fazer isso! Por você! Aquele crioulo botou-me inhoca em sua cabeça. Dizerem os que ele invadiu a casa e ganharem os seus dólares...

— Venha — grunhiu Elton para Richards e tentou soltar-se dela.

Mas ela, porém, continuou a segurá-lo obstinadamente, tal com o um cachorrinho atormantando um Percheron.

— Eu tive que fazer isso. Você tem que parar com esse negócio radical, Elton! Você tem que...

— Elton! — gritou ele. — *Elton!* — e jogou-a para longe. Ela deslizou pelo quarto e caiu na cama.

— Rápido — disse ele, o rosto cheio de pavor e sofrimento. — Oh, venha rápido!

Desceram aos trambolhões a escada e saíram pela porta da frente, Elton iniciando um trote gigantesco e bamboleante. Com o seu toque a arquejar novamente.

dos faróis subindo para o alto, e desceu, apontando diretamente para eles.

Richards virou-se para o carro, sentindo-se inesperadamente muito frio, quase embotado. Tirou do bolso a pistola que Bradley lhe dera, ainda recuando.

O resto dos carros da polícia não estavam ainda à vista. Só esse. O carro guinchou na direção deles através do solo desnudo de outubro do parque, os pneus traseiros arrancando grandes torrões de terra preta.

Disparou dois tiros contra o pára-brisa. Estilhaçaram, mas as não partiram o vidro. Saltou para o lado no último segundo e rolou, relva seca atingindo-lhe o rosto. Pondo-se de joelhos, disparou mais duas vezes contra a traseira do carro, mas logo depois ele estava voltando e com toda velocidade, as luzes azuis girando na noite em um pesadelo de sons saltitantes. A radiopatrulha se encontrava nesse momento entre ele e seu carro. Elton, porém, saltara na direção oposta e, nessa altura, trabalhava freneticamente para tirar o gatilho elétrico da porta do carro.

Um policial tinha posto parte do corpo fora da radiopatrulha, que se movia novamente. Um som gaguejado, rouco, encheu a escuridão. Uma submetralhadora. Balas cravaram-se no chão em volta dele sem obedecer a um padrão regular. Terra bateu em seu rosto e choveu em sua testa.

Ajoejou-se, com o se estivesse rezando, e atirou novamente no pára-brisa. Dessa vez, a bala abriu um buraco no vidro.

O carro estava quase em cima dele...

Saltou para a esquerda, mas o reforçado pára-choque de aço atingiu-lhe o pé esquerdo, quebrando-lhe o tornozelo e jogando-o de cara no chão,

braços e pernas abertos.

O ruído do motor transformou-se num ruído superalimitado, no momento em que fazia outra volta fechada. Nesse instante, os faróis focalizavam-no

novamente,

tornando

tudo

em

volta

inteiramente

monocromático. Tentou levantar-se, mas o tornozelo quebrado não o agüentou.

Soluçando em grandes arquejos, observou a radiopatrulha aumentar novamente o tamanho à sua frente. Todas as coisas se tornaram intensificadas, surrealistas. Estava vivendo em um delírio de adrenalina e tudo parecia lento, deliberado, orquestrado. O carro de polícia que se aproximava parecia um imenso e cego búfalo.

A submetralhadora crepitou novamente e, desta vez, uma bala repassou-lhe o braço esquerdo, fazendo-o cair de lado. O pesado carro tentou virar e atropelá-lo e, por um momento, teve uma visão clara do homem atrás do volante. Atirou uma vez e a janela voou para dentro. O carro chiou em um rolamento lento, fundo, lateral, e depois capotou, virando e a seguir tombando sobre um lado. O motor rateou e, de repente, em um chocante silêncio, o rádio da polícia crepitou claramente.

Não podendo levantar-se ainda, Richards com eçou a rastej ar na direção de seu carro. Parrakis, dentro do veículo nesse instante, tentava dar partida, mas, em seu pânico cego, devia ter esquecido de abrir as alertas de segurança. Toda vez que girava a chave ouvia-se apenas um oco som de tosse de ar nas câmaras de com bustão.

A noite com eçou a encher-se com o som das sirenes que convergiam para ali.

Ele se encontrava ainda a uns 50m do carro quando Elton com prendeu o que estava errado e baixou a alavanca das alertas. Quando girou a chave em seguida, o motor pegou e o carro deslizou na direção de Richards.

Levantou-se parcialmente, abriu com um puxão a porta do passageiro e jogou-se para dentro. Parrakis voltou à esquerda na direção da Estrada 7, que se cruzava com a State Street acima do parque, a parte inferior da plataforma do carro a não mais de 2,5cm do chão, quase o suficiente para arrastar e cuspi-los de seus assentos.

Elton engolia grandes golfadas de ar e soprava-as com força suficiente para fazer trem er os lábios com o se fossem venezianas.

Mais dois carros da polícia apareceram na esquina atrás deles, as luzes azuis acesas, e iniciaram a perseguição.

— Não estão indo rápidos o suficiente! — gritou Elton. — Não estão indo...

— Eles são de rodas! — gritou Richards em resposta. — Siga por aquele terreno vazio!

O carro aéreo guinou para a esquerda e sofreram um violento empurrão para cima quando passaram por cima do meio-fio. A

pressão do ar colocou-os em marcha.

Os carros da polícia também entaram de tanto atrás deles, e vinham atirando. Richards ouviu dedos de aço cavarem buracos na carroceria de seu carro. A janela traseira despedaçou-se com um som terrível e foram borrifados com fragmentos de vidros de segurança. , Gritando, Elton manobrou o carro para a direita e a esquerda.

Um dos carros da polícia, desenvolvendo mais de 100 km /h, perdeu-os ao passar por cima do meio-fio. O carro guinou loucamente, as luzes azuis giratórias da capota cortando a escuridão com raios lunáticos e em seguida

tomou sobre um lado, abrindo um quente sulco no terreno vazio cheio de pedras, até que um a fagulha tocou seu tanque de gasolina desprotegido. O carro explodiu, branco, como se fosse um foguete de sinalização rodoviário.

O segundo carro da polícia voltara novamente à estrada, mas Elton o deixara para trás. Mas ele recuperaria rapidamente a distância perdida. Os carros de propulsão a gasolina que rodavam no chão eram três vezes mais rápidos do que os que usavam propulsão a ar. E se um carro a ar tentasse afastar-se da estrada, a superfície irregular em baixo dos bocais de escape o fazia capotar, como quase acontecera quando Parrakis cruzara o meio-fio.

— Vire para a direita! — gritou Richards.

Parrakis deu uma guinada de fazer o estômago saltar em cambalhotas.

Estava nesse momento na Estrada 1. À frente, notou Richards que logo seriam em purrados contra a rampa de acesso ao Trevo Rodoviário da Costa. Ali nenhum manobra evasiva seria possível, ali só seria possível a morte.

— Vire! Vire, droga! Entre naquele beco!

— NÃO! Não! — Parrakis, falando nesse momento de forma incoerente. — Vam os ficar ali com o ratos numa ratoeira!

Richards inclinou-se e puxou o volante, tirando com o mesmo gesto a mão de Elton do acelerador. O carro a ar derrapou com uma volta de quase 90°.

ricochetearam no concreto do prédio à esquerda da entrada do beco, o que os colocou em ângulo torto. O nariz rombudo do carro atingiu uma pilha de destroços acumulados, latões de lixo e engradados quebrados. Atrás disso, tijolo sólido.

Richards foi lançado violentamente contra o painel de instrumentos

quando se chocaram com o obstáculo e seu nariz quebrou com um estalo súbito, o sangue esguichando com violência.

O carro parou inclinado no beco, um dos cilindros ainda tossindo um pouco. Parrakis era um silencioso monte de carne caída sobre o volante. Não havia tempo para ele, ainda.

Atirou o ombro contra a porta em perrada do passageiro. Ela se abriu violentamente e ele foi saltando sobre uma perna só até a boca do beco.

Recarregou a pistola com a mesma união que Bradley lhe fornecera numa caixa, nesse momento amassada. Cartuchos frios e graxentos ao toque. Deixou cair alguns no chão. O braço comecara a latejar com o um dente infeccionado, tornando-o doente e nauseado de dor.

Faróis transformaram a noite da via expressa urbana em um dia sem sol. A radiopatrulha derrapou pela esquina, pneus traseiros lutando para ganhar tração, despreendendo um cheiro forte de

borracha queimada. Marcas pretas riscaram em parábolas as juntas de expansão do metal. Logo depois, arremetia-se novamente. Segurando a arma com ambas as mãos, Richards encostou-se no prédio à esquerda. Em um momento, a polícia descobrira que não havia luzes traseiras à sua frente. O guarda que ia ao lado do motorista veria o beco, desconfiaria.

Sentindo o cheiro de sangue no nariz quebrado, com o eco da atirada, quase à queimada-roupa e, a essa distância, os projéteis de grosso calibre atravessaram o vidro à prova de bala como se fosse papel. Cada coice da pesada arma vibrava através do braço ferido, fazendo gritar.

O carro rugiu passando por cima do meio-fio, voou sem asas por uma curta distância e atingiu um muro no outro lado da rua. CONSERTOS DE FREE-VEE, dizia um cartaz no muro. PORQUE VOCÊ ASSISTE, DE CONSERTAR A GENTE NÃO DESISTE.

O carro da polícia, ainda a uns 30cm do chão, atingiu o muro em alta velocidade e explodiu.

Mas outros estavam vindo. Sem prever outros.

Arquejando, voltou ao carro a ar. A perna sadia estava muito cansada.

— Estou ferido — gemia em voz rouca Parrakis. — Estou muito ferido.

Onde está a mãe? Onde está minha mãe?

Richards caiu de joelhos, arrastou-se de costas para baixo do carro e, como um louco, começou a puxar lixo e destroços das câmaras de ar. O sangue do nariz quebrado escorria-lhe pelo rosto e se juntava atrás das orelhas.

...Menos 048

e CONTANDO...

O CARRO ESTAVA FUNCIONANDO com apenas cinco dos seus seis cilindros e não conseguia desenvolver mais do que 40km /h, e inclinado com o um bêbado sobre um dos lados.

Parrakis orientava-o do banco do passageiro, onde Richards o colocara rudemente. A coluna do volante penetrara em seu abdômen e com o se fosse um espigão de trilho e achava que ele estava morrendo. Sentiu nas palmas das mãos que seguravam o volante denteado o sangue ainda quente e pegajoso.

— Sinto muito — disse Parrakis. — Vire à esquerda aqui... Foi tudo realmente culpa minha. Eu devia ter sido mais cuidadoso. Ela... ela não regula bem. Ela não...

Tossiu e expeliu um coágulo de sangue preto no colo. As sirenes enchiam a noite, mas estavam muito atrás nesse momento e indo na direção oeste. Haviam saído da Estrada Marginal e nesse momento Parrakis orientava-o para estradas secundárias. Agora encontravam-se na Estrada 9, indo para o norte, e os subúrbios de Portland estavam se dissolvendo no campo estéril de outubro. Os maderneiros haviam passado por ali como se fossem gafanhotos e o resultado evidente era um confuso emaranhado de pântanos e árvores renascendo de tocos.

— Você sabe para onde está me e dizendo para ir? — perguntou Richards.

Ele era um a única mala de ferro em brasa de um lado a outro do corpo. Tinha absoluta certeza de que o tornozelo estava fraturado e nenhuma dúvida sobre o nariz. A respiração saía por ele como se passando por passagens achatadas.

— Para um lugar que eu conheço — respondeu Elton Parrakis, tossindo mais sangue. — Ela sempre me e dizia que a melhor maneira de um menino é a mãe dele. Você pode acreditar numa

coisa dessas? E eu acreditava. Você acha que vão me achucá-la? Levá-la para a cadeia?

— Não — respondeu secamente Richards, sem saber se a polícia faria isso ou não.

Faltavam 20 minutos para as 8h. Ele e Elton haviam deixado a Blue Dooer às 7:10h. E lhe parecia que haviam transcorrido décadas.

A uma grande distância, muitas sirenes se juntavam ao corpo geral. O

inqualificável em perseguição ao incomível, pensou incoerentemente. Se não agüenta o calor, saia da cozinha. Liquidara sozinho dois policiais. Outro prêmio para Sheila. Dinheiro sangrento. E para Cathy. Adoeceria e me orreria Cathy com leite com açúcar com dinheiro de recom pensa? Como vão vocês, minhas queridas?

Amo vocês duas. Aqui nesta estrada torta, maluca, que só serve para caçadores e casais à procura de um lugar para dar uma metida, eu amo vocês e desejo que tenham bons sonhos. Eu desejo...

— Vire à esquerda — grasnou Elton.

Richards guinou para a esquerda e subiu uma estrada em asfalto que cortava um campo aranhado de pesadelo de olmos, sumagreiras, pinheiros e

espruces que começavam a renascer depois do corte. Sentiu o cheiro de um rio gordo e sulfuroso com despejos industriais. Ramos baixos arranhavam a capota do carro soltando gritos de esqueletos. Passaram por uma tabuleta que informava: SUPERALAMEDA DE COMPRAS PINHEIRAL — EM

CONSTRUÇÃO — PROIBIDA A ENTRADA — INVASORES SERÃO

PROCESSADOS!

Chegaram ao alto da ladeira e lá estava a Superlam eda de Com pras Pinheiral. O trabalho ali devia ter sido suspenso há pelo m enos dois anos, pensou Richards, e as obras não estavam adiantadas quando isso acontecera. O lugar era um labirinto, um a coelheira de loj as e oficinas construídas pela m etade, pedaços abandonados de canos, pilhas de placas de concreto e tábuas, cabanas e enferruj ados abrigos pré-fabricados, tudo aquilo coberto com m oitas de j unífero, loureiro, capim silvestre, espruce azul, am ora-preta, am eixeira brava, e vara-de-ouro desnudadas. Buracos de fundações oblongos, escancarados, com o tum bas escavadas para deuses rom anos. Esqueletos enferruj ados de aço. Paredes de cim ento com a arm ação de aço proj etando-se para fora com o obscuros criptogram as. Terrenos nivelados por buldôzeres que deviam ter sido pátios de estacionam ento e que estavam nesse m om ento cobertos de m ato alto.

Em algum lugar no alto, um a coruja passou deslizando sobre as asas rígidas e silenciosas, à caça.

— Ajude-m e... a passar para o banco do m otorista.

— Você não está em condições de dirigir — respondeu Richards, em purrando com força sua porta, tentando abri-la.

— Isso é o m ínimo o que posso fazer — disse Elton Parrakis com grave e sangrenta absurdidade. — Vou bancar o coelho para atraí-los... guiarei até onde puder.

— Não — recusou Richards.

— Deixe-m e ir! — gritou ele para Richards, terrível e grotesco seu rosto de bebê. — Estou m orrendo e é m elhor que você m e deixe... — A voz sum iu e um horroroso ataque de tosses que provocou novos vômitos de sangue. O

cheiro do sangue era muito úmido ali no carro, como se aquilo fosse um matadouro. — Ajude-me — murmuro ele. — Sou gordo demais para fazer isso sozinho. Oh, Deus, ajude-me e a fazer isso.

Richards ajudou-o. Em pânico e levantou, suas mãos escorregaram e chapinhavam no sangue de Elton. O banco da frente parecia um chão de açougue. E Elton (quem poderia pensar que havia tanto sangue assim nele?) continuava a sangrar.

Finalmente, ele se aninhou com o um a cunha atrás do volante e o carro a ar com o eçou a subir aos arrancos, virando. As luzes de freio piscaram e apagaram, piscaram e apagaram e o carro chocou-se com árvores antes de Elton encontrar a saída dali.

Richards pensou que ouvira o som da queda, mas não houve nenhum a queda. O *thumpa-thumpa-thumpa* dos cilindros a ar tornou-se mais baixo, funcionando ao ritmo do cilindro enguiçado, que fundiria os outros dentro de uma hora, mais ou menos. O som desapareceu. Não ouviu mais nada, salvo o zumbido longínquo de um avião. Tardamente, lembrou-se que deixara na traseira do carro as muletas que com o para para fins de disfarce.

As constelações giravam indiferentes no alto.

Viu sua respiração em pequenas e congeladas baforadas. Fazia mais frio naquela noite.

Saiu da estrada e mergulhou na selva do canteiro de obras.

...Menos 047

e CONTANDO...

VIU UMA PILHA DE MATERIAL DE ISOLAMENTO no fundo de um buraco de porão e desceu usando com o suporte das m ãos os ferros da arm ação de cim ento arm ado. Descobriu por ali um pedaço de pau e bateu no tecido isolante para afugentar os ratos, se houvesse. Nada conseguiu tirar dali senão um a poeira grossa e fibrosa que o fez espirrar e uivar com as dores da explosão respiratória no nariz m uito quebrado. Nenhum rato. Todos os ratos estavam na cidade. Soltou um áspero zurro de riso que estourou entrecortado e estilhaçado na grande escuridão.

Enrolou-se em faixas de tecido até que se tom ou parecido com um iglu hum ano — m as quente. Encostou-se na parede e caiu num cochilo.

Quando acordou inteiram ente, um a lua tardia, não m ais do que um a réstia de luz, estava suspensa ainda no horizonte do leste. Continuava sozinho. Não ouviu som de sirenes. Seriam 3h da m anã, talvez.

O braço latej ava, dolorido, m as o sangue parará por si m esm o. Notou isso depois de tirar o braço de dentro do isolam ento e espanar delicadam ente as fibras de cim a do coágulo que se form ara. A bala de m etralhadora arrancara aparentemente um pedaço triangular bem grande de carne de um dos lados do braço, im ediatam ente acima do cotovelo. Achou que tinha sorte porque a bala não quebrara o osso. O tornozelo, porém , pulsava com um a dor forte e ininterrupta. O próprio pé parecia estranho e etéreo, quase sem ligação com o

corpo. Achou que a fratura devia ser exposta.

E assim cochilou novam ente.

Ao acordar, a cabeça estava m ais clara. A lua subira até a m etade da abóbada celeste, m as não havia sinal ainda de m anã, falsa ou verdadeira. *Ele estava esquecendo de alguma coisa...*

Lem brou-se com um a sensação desagradável e violenta.

Antes do meio-dia, tinha que pôr no correio dois cartuchos de fita gravada, para que chegasse ao Prédio dos Jogos antes das 18:30h, quando o programa era posto no ar. Isso significava viajar ou perder o dinheiro.

Bradley, porém, estava em fuga ou já fora capturado.

E Elton Parrakis não chegara a dar-lhe aquele nome em Cleveland.

E seu tornozelo estava fraturado.

Alguns a coisa grande (um cervo? Mas eles não estavam extintos no leste?) cruzou subitamente o meu ato baixo à sua direita, fazendo-o saltar. As faixas de isolamento deslizaram de cima de seu corpo como se fossem serpentes e puxou-as com dificuldade para abrigar-se novamente, fungando através do nariz quebrado.

Era um morador da cidade, em um Projeto de Desenvolvimento que recaía no estado de natureza no meio de parte nenhuma. De repente, a noite lhe pareceu viva e malévola, assustadora em si, cheia de calombos e rachaduras

incompreensíveis.

Respirando pela boca, passou em revista as suas opções e consequências.

Nada a fazer. Ficar simplesmente ali e deixar que as coisas esfriassem.

Consequências: o dinheiro que estava juntando, 100 dólares por hora, seria suspenso às 6h da noite. Estaria em fuga sem nada receber, mas a caçada não terminaria, nem mesmo o que conseguisse escapar dos caçadores durante todos os trinta dias.

A caçada continuaria até que ele fosse tirado de cena dentro de um caixão.

Enviar os cliques a Boston. Isso não poderia prejudicar Bradley ou a família, porque a proteção deles já fora estourada.

Conseqüências: 1) As fitas seriam sem dúvida nenhuma enviadas a Harding pelos Caçadores que vigiavam a correspondência de Bradley, mas, 2) eles poderiam ainda localizá-lo diretamente até o local de onde mandasse as fitas, sem uma franquilha de Boston para atrapalhar.

Enviar as fitas diretamente para o Prédio dos Jogos, em Harding.

Conseqüências: A caçada continuaria, mas ele seria provavelmente reconhecido em qualquer cidade suficientemente grande para ter um caixa do correio.

Todas eram péssimas as alternativas.

Obrigado, sra. Parrakis. Muito obrigado.

Levantou-se, jogando para o lado o material isolante e em cima dele atirou a bandagem inútil da cabeça. Ocorrendo-lhe outro pensamento, escondeu-o dentro do isolante.

Começou a procurar alguma coisa que pudesse usar com o muleta (a ironia de ter deixado no carro as muletas autênticas ocorreu-lhe novamente) e quando encontrou finalmente uma tábuinha que chegava a aproximadamente a altura da axila, jogou-a pela borda do buraco das fundações do subsolo e começou a subir laboriosamente pela armação de ferro.

Ao chegar ao alto, suando e tremendo de frio ao mesmo tempo, notou que não podia ver as mãos. A primeira leve luz cinzenta do amanhecer começou a penetrar na escuridão. Olhou saudoso para o Projeto de Desenvolvimento abandonado, pensando: *Isso teria sido um esconderijo excelente...*

Nada bom . Não devia ser um homem em esconderio, mas um homem em fuga. Não era isso que me antinhalta altos os índices de audiência?

...Menos 046

e CONTANDO...

JÁ ERA DIA CLARO HÁ DUAS HORAS e com eçara quase a convencer-se de que estava andando em grandes círculos quando ouviu, através das sarças e vegetação baixa de muitas, à frente, o chiado de carros a ar.

Continuou a andar, cauteloso, e entre a folhagem viu uma estrada asfaltada de duas pistas. Carros corriam nas duas direções com uma boa regularidade. Mais ou menos a uns 800m adiante, enxergou um amontoado de casas e o que era ou uma estação de fornecimento de ar ou um velho armazém geral com bombas na frente.

Continuou seu caminho, paralelo à estrada, caindo ocasionalmente.

Mãos e rosto eram um bordado de sangue produzido por espinhos e sarças, e tinha a roupa coberta de carrapichos. Desistira de tentar tirá-los. Flocos de algodãozinho-do-campo caíam leves de seus ombros, dando a impressão de que estivera metido numa briga de travesseiros. Estava me olhado dos pés à cabeça.

Conseguira safar-se bem nos dois primeiros riachos, mas, no terceiro, sua

“muleta” escorregara no fundo traiçoeiro e caíra de ponta-cabeça. A câmara era, claro, estava intacta. Era à prova de água e de choques. Claro.

Moitas e árvores com eçaram a rarear. Caiu sobre as mãos e os olhos e passou a engatinhar. Quando chegou até o lugar onde achou que podia ir com segurança, estudou a situação.

Encontrava-se em um terreno ligeiramente mais alto, uma península no mar de ervas— e muitas de segundo crescimento que vinha cruzando. Abaixo dele viu a estrada, algumas casas tipo rancho, e um armazém com bombas de ar.

Um carro estava parado ali nesse momento, sendo abastecido enquanto o motorista, um homem que usava uma jaqueta de camurça, conversava com o frentista. Ao lado da loja, juntamente com três ou quatro máquinas de vender chiclete e uma vendedora Mary Jane, havia uma caixa de correio, azul e vermelha. Estava a apenas uns 200m de distância. Olhando para ela, deu-se conta, argumentando, que se houvesse chegado ali antes da primeira luz do dia teria provavelmente depositado os cliques sem ser visto.

Bem, leite derramado e aquela lengalenga toda. Os melhores planos de ratos e homens.

Afastou-se até um ponto em que pôde instalar a câmera e fazer a gravação sem ser visto.

— Olá, todos vocês, maravilhosos, na terra da Free-Vee — com eçou.

— Este que vos fala é o jovial Ben Richards, falando-lhes durante minha excursão anual de contato com a natureza. Se olharem com atenção poderão ver o valente tangará escarlata ou o grande e mosqueado anão. — Fez uma pausa.

— Eles podem deixar que esta parte passe, mas não o resto. Se você é surdo e pratica leitura labial, lembre-se do que estou dizendo. Conte a um amigo ou vizinho. Espalhe a notícia. A Rede

está envenenando o ar que você respira e lhe negando proteção barata porque...

Gravou as duas fitas e colocou-as no bolso da calça. Muito bem. O que faria em seguida? A única maneira possível de conseguir era ir até ali, arm a na mão, depositar as fitas, e correr. Poderia roubar um carro. Afinal de contas, não era com o se eles não fossem saber onde se encontrava.

Aleatoriamente, calculou o quanto Parrakis viajara antes de ser abatido.

Sacou a arma e, nesse momento, ouviu a voz, surpreendentemente perto, aparentemente no ouvido esquerdo:

— Vam os, Rolf!

Seguiu-se uma saraivada de latidos que o fez saltar violentamente e teve apenas tempo de pensar: *Cães policiais, Cristo, eles trouxeram cães policiais*, quando alguma coisa enorme e preta irrompeu entre as montanhas e partiu com o um a flecha em sua direção.

A arma foi arrancada de sua mão e ele caiu de costas. O cão saltou em cima dele, um grande cão pastor alemão com um generoso traço de vira-lata, e com o seu lambeu o rosto e babou em sua camisa, a cauda vergastando o ar de um lado para o outro em vigorosos sinais de alegria.

— Rolf! Hei, Rolf! Rolf... oh, Deus! — Richards vislumbrou obscuramente pernas correndo vestidas de *jeans* e logo em seguida um menino puxava o cão para longe.

— Jesus, desculpe, meu amigo, Jesus, ele não me ordena. É burro demais pra me ordenar, ele é só brincalhão, ele... ele..! Poxa, o senhor está todo sujo! O senhor se perdeu?

Segurando Rolf pela coleira, o menino olhava para Richards com visível interesse. Era um menino bonito, bem construído de corpo, de talvez 11

anos de idade, e não havia em seu rosto nada de palidez e abatimento do menino do centro de cidade. Nas suas feições, algo desconfiado e estranho, mas também bem conhecido. Após um momento, Richards descobriu o que era. Era inocência.

— É... — disse secamente. — Eu me perdi.

— Poxa, o senhor deve ter caído um bocão por aí.

— Quanto a isso, cá me esmo, meu chapa. Quer dar um bom olhar na minha cara e me dizer se estou muito machucado? Eu me esmo não posso ver, com o sabe.

O menino inclinou-se obediente para a frente e examinou-lhe o rosto.

Nenhum sinal de reconhecimento aparente. Richards ficou satisfeito.

— Está toda arranhada... machucada — disse o menino (falava com um ligeiro sotaque da Nova Inglaterra, não exatamente Leste Puro, mas um pouco refina do, sardônico) — mas o senhor vai sobreviver. — franziu as sobrancelhas. — O senhor fugiu de Thomaston? Sei que não é de Pineland porque não parece um retardado.

— Eu não fugi de lugar nenhum — respondeu Richards, conjecturando consigo mesmo se isso era verdade ou mentira. — Eu estava fazendo uma excursão a pé. É um mau hábito, meu chapa. Você nunca faz isso, faz?

— Nunca — garantiu sério o menino. — Nestes dias há uns tipos malucos na cidade correndo pelas estradas. É isso o que meu

pai diz.

— Ele tem toda razão — concordou Richards. — Mas eu simplesmente tinha que ir a... — estalou os dedos numa pantomima de poxa-simplesmente-e-esqueci-do-diabo-do-nome. — Você sabe, já atópoto.

— O senhor deve querer dizer Voigt Field.

— Isso mesmo.

— Jesus, isso fica a uns 160km daqui, mesmo. Em Derry.

— Eu sei — respondeu melancólico Richards, e passou a mão sobre a pelagem de Rolf. O cachorro rolou obedientemente no chão e bancou o morto.

Richards com bateu um a súbita vontade de soltar uma risada. — Peguei uma carona na fronteira de New Hampshire com três vermes. Uns caras realmente aus. Espancaram-me, roubaram minha carteira e me jogaram num *shopping center* abandonado...

— Hei, eu conheço aquele lugar. Poxa, quer ir até lá em casa tomar o café da manhã?

— Eu gostaria, mesmo, meu chapa, mas ia ser uma perda de tempo.

Tenho que chegar ao já atópoto até o anoitecer.

— Vai pegar outra carona? — perguntou o menino, esmialhando os olhos.

— Vou ter que pegar. — Richards fez um enção de levantar-se e depois voltou a sentar-se como se lhe tivesse ocorrido uma grande idéia. — Escute, você me faria um favor?

— Acho que sim — respondeu cauteloso o menino.

Richards tirou do bolso duas fitas gravadas.

— Estes aqui são saques de dinheiro com postagem paga — disse, im provisando habilmente. — Se você botar isso numa caixa de correio para mim, minha com panhia mandará um bocado de dinheiro para mim em Derry.

Depois disso, eu poderei viajar por minha própria conta.

— Mas sem endereço?

— Essas encomendas seguem diretas — explicou Richards.

— Claro, tudo bem. Há uma caixa de correio lá na Jarrok's Store. —

Levantou-se, seu rosto inexperiente incapaz de disfarçar o fato de que ele pensava que Richards estava entendendo em sua cara. — Vamos, Rolf.

Ele deixou que o menino se afastasse por uns cinco metros e depois disse:

— Não. Venha aqui novamente.

O menino virou-se e voltou, arrastando os pés. Havia medo em seu rosto. Claro, na história contada por Richards havia buracos largos o suficiente para que um caminhão passasse por eles.

— Vou ter que lhe contar tudo, acho — disse Richards. — Eu lhe contei a verdade na maior parte da história, meu chapa. Mas não queria me arriscar à possibilidade de que você andasse falando por aí.

O sol matutino de outubro batia maravilhosamente quente em suas costas e pescoço e sentiu vontade de passar, se pudesse, o

dia inteiro naquela colina e dormir docemente um fugitivo calor de outono. Apanhou a arma onde ela caíra e depois deixou-a cair mais longe na grama. Os olhos do menino se esbugalharam.

— Governo — disse tranquilamente Richards.

— Jesus! — murmurou o menino.

Rolf sentou-se ao lado dele, a língua rosada pendendo bonita de um lado da boca.

— Ando à procura de uns caras muito perigosos. Você pode ver o que fizeram comigo, a coca que me deram. Esses cliques que estão com você *tem* que ser enviados.

— Eu boto eles no correio — respondeu quase sem fôlego o menino. —

Jesus, espere só até eu contar...

— A ninguém — cortou-o Richards. — Não conte a ninguém por
24

horas. Pode haver represálias — acrescentou sinistramente. — De modo que, até amanhã a esta hora, você nunca me viu. Compreendeu?

— Claro! Compreendi!

— Então, vá agora. E obrigado, meu chapa.

Estendeu a mão, que o menino apertou mais docemente.

Richards ficou observando-os enquanto eles trotavam ladeira abaixo, o menino vestindo uma camisa vermelha axadrezada enquanto o cachorro rompia alegremente a grama baixa a seu lado. *Por que minha Cathy não pode ter uma coisa assim?*

O rosto contorceu-se em uma expressão apavorante e inteira mente inconsciente careta de raiva e ódio e poderia ter amaldiçoado o próprio Deus se um alvo melhor não houvesse se interposto na tela escura de sua mente: a Federação dos Jogos. E atrás dela, com o som bra de um deus mais sombrio, a Rede.

Observou até que viu o menino, tornado minúsculo pela distância, depositar as fitas na caixa do correio.

Levantou-se duro, ajustou a muleta sob a axila, e voltou a penetrar na mata, traçando um curso oblíquo em direção à estrada.

O jogo acabou, então. E talvez alguém mais pagasse o que devia antes que tudo aquilo acabasse.

...Menos 045

e CONTANDO...

VIRA UM CRUZAMENTO cerca de quilômetros e meio para trás e foi aí que abandonou o bosque, começando a andar desajeitado pelo acostamento de cascalho entre o mato e a estrada.

Sentou-se em seguida com o um homem em que desistiu de pegar uma carona e resolveu em vez disso desfrutar o quente sol de outono. Deixou que passassem os dois primeiros carros. Em ambos notou a presença de dois homens e julgou que os riscos eram muito grandes.

Mas quando o terceiro aproximou-se do sinal de parada, levantou-se. A sensação de encurralamento voltara. Toda aquela área devia ser perigosa, pouco importava que distância Parrakis pudesse ter percorrido. O carro seguinte poderia ser da polícia e isso significaria o fim do jogo.

Viu um a mulher no carro, e sozinha. Nem o olhou. Tom adores de carona eram pessoas desagradáveis e deviam ser ignorados. Ele abriu com um puxão a porta do passageiro e saltou para dentro no momento em que o carro começou a acelerar. Foi apanhado pelo impulso e jogado de lado, um a mão agarrando-se desesperadamente à maçaneta da porta e o pé bom arrastando-se no chão da estrada.

Silvo de freios e o carro guinando loucamente.

— Que... quem ... o senhor não pode...

Richards apontou-lhe a arma, sabendo que devia parecer grotesco assim de perto, com o um homem em que fora passado por um mau odor de carne. A imagem feroz ser-lhe-ia útil. Puxou o pé para dentro e bateu com força a porta, a arma não se mexendo nem um centímetro. A mulher estava vestida para ir à cidade e usava óculos de sol envolventes. Bonitona, pelo que podia ver.

— Siga — disse Richards.

Ela fez o previsível. Pisou nos freios com ambos os pés e gritou.

Richards foi lançado para a frente, o tornozelo ferido arrastando com uma dor insuportável pelo piso do carro a ar, que se sacudiu e parou no acostamento, a uns 15 metros além do cruzamento.

— Você é aquele... você é aquele... R... R... R...

— Ben Richards. Tire as mãos do volante. Ponha-as no colo.

A mulher obedeceu, tremendo convulsivamente. Não queria olhar para ele. Receosa, pensou Richards, de ser transformada em pedra.

— Qual é o seu nome, homem?

— A-Am elia William s. Não atire em mim . Não me mate. Eu... eu...

pode ficar com meu dinheiro, *apenas, por amor de Deus, não me maaaaaaa...*

— Psiu — disse Richards, tranquilizando-a. — Psiiiu, psiiiu! — Logo que ela se acalmou um pouco, continuou: — Não vou tentar me ular sua opinião

sobre mim , sra. William s. É senhora?

— É... — respondeu ela automaticamente.

— Mas não tenho intenção de lhe fazer mal. Compreendeu isso?

— Compreendi — retrucou ela, subitamente animada. — O senhor quer um carro. Pegaram seu amigo e agora o senhor precisa de um carro. Pode levar este... está no seguro... não vou nem mesmo contar a ninguém . Juro que não contarei. Digo que alguém o roubou no pátio de estacionamento...

— Falarem os disso depois — interrompeu-a Richards. — Comece a guiar. Suba a Estrada 1 e conversem os a respeito. Há barreiras na estrada?

— Não... há, sim . Centenas. Eles vão pegá-lo.

— Não me minta, sra. William s. Sim ?

Ela começou a guiar, erradamente no começo e depois com mais suavidade. O movimento parecia acalmá-la. Richards repetiu a pergunta sobre barreiras na estrada.

— Lá em Lewiston — respondeu ela com assustada infelicidade.

— Foi lá que pegaram aquele outro ver... aquela pessoa.

— A que distância fica isso?

— Uns 50km ou m ais.

Parrakis conseguira chegar m ais longe do que Richards j am ais teria sonhado.

— Você vai m e estuprar?

Am élia William s fez a pergunta tão subitam ente que Richards quase estourou na gargalhada.

— Não — respondeu em voz com um . — Eu sou casado.

— Eu a vi — disse ela com um a espécie de incredulidade risonha que fez Richards querer esm agá-la ali m esm o.

Coma lixo, sua puta. Mate o rato que estava escondido na caixa de pão, mate-o como uma vassoura e depois veja como fala a respeito de minha mulher.

— Posso descer aqui? — perguntou ela, suplicante, e ele, novam ente, sentiu um pouco de pena dela.

— Não — retrucou. — A senhora é m inha proteção, sra. William S.

Tenho que chegar ao Voigt Field, em um lugar cham ado Deny. A senhora vai dar um j eito para eu chegar lá.

— Isso fica a 240km ! — gem eu ela.

— Alguém m e falou em 100km .

— Enganou-se. O senhor nunca conseguirá chegar lá.

— Eu poderia — disse ele, e fitou-a. — E a senhora, tam bém , se fizer as coisas certinhas.

Ela voltou a trem e, mas nada disse. A atitude dela era de uma mulher que queria acordar.

...Menos 044

e CONTANDO...

VIAJARAM PARA O NORTE através de um outono que queimava com o um a tocha.

As árvores não estavam muitas tão ao norte assim, assassinadas pela fumaça volumosa de Portland, Manchester e Boston, mas se vestiam de todas as tonalidades de amarelo, vermelho, púrpura brilhante. Despertaram nele uma sensação de dolorosa melancolia. Era um sentimento que nunca suspeitara que suas memórias poderiam ter abrigado há apenas duas semanas. Em mais um mês, a neve cairia e cobriria tudo aquilo.

Tudo terminava no outono.

Ela pareceu com preguiça o estado de espírito e permaneceu calada. O movimento na estrada, a viagem, preenchia o silêncio entre eles, tranquilizava-os. Deslizaram sobre a água em Yarmouth e depois houve apenas bosques, trailers e choupanas miseráveis, com "casinhas" ao lado (ainda assim, podia-se sempre ver a ligação por cabo da Free-Vee, soldada em baixo de um peitoril de madeira arriada, sem pintura ou ao lado de uma porta com a dobradiça quebrada, piscando e fazendo sinais sem afônicos ao sol) até que entraram em Freeport.

Viram três carros da polícia estacionados pouco antes da cidade, os

guardas reunidos numa espécie de conferência à beira da estrada. A mulher enrijeceu-se com o olhar e, o rosto desesperadamente pálido. Richards, porém, sentiu-se calmo.

Passaram pela polícia sem despertar atenção, e ela afundou-se no assento.

— Se estivessem monitorando o tráfego, teria vindo atrás de nós com o um a bala — observou casualmente Richards. — Para todos os efeitos você parece ter escrito na testa: BEN RICHARDS ESTÁ NESTE CARRO.

— Por que não me solta? — explodiu ela, e no mesmo instante hausto perguntou: — Tem um baseado por acaso?

Ricos fumam Dokes. O pensam então fê-lo soltar um a gargalhada irônica e sacudiu a cabeça.

— Está rindo de mim? — perguntou ela, magoadas. — Você tem coragem, não tem, seu assassinozinho covarde! Quase me matando de medo e provavelmente pensando em me matar com o matou aqueles pobres rapazes em Boston...

— Havia um a grossa inteira daqueles pobres rapazes — lembrou —, todos eles prontos para me matar. É esse o trabalho deles.

— Matando por dinheiro. Disposto a fazer tudo por dinheiro. Querendo roubar o país. Por que não procura um trabalho decente? Porque é preguiçoso demais! Gente com o você cospe na cara de tudo o que é decente.

— Você é decente? — perguntou Richards.

— Sou — respondeu ela, furiosa. — Não foi por isso que me escolheu?

Porque eu era indefesa... e decente? Para que pudesse me usar, arrastar-me para seu baixo nível e depois rir?

— Se a senhora é tão decente, como é que arranjou seis mil novos dólares para comprar este carro de luxo enquanto minha

filhinha m orre de influenza?

— O quê... — Ela pareceu aturdida. A boca com eçou a abrir-se m as ela fechou-a com um estalo. — Você é um inim igo da Rede — disse. — É isso o que a Free-Vee diz. Eu vi algum as das coisas revoltantes que você fez.

— Sabe o que é revoltante? — perguntou Richards, acendendo um cigarro do m aço que estava sobre o painel. — Eu lhe digo. É revoltante ser posto na lista negra porque a gente não quer aceitar um trabalho na General Atom ics que nos torna estéreis. É revoltante ficar sentado em casa e ver sua m ulher ganhando o dinheiro das com pras deitada de costas com as pernas abertas. É

revoltante saber que a Rede está m atando m ilhões de pessoas todos os anos com poluentes atm osféricos, quando podia estar fabricando filtros nasais por seis dólares a peça.

— Você está m entindo — retrucou ela, os nós dos dedos ficando brancos no volante.

— Quando isto acabar — prosseguiu Richards —, a senhora pode voltar para seu belo apartam ento dúplex de dois níveis, acender um Doke, entrar num barato e adorar a m aneira com o sua nova prataria brilha na cristaleira. Não há no seu bairro ninguém que corra atrás de ratos com um cabo de vassoura ou defeque no alpendre do fundo porque o vaso está entupido. Conheci um a m enininha de cinco anos que sofria de câncer pulm onar. O que acha disso com o coisa revoltante?

— O que... Pare! — gritou ela. — *Você está dizendo coisas sujas!*

— Isso m esm o — concordou ele, olhando para o cam po que passava pela j anela.

O desam paro saturou-o com o se fosse água fria. Não havia um terreno com um de com unicação com esses belos afortunados. Viviam em um a altitude em que o ar era rarefeito. Sentiu um a ânsia súbita de obrigar aquela m ulher a parar, j ogar aqueles óculos de sol no cascalho, arrastá-la pela terra, obrigá-la a com er pedra, estuprá-la, saltar sobre ela, quebrar-lhe os dentes, despi-la e perguntar-lhe se ela estava com eçando a ver o grande quadro, o que é apresentado 24 horas por dia no Canal 1, onde o hino nacional nunca é tocado antes do encerram ento de um program a.

— Isso m esm o — m urm urou. — Conversa suj a é com igo!

...Menos 043

e CONTANDO...

CONSEGUIRAM CHEGAR MAIS LONGE do que tinham qualquer direito de ir, pensou. Percorreram toda aquela distância até um a bonita cidadezinha à beira-m ar cham ada Cam den, a m ais de 160km do local onde pegara um a carona com Am élia Williams.

— Escute — disse ele no m om ento em que entravam em Augusta, a capital do Estado —, há um a boa probabilidade de que nos descubram aqui. Eu não tenho a m enor vontade de m atá-la. Com preendeu isso?

— Com preendi — respondeu ela, e, cheia de ódio: — Você precisa de um a refém .

— Exato. De m odo que se um tira aparecer atrás de nós, pare.

Im ediatam ente. Abra a porta e incline-se para fora. Sim plesm ente, incline-se.

Sua bunda não deve deixar o assento. Com preendeu?

— Com preendi.

— Grite: Benjamín Richards me tome com o refém. Se não der passagem livre a ele, ele me mata.

— E você pensa que *isso* vai funcionar?

— É melhor que funcione — retrucou ele com tensa zombaria.—
É a sua bunda que está em jogo.

Ela mordeu o lábio e continuou calada.

— Vai funcionar. Acho. Logo, logo haverá um a dezena de cinegrafistas free lancer por aí, na esperança de pegar algum dinheiro dos Jogos ou mesmo um Prêmio Zapruder. Com esse tipo de publicidade, a polícia terá que jogar limpo. Sinto que não vá ver nós dois morrerem em uma saravada de balas, de modo que eles possam falar hipocritamente em você com o último a vítima de Ben Richards.

— Por que é que você *diz* essas coisas? — explodiu ela. Ele não respondeu. Simplesmente afundou-se no assento até que ficou de fora apenas o alto da cabeça e esperou as luzes azuis no espelho retrovisor do carro.

Mas não houve luzes azuis em Augusta. Continuaram durante mais hora e meia, bordejando o oceano enquanto o sol começava a desambar para oeste, captando pequenas faíscas e cristas de onda, cruzando campos, transpondo pontes e através de abetos.

Passava das 2h da tarde quando terminaram uma curva não muito longe de Camden e viram um bloqueio de estrada: dois carros da polícia estacionados de cada lado da estrada. Dois policiais estavam examinando a situação de um fazendeiro que guiava uma velha *pick-up*. Com um gesto mandaram-no prosseguir viagem.

— Rode-me aí uns 70m e pare — disse Richards. — Faça com o eu lhe disse.

Ela estava pálida, mas, aparentemente, no controle de si mesma.

Resignada, talvez. Aplicou os freios normais e o carro acabou parando no meio da estrada, a uns 50m do ponto de vistoria.

O miliciano que segurava uma prancheta mandou-a seguir, imperiosamente, com um gesto de mão. Continuando a parada, ele olhou interrogativamente para o com panheiro. Um terceiro guarda, que estivera sentado dentro de um dos carros, com os pés para cima, pegou logo o microfone portátil sob o painel e começou a falar rapidamente.

Lá vamos nós, pensou Richards. Oh, Deus, lá vamos nós.

...Menos 042

e CONTANDO...

O DIA ESTAVA MUITO CLARO (a chuva constante de Harding parecia a anos-luz de distância) e tudo era muito nítido, claramente definido. As sombras dos milicianos davam uma impressão de que traçadas a *crayon*. Nesse momento estavam soltando as finas tiras que prendiam as coronhas de suas armas. A sra.

Williams abriu a porta e inclinou-se para fora.

— Não atirem, por favor — disse, e pela primeira vez Richards deu-se conta de como era cultivada a voz dela, como era rica. Em outras circunstâncias, ela poderia estar em uma sala de visitas, se fossem esquecidos os nós de dedos brancos e uma veia que tremia como um passarinho assustado em seu pescoço.

Aberta a porta, sentiu o odor fresco, revigorante, de pinheiros e capim rabo-de-gato.

— Saia do carro com as mãos sobre a cabeça — disse o policial que segurava a prancheta. Falava com o se fosse um a máquina bem programada.

Modelo 6925-A9 da General Automóveis, pensou Richards. O miliciano Hicksville, baterias de rádio de 16-pism incluídas. Só fornecido na cor branca. — A senhora e seu passageiro, meu amigo. Nós o estamos vendo.

— Meu nome é Amélia Williams — respondeu ela em voz muito clara.

— Não posso descer do carro, com o quer. Benjamin Richards está-me detendo aqui com o refém. Se não lhe der trânsito livre, ele disse que me mata.

Os dois policiais se entreolharam e algo muito perceptível passou entre eles. Richards, com os nervos esticados a um ponto tal que parecia operar um sétimo sentido, percebeu.

— *Guie!*— gritou.

Ela fitou-o, confusa.

— Mas eles não vão...

A prancheta caiu na estrada. Os dois policiais arriaram-se em postura ajoelhada quase no mesmo instante, armas à vista, seguradas com força na mão direita, a mão esquerda firmando o pulso direito. Um em cada lado da linha branca sólida no meio da estrada.

Richards pisou com o pé ferido no pé direito de Amélia Williams, seu rosto se contorcendo numa máscara de tragédia de dor

quando os ossos do tornozelo fraturado arranharam uns nos outros. O carro a ar arrancou.

No momento seguinte, dois socos perfurantes atingiram o carro, fazendo-o vibrar. Um segundo depois, o pára-brisa voou para dentro, cobrindo os dois com fragmentos dos vidros de segurança. A mulher ergueu as mãos para proteger o rosto, enquanto Richards inclinava-se selvagemente sobre ela, girando o volante.

Passaram com o um a bala pelo espaço entre os carros estacionados.

Richards captou um vislumbre dos milicianos girando para atirar novamente e depois concentrou toda a atenção na estrada.

Subiram uma pequena elevação e logo depois mais um *oco thutmm!*

quando uma bala abriu um buraco na lateral do carro. O carro com o eçou a rabeir e Richards agarrou com força o volante girando-o em arcos cada vez maiores.

Obscuramente, notou que a sra. Williams estava gritando.

— Guie! — berrou para ela. — Guie, droga! Guie! Guie!

As mãos da mulher procuraram reflexivamente o volante e encontraram-no. Ele soltou-o e com a mão aberta arrancou-lhe dos olhos os óculos de sol, que ficaram pendurados de uma orelha por um instante e depois caíram.

— Parem !

— Eles atiraram em nós. — A voz dela com o eçou a subir. — Eles atiraram em nós. Eles *atiraram* em ...

— *Parem!*

O uivo das sirenes aum entou às costas deles.

Ela parou, desajeitada, lançando o carro em uma violenta meia-volta que jogou cascalho no ar.

— Eu disse a eles e eles tentaram nos matar — disse ela, espantada. —

Tentaram nos matar.

Mas ele já descera do carro, capangando canhestramente na direção de onde haviam vindo, a pistola na mão. Perdeu o equilíbrio e caiu pesadamente, arranhando o joelho.

Quando a primeira viatura apareceu no lado da ladeira, ele estava sentado no acostamento da estrada, a pistola em punhadura firme e ao nível do ombro. O carro estava desenvolvendo uns 125km/h e acelerando ainda; algum caubói do interior ao volante, com motor de mais na frente e visões de glória nos olhos. Talvez o tenham visto, talvez tenham tentado parar. Não importava. Não havia pneus à prova de bala naqueles carros. O motor próximo a dele explodiu como se tivesse dinamite dentro. A radiopatrulha decolou com um pesado pássaro, em alta velocidade pelo acostamento, em um vôo uivante e descontrolado, chocando-se com o tronco de um enorme olmo. A porta do motorista abriu-se brusquemente. O motorista passou pelo pára-brisa como se fosse um torpedo e voou uns 30m antes de cair numa moita.

O segundo carro surgiu desenvolvendo quase a mesma velocidade e Richards precisou de quatro tiros para acertar num pneu. Duas balas levantaram areia perto do lugar onde ele se encontrava. Esse carro derrapou em uma fumacenta meia-volta e rolou três vezes sobre si mesmo, espalhando vidro e metal.

Levantou-se com dificuldade, olhou para baixo e viu a camisa escurecendo aos poucos, imediatamente acima do cinto. Voltou saltitando para o carro a ar e depois caiu sobre o rosto quando a segunda radiopatrulha explodiu, vomitando estilhaços por cima e em volta dele.

Voltou a levantar-se, produzindo estranhos sons de choro. O lado do corpo que fora atingido com ecoou a latejar em ciclos lentos e dolorosos.

A mulher poderia ter fugido, talvez, mas não fez esforço nenhum nesse sentido. Olhava, transfixada, para o carro da polícia em chamas na estrada.

Quando Richards entrou, ela se encolheu, afastando-se dele.

— Você os matou. Você matou aqueles homens.

— Eles tentaram matar-me e matar. E a você, também. Guie. Rápido.

— ELES NÃO TENTARAM ME MATAR!

— *Guie!*

Ela guiou.

A máscara de jovem e abastada *hausfrau* de volta de compras no supermercado pendia nesse momento rasgada, em frangalhos. Por baixo dela havia alguma coisa da caverna, alguma coisa com lábios contorcidos e olhos rolantes. Talvez houvesse estado ali o tempo todo.

Percorreram cerca de 8km e chegaram a um armazém e posto de abastecimento de ar na estrada.

— Pare — ordenou Richards.

...Menos 041

e CONTANDO...

— DESÇA.

— Não.

Ele enfiou a arm a no seio direito dela e a m ulher choram ingou:

— Não faça isso. Por favor.

— Sinto m uito, m as não há m ais tem po para você bancar a prim a-dona. Desça.

Ela desceu e ele deslizou atrás dela.

— Deixe eu m e apoiar em você.

Passou o braço em volta dos om bros dela e com a arm a apontou para a cabine telefônica ao lado da m áquina de vender gelo. Com eçaram a andar nessa direção, parecendo um grotesco par de teatro de variedades, Richards saltando sobre o pé sadio. Sentia-se cansado. Mentalm ente, viu os carros estourando, o corpo voando com o um torpedo, a explosão. As cenas se repetiam , com o se fosse um a volta contínua de fita gravada.

O proprietário do arm azém , um tipo idoso, cabelos brancos, pernas m agrelas por trás de um suj o avental de açougueiro, saiu da casa e fitou-os com olhos preocupados.

— Hei — disse em voz hum ilde. — Não quero vocês aqui. Eu tenho fam ília. Continuem na estrada. Por favor. Não quero problem a.

— Entre, papai — disse Richards.

O hom em entrou.

Richards entrou frouxamente na cabine, respirando pela boca e enfiou 50 cents na ranhura. Segurando a arma e o aparelho com uma única mão, digitou 0. Que central é esta, telefonista?

— Rockland, senhor.

— Ligue-me com a agência de notícias local, por favor.

— O senhor pode discar, senhor. O número é...

— Disque você.

— O senhor deseja...

— *Simplesmente, disque!*

— Sim, senhor — respondeu imperturbável a telefonista.

Richards ouviu cliques e estalidos. O sangue escurecera em sua camisa e nesse momento tinha uma cor púrpura suja. Desviou a vista. Aquilo fazia-o sentir vontade de vomitar.

— Noticiário de Rockland — disse uma voz em sua orelha. —
Tablóide Número 6943 da Free-Vee.

— Quem está falando aqui é Ben Richards.

Houve um longo silêncio. Em seguida:

— Escute aqui, verme, eu preciso tanto de uma piada com o
qualquer outro cara, mas as coisas têm sido um dia muito, muito...

— Cale-se. Você vai ter confirmação disso dentro de dez minutos,
no máximo. E pode tê-lo agora, se tem um rádio que opera na faixa da polícia.

— Eu... espere um segundo.

No outro lado da linha, ele ouviu o som de um telefone que caía de um m ão e ficava pendurado pelo fio. Em seguida, o telefone foi recuperado e a voz falou, dura e prática, m as com um subtom de excitação.

— Onde é que você está, cara? Metade dos tiras da região leste do Maine acaba de passar por Rockland... m ais ou m enos às 10:10h Richards espichou o pescoço para ler o nom e do arm azém .

— Em um lugar cham ado Gilly 's Town Line Store & Airstop, na Estrada Federal. Conhece o lugar?

— Conheço. Sim plesm ente...

— Você é que m e escuta, verm e. Não liguei para lhe contar a história de m inha vida. Mande um a equipe de cinegrafistas para aqui. Rápido. E ponha isso no ar. Boletim Extra. Tenho um a refém . O nom e dela é Am élia Williams.

De... — olhou para ela.

— Falm outh — disse ela, infeliz.

— De Falm outh. Quero salvo-conduto ou m ato-a.

— Jesus! Estou sentindo o cheiro do Prêm io Pulitzer!

— Não, você sim plesm ente cagou nas calças, só isso. — disse Richards.

Sentia-se m eio tonto. — Divulgue isso. Quero que os porcos da Milícia Estadual saibam que não estou sozinho. Três deles num a barreira da polícia tentaram nos m atar.

— O que foi que aconteceu com esses policiais?

— Matei-os.

— Todos três? Notícia quente! — A voz afastou-se do telefone e gritou para um lugar a algum a distância: — Dick, abra o cabo nacional!

— Eu vou m até-la, se eles atirarem — disse Richards, simultaneamente tentando injetar sinceridade na voz e lembrar-se de todos os filmes de gângster que vira na televisão no tempo de criança. — Se querem salvar a mulher, é melhor que me deixem passar

— Quando...

Richards desligou e saiu desajeitado da cabine.

— Ajude-me.

A mulher pôs um braço em volta dele, fazendo uma careta para o sangue.

— Compreendo o que está fazendo?

— Compreendo.

— Isso é loucura. Você vai ser morto.

— Siga para o norte — murmurou ele. — Simplesmente, siga para o norte.

Entrou no carro, respirando com dificuldade. O mundo insistia em aparecer e desaparecer. Música atonal, alta, feria-lhe os ouvidos. A mulher pôs o carro na estrada. O sangue dele manchou-lhe a elegante blusa verde com listras pretas. O velho, Gilly, abriu a porta numa fresta e por ela surgiu uma velha câmera Polaroid. Apertou o obturador, puxou a fita, e esperou. Tinha o rosto pintado de horror, em ócio e deleite.

À distância, o som de sirenes que aum entavam de volum e e convergiam .

...Menos 040

e CONTANDO...

VIAJARAM UNS 8KM ANTES que pessoas com eçassem a correr para seus gram ados fronteiros a fim de vê-los passar. Muitas delas traziam câm eras fotográficas. Richards relaxou.

— Naquela barreira, eles atiraram nos bolsões de ar — disse ela em voz baixa. — Foi um erro. É isso o que foi. Um erro, se aquele verm e estava atirando num bolsão de ar quando destruiu o pára-brisa, então deve ter havido naquela arm a um aparelho de pontaria de um m etro de altura.

Foi um erro.

Nesse m om ento entravam no distrito residencial do que achou que era Rockland. Casas de veraneio. Estradas de areia levando a bangalôs à beira-m ar.

Breeze Inn. Estrada Particular. Só Eu e Patty. Entrada Proibida. Intrusos Serão Recebidos a Bala. Cloude-Hi. 5000 Volts. Set-A. Spell. Cães Policiais Soltos.

Olhos doentios e rostos fam intos fitando-os de trás de árvores, com o se fossem gatos Cheshire. O estridor de Free-Vees a bateria entrava pelo pára-brisa quebrado.

Um ar alucinado, sobrenatural, de carnaval em tudo.

— Essas pessoas — observou Richards — querem apenas ver alguém sangrar. Quanto m ais, m elhor. E prefeririam que fôssem os nós dois. Pode acreditar num a coisa dessas?

— Não.

— Neste caso, eu a saúdo.

Um homem idoso, cabelos brancos, usando bermudas de tecido madras que lhe descia aos joelhos, correu para a borda da estrada. Trazia uma grande câmera, com lentes de telefoto. Começou a tirar fotos feito um alucinado, dobrando-se e abaixando-se. Suas pernas eram brancas como a barriga de peixe.

Richards estourou de repente numa gargalhada que parecia um zorro, sobressaltando Amélia.

— O que...

— Ele não tirou o protetor da lente — disse Richards. — Ele não...

O riso, porém, domou-o.

Carros congestionavam o acostamento da estrada no momento em que chegaram ao alto de uma longa e suave ladeira e começaram a descer em direção à própria cidade de Rockland. Talvez ela houvesse sido outrora uma pitoresca aldeia de pescadores na costa, cheia de personagens de Winslow Homer vestidos de impermeáveis amarelos que saíam em pequenos botes para pegar as astuciosas lagostas. Se assim, aquilo tudo era coisa de passado distante.

Nesse momento havia um enorme *shopping center* de cada lado da estrada, uma rua principal de espeluncas, bares, e agências de aluguel de carros. E também residências de classe média nas alturas que davam para a rua principal e uma favela crescente nascendo na borda rançosa da água. O mar no horizonte

continuava ainda o mesmo. Brilhava, azul e imemorial, cheio de pontos dançantes de luz ao sol de fins de tarde.

Iniciaram a descida e viram dois carros da polícia atravessados na estrada. As luzes azuis acendiam e apagavam irregularmente, loucamente e fora de sincronia entre si. Estacionado em um ângulo no acostamento esquerdo, um carro blindado, armado com um canhão curto, grosso, apontava para eles.

— Você está perdido — disse ela, quase com pena. — Eu também tenho que morrer?

— Pare a 50m da barreira da polícia e faça o que tem que fazer —

respondeu Richards.

Deslizou para baixo no assento. Um tique nervoso com ecoou a aparecer-lhe no rosto.

A mulher abriu a porta, mas não se inclinou para fora. Havia um silêncio mortal no ar. *O silêncio caiu sobre a multidão*, pensou ironicamente Richards.

— Estou com medo — confessou a mulher. — Por favor. Estou com tanto medo.

— Eles não atirarão em você — retrucou ele. — Há gente demais por aí. Ninguém mata reféns, a menos que ninguém esteja olhando. Essas são as regras do jogo.

Ela fitou-o por um momento e ele, de repente, desejou que pudessem tomar juntos um xícara de café. Escutaria com toda atenção a conversa dela e

exerceria o creme na xícara quente — ofereceu dela, claro. Discutiriam em seguida as possibilidades de desigualdade social, a maneira como as coisas sem precedentes quando a gente usa botas de borracha, e a importância de ser sério.

— Vá em frente, sra. Williams — disse ele com suave e tensa zombaria. — Os olhos do mundo estão pousados na senhora.

Ela inclinou-se para fora.

Seis carros da polícia e outro carro blindado haviam parado a uns 30m atrás deles, cortando-lhes a retirada.

Ele pensou: *Agora o único caminho de fuga é direto para cima e para o céu.*

...Menos 039

e CONTANDO...

— MEU NOME É AMÉLIA WILLIAMS. Benjamin Richards está me entendendo com o refém. Se não lhe derem salvo conduto, ele diz que me mata.

Silêncio durante um momento, tão completo que Richards ouviu o ronco distante do apito pneumático de algum iate ao largo.

Em seguida, o berro assexuado, amplificado:

— QUEREMOS FALAR COM BEN RICHARDS.

— Não — respondeu imediatamente Richards.

— Ele diz que não tem nada a falar.

— SAIA DO CARRO, MADAME.

— Ele diz que me mata! — gritou ela, alucinada. — Será que vocês não escutam? Alguns homens quase nos mataram lá atrás! Ele diz que vocês não se

im portam com quem m atam . *Meu Deus será que ele tem razão?*

Na m ultidão, um a voz rouca gritou:

— Deixem -na passar.

— SAIAM DO CARRO OU NÓS ATIRAREMOS.

— Deixem -na passar! Deixem -na passar!

A m ultidão pegara o estribilho com o torcedores entusiásticos de um j ogo de bola assassina.

— SAIAM...

A m ultidão abafou a voz da polícia. De algum lugar, um a pedra veio voando. O pára-brisa de um carro da polícia transform ou-se num a m atriz de rachaduras.

Ocorreu um a brusca aceleração de m otores e as duas radiopatrulhas com eçaram a se afastar um a da outra, deixando um a estreita passagem na pista.

A m ultidão aplaudiu, feliz, e depois calou-se, a espera do ato seguinte.

— TODO OS CIVIS DEVEM DEIXAR A ÁREA — entoou o alto-falante. — PODE HAVER TIROTEIO. TODOS OS CIVIS DEVERÃO DEIXAR

A ÁREA OU SERÃO ACUSADOS DE OBSTRUÇÃO E REUNIÃO ILEGAL. A PENA POR OBSTRUÇÃO DA AÇÃO DA JUSTIÇA E REUNIÃO ILEGAL É

DE DEZ ANOS NA PENITENCIÁRIA ESTADUAL OU UMA MULTA DE DEZ

MIL DÓLARES OU AMBAS AS PENAS. EVACUEM A ÁREA.
EVACUEM A

ÁREA.

— Sim , de modo que ninguém possa ver vocês matarem a moça! —

gritou uma voz histérica. — Fodam-se, vocês todos policiais!

A multidão permaneceu no mesmo lugar. Um carro de reportagem preto e amarelo parará com um guinchar bem produzido de pneus. Dois homens saltaram e começaram a montar uma câmara.

Dois policiais correram para lá e houve uma luta curta e selvagem pela posse da câmara. Finalmente, um dos guardas arrancou-a, ergueu no ar o tripé e bateu com ele na estrada. Um dos cinegrafistas tentou agarrar o policial que fizera isso e foi derrubado a golpes de cassetete.

Um menino saiu correndo do meio da multidão e atirou uma pedra na parte posterior da cabeça do policial. Sangue espirrou pela estrada quando o policial caiu. Uma dúzia de espectadores desceu sobre o menino e levou-o dali. Inacreditamente, pequenas e selvagens lutas de socos haviam começado no acostamento entre bem vestidos moradores da cidade e moradores mais esmolados das favelas. Uma mulher usando vestido caseiro rasgado e desbotado atacou subitamente uma gorda atrona e começou a puxar-lhe os cabelos. As duas caíram pesadamente na estrada e começaram a rolar pelo asfalto, escoiceando e gritando.

— Meu Deus — disse Amélia, enojada.

— O que é que está acontecendo? — perguntou Richards.

Não ousava levantar a cabeça para um ponto mais alto do que o relógio do painel.

— Brigas. A polícia batendo no povo. Alguém quebrou um a câmera de reportagem .

— DESISTA, RICHARDS. SAIA DO CARRO.

— Continue a dirigir — disse baixinho Richards.

O carro a ar avançou taticamente.

— Eles atirarão nos bolsões de ar — disse ela. — E depois esperarão até que você saia.

— Não farão isso — retrucou Richards.

— Porquê?

— Porque são estúpidos demais.

Não atiraram .

Lentamente, passaram pelos carros da polícia alinhados ao lado da pista e pelos espectadores de olhos esbugalhados. Estes últimos haviam se separado em dois grupos em uma segregação inconsciente. Em um dos lados da estrada reuniam-se os cidadãos de classe média e alta, as mulheres que faziam o cabelo em salões de beleza, homens que usavam camisas Arrow e sapatos tipo mocassim . Homens que usavam batas com os nomes de suas companhias nas costas e seus próprios nomes bordados em fio de ouro sobre os bolsos do peito.

Mulheres com o próprio Amélia Williams, vestidas para o mercado e as lojas.

Seus rostos eram diferentes de todas as maneiras mas parecidas em uma: pareciam estranhamente incompletas, tais

com o fotos com buracos no lugar dos olhos ou um quebra-cabeça em que faltava um a pequena peça. Era um a

carência de desespero, pensou Richards. Lobo nenhum rondava aquelas barrigas.

Aquelas m entes não estavam cheias de sonhos podres, loucos, ou loucas esperanças.

Essas pessoas ocupavam o lado direito da estrada, o lado que dava para a com binação de m arina e clube de cam po pelo qual estavam j ustam ente passando.

A polícia estava desdobrada com m ais efetivos nessa parte da estrada e m ais hom ens chegavam o tem po todo. Richards não ficou surpreso com a prontidão e efetivos com que haviam chegado ali, a despeito do inesperado de sua aparição no local. Mesm o ali no interior, o cassetete e a arm a de fogo eram m antidos sem pre ao alcance da m ão, os cachorros fam intos nos canis. Os pobres arrom bavam casas de veraneio fechadas no outono e inverno. Os pobres invadiam superm ercados em turm as de adolescentes. Sabia-se que os pobres costum avam escrever obscenidades com erros de ortografia nas vitrinas de loj as.

Os .pobres sem pre têm fom e e sabia-se que a vista de ternos de duzentos dólares e barrigas bem abastecidas de com ida faziam -lhes as bocas encherem -se de saliva invej osa. E os pobres tinham que ter seus Jack Johnsons, seus Muham m ad Alis, seus Cly de Barrows. Parados ali, apenas observavam .

Ali à direita, gente, tem os os veranistas, pensou Richards. Gordos e desleixados, m as pesados em suas arm aduras. À esquerda, pesando apenas 55kg

— m as um adversário m aldoso de olhos perversos — tem os os Brancosos Fam intos. A política deles era a m orte por inanição,

trocariam o próprio Cristo por meio quilo de salame. A polarização chegara ali. Cuidado com esses dois contendores, porém. Eles não ficam no ringue, têm a tendência de brigar nos lugares que custam dez dólares. Poderem os, por acaso, arranjar um bode expiatório para os dois.

Vagarosamente, a 50km/h, Ben Richards passou por eles.

...Menos 038

e CONTANDO...

PASSOU-SE UMA HORA. Eram 4h. Seus braços rastejaram pela estrada.

Richards, derreado no assento abaixo do nível do olho, entrava e saía flutuando e sem esforço do estado de consciência. Com dificuldade, puxara a camisa de dentro das calças para examinar o novo ferimento. A bala abrira um fundo e feio canal no lado do corpo e que sangrava um bocado. O sangue coagulava, mas não à vontade. Quando tinha que mover-se rápido, o ferimento reabria e sangrava um bocado. Mas isso não importava. Iam matá-lo. Diante desse arsenal, seu plano era um a piada. Mas iria adiante com ele, preencheria os claros até que houvesse um "acidente" e o carro ao ar fosse transformado em rebites recurvados e cacos de metal ("...um terrível acidente...

o militar foi suspenso de suas funções até a conclusão do inquérito...

Então os a perda de uma vida inocente..." — tudo isso sepultado no último noticiário do dia, entre o boletim do mercado de ações e o último pronunciamento do Papa), mas era apenas um reflexo. Estava tornando-se cada vez mais preocupado com Amelia Williams, cujo grande erro fora escolher a manhã de quarta-feira para fazer suas compras.

— Há tanques lá na frente — disse ela de repente. A voz era jovial, em tom de prosa, histérica. — Pode imaginar um a coisa dessas? Você pode...

E com o eco a chorar.

Richards esperou. Finalmente disse:

— Em que cidade estão os?

— W-W-Winterport, era o que dizia a tabuleta. Oh, eu não posso! Não posso esperar para que façam isso! *Eu não posso!*

— Tudo bem — retrucou ele.

Ela piscou devagar, dando um a sacudida infinitesimal na cabeça, com o se para clareá-la.

— O quê?

— Pare. Desça.

— Mas eles o matarão...

— Matarão, sim . Mas não haverá sangue nenhum . Você não verá o meu sangue. Eles têm ali poder de fogo suficiente para vaporizar o carro e a mim também .

— Você está me entendendo. Você me mataria.

A arma estivera pendurada entre seus olhos. Deixou-a cair no piso do carro, onde ela bateu inocentemente no tapete de borracha.

— Eu quero um pouco de mim mesma — disse ela, sem saber o que dizia.

— Oh, Deus, quero ficar alta. Por que você não esperou pelo carro em seguida ao meu? Jesus! Jesus!

Richards começou a rir. Riu de uma forma chianta, rasa, que lhe provocava dores nos lados. Fechou os olhos e riu até que lágrimas escaparam de suas pálpebras.

— Está frio aqui com esse pára-brisas quebrado — disse ela, irrelevantemente. — Ligue o aquecedor.

O rosto dela era uma mancha pálida nas sombras de fim de tarde.

...Menos 037

e CONTANDO...

— ESTAMOS EM DERRY — anunciou ela.

As ruas estavam pretas de tanta gente, que se empoleirava em beirais de telhados e sentavam-se em balcões e varandas de onde havia sido retirada a mobília de verão. Com iam sanduíches e galinha assada em baldes sebentos.

— Há sinais de jatoporto?

— Há. Estou seguindo-os. Mas eles vão simplesmente fechar os portões.

— Eu simplesmente amarearei novamente até matá-la se fizerem isso.

— Vai seqüestrar um avião?

— Vou tentar.

— Você não pode.

— Tenho certeza de que você tem razão.

Viraram a direita e depois à esquerda. Monotonamente, altofalantes exortavam a multidão para que recuasse, se dispersasse.

— Ela é realmente sua esposa? Aquela mulher nas fotos?

— É. O nome dela é Sheila. Nossa filha, Cathy, tem um ano e meio.

Pegou influenza. Talvez esteja a melhor agora. Foi por isso que me meti nisso.

Um helicóptero zumbiu por cima deles, desenhando um grande som bra de aranha na estrada à frente. Uma voz rude e amplificada apelou a Richards para que soltasse a mulher. Quando o helicóptero se afastou e puderam conversar novamente, ela disse:

— Sua mulher parece uma pequena vagabunda. Ela devia cuidar-se mais.

— Foi retocada — respondeu Richards numa voz sem expressão.

— Eles fariam uma coisa dessas?

— Eles fariam uma coisa dessas.

— O jato porto. Estam os chegando.

— Os portões estão fechados?

— Não posso ver... espere... abertos, mas bloqueados. Um tanque. Está apontando o canhão para nós.

— Siga até uns 30m do tanque e pare.

O carro arrastou-se lentamente pela estrada de acesso de quatro pistas, entre os carros de polícia estacionados e os gritos e conversas incessantes da multidão. Um a tabuleta apareceu bem acima deles: VOIGT AIRFIELD. A mulher viu um a cerca eletrificada de arame que cruzava um a espécie de terra pantanosa e devoluta de ambos os lados da estrada. Bem à frente, um a com binação de guichê de informação e ponto de controle, em um a ilha no meio da estrada. Do outro lado dela, o portão principal, bloqueado por um tanque A-62, capaz de disparar obuses de um quarto de megaton com seu canhão. Mais longe, um a confusão de estradas e pátios de estacionamento, todos convergindo para o complexo de terminais de linhas a jato e que bloqueavam da vista as pistas de pouso e decolagem. Um a imensa torre de controle projetava-se do meio de tudo aquilo, acima de todo o terreno, com o um marciano de H.G. Wells, o sol a leste refletindo-se de suas baterias polarizadas de janelas e transformando-as em fogo.

Em pregados e passageiros haviam se reunido no pátio do estacionamento mais próximo, onde estavam sendo contidos por mais policiais. Ouviram um chiado pulsante, forte, e Amelia viu um Lockheed G-A Superbird cinza-metálico erguer-se em uma poderosa ascensão vertical de uma das pistas que ficavam por trás dos prédios principais.

— RICHARDS!

Ela sobressaltou-se e olhou para ele. Ele acenou indiferente com a mão para ela. Está tudo bem, mãe. Eu estou apenas morrendo.

— VOCÊ NÃO TERÁ PERMISSÃO PARA ENTRAR — advertiu-o a voz ensurdecadora mente amplificada. — SOLTE A MULHER. DESÇA DO

CARRO.

— E o quê, agora? — perguntou ela. — É um im passe. Eles simplesmente esperarão até que...

— Vam os pressioná-los um pouco mais — disse Richards. — Eles blefarão um pouco mais. Incline-se para fora. Diga a eles que estou ferido e meio louco. Diga que quero me entregar a Polícia das Com panhias Aéreas.

— Você quer fazer *o quê?*

— A Polícia das Com panhias Aéreas nem é estadual nem federal. É

internacional desde a assinatura do tratado das Nações Unidas em 1995. Havia uma história que dizia que se a gente se entregava a ela, conseguia anistia. Tal com o aterrar no Estacionam ento Gratuito, naquele jogo, Monopólio. Pura merda, claro. Ela entrega o cara aos Caçadores e os Caçadores arrastam-no para a frente do celeiro.

Ela se contorceu.

— Mas talvez eles pensem que acredito nisso. Ou que me obriguei a acreditar nessa mentira. Vá em frente e diga a eles.

Ela inclinou-se para fora e Richards ficou tenso. Se ia haver um "infeliz acidente" que tiraria Amélia de cena, provavelmente ia acontecer nesse momento. A cabeça e parte superior dela estavam claramente expostos a milhares de armas. Um único apertado num gatilho e toda aquela farsa chegaria ao fim.

— Ben Richards quer se entregar à Polícia das Com panhias Aéreas —

gritou ela. — Ele foi ferido a bala em dois lugares. — Lançou um olhar apavorado por cima do ombro e sua voz se alquebrou, alta

e clara no silêncio súbito criado pela partida do jato que desaparecia à distância. — Ele tem estado

louco a metade do tempo e, Deus,

estou tão *assustada... por favor... por favor... POR FAVOR!*

As câmeras estavam gravando tudo aquilo, ao vivo, numa notícia de última hora que seria transmitida em questão de minutos para toda a América do Norte e metade do mundo. Isso era bom. Isso era excelente. Richards sentiu a tensão enrijecer-lhe novamente os membros e teve certeza de que estava começando a perder a esperança.

Silêncio por um momento. Uma conferência estava em curso atrás da cabine do ponto de controle.

— Muito bom — disse Richards, baixinho.

Ela fitou-o.

— Você acha que é difícil parecer assustada? Nós não estamos juntos nisso, o que quer que você pense. Eu só quero que você vá em bora.

Pela primeira vez, ele notou como os seios dela eram perfeitos sob a blusa preta e verde manchada de sangue. Como eram perfeitos e preciosos.

Ouviram os dois um inesperado e forte rangido e ela gritou.

— É o tanque — disse ele. — Tudo bem. Apenas o tanque.

— Ele está se movendo — avisou ela. — Não deixar que a gente entre.

— RICHARDS! DIRIJA-SE AO LOTE 16! A POLÍCIA DAS

COMPANHIAS AÉREAS ESTARÁ LÁ

PARA COLOCÁ-LO SOB SUA PROTEÇÃO E CUSTÓDIA!

— Tudo bem — concordou ele, a voz fraca. — Continue a guiar.

Quando passar uns 800m do portão, pare.

— Você vai conseguir que eu sej a m orta — observou ela, sem esperança. — Tudo que eu preciso fazer é ir ao banheiro e você vai conseguir que eu sej a m orta.

O carro a ar ergueu-se uns 10cm do solo e zum biu suavem ente para a frente. Richards agachou-se novam ente quando passaram pelo portão, prevendo um a possível em boscada, m as não houve nenhum a. A estrada de asfalto curvava-se suavem ente na direção dos prédios principais. Um a tábua com seta indicava que aquele era o cam inho para os Lotes 16-20.

Nesse local a polícia se alinhara de pé ou aj oelhada atrás de cavaletes am arelos.

Richards sabia que ao m enor m ovim ento suspeito, ela reduziria o carro a frangalhos.

— Agora, pare — disse ele, e ela parou.

A reação foi instantânea:

— RICHARDS! DIRIJA-SE IMEDIATAMENTE PARA O LOTE 16!

— Diga a eles que eu quero um alto-falante — instruiu-a em voz baixa Richards. — Devem deixá-lo na estrada, a uns 20m à frente. Quero falar com

eles.

Ela gritou o recado e novam ente eles esperaram . Um m om ento depois, um hom em usando uniform e azul entrou correndo na estrada e depositou no chão um alto-falante elétrico. Ficou ali um m om ento, talvez saboreando a sensação de estar sendo visto por 500 m ilhões de pessoas e em seguida retirou-se para o anonim ato atrás de um cavalete.

— Siga em frente — ordenou ele.

Seguiram devagar até o alto-falante e quando a porta do m otorista se em parlhou com o aparelho, ela abriu-a e puxou-o para dentro. Em um dos lados, gravadas em relevo, as letras G e A, em cim a de um raio.

— Muito bem — disse ele. — A que distância estão os do prédio principal?

Ela apertou os olhos.

— Uns 400m , acho.

— A que distância estão os do Lote 16?

— Metade disso.

— Ótim o. Isso é m uito bom . Se é. — Notou que estava m ordendo com pulsivam ente o lábio e obrigou-se a parar. A cabeça lhe doía, o corpo todo, na verdade, com excesso de adrenalina.

— Continue a guiar. Vá até a entrada do Lote 16 e pare.

— E depois, o quê?

Ele sorriu, tenso e infeliz.

— Isso — disse — vai ser a Últim a Trincheira de Richards.

...Menos 036

e CONTANDO...

QUANDO ELA PAROU O CARRO à entrada do pátio de estacionamento, a reação foi rápida e imediata:

— CONTINUE — animou-o o alto-falante. — A POLÍCIA DO AEROPORTO ESTÁ NO PÁTIO, CONFORME COMBINADO.

Pela primeira vez, Richards ergueu seu próprio alto-falante:

— DEZ MINUTOS — disse. — TENHO QUE PENSAR.

Silêncio, novamente.

— Será que você não compreende que está obrigando-os a fazer isso?

— perguntou ela num tom de voz estranha, controlada.

Ele soltou um risinho estranho, apertado, que parecia vapor sob alta pressão escapando de um bule de chá.

— Eles sabem que estou me preparando para acabar com a brincadeira deles. Só não sabem como.

— Você não pode — disse ela. — Será que você *tão percebe* isso ainda?

— Talvez eu perceba — retrucou ele.

...Menos 035

e CONTANDO...

— ESCUTE — disse ele.

“Quando os Jogos começaram, as pessoas disseram que eram o maior entretenimento do mundo porque nunca houve nada igual a eles. Mas nada disso é original. Houve gladiadores em Roma que fizeram a mesma coisa. E há outro jogo, também, o pôquer. No pôquer, o maior jogo é um *Royal-straight-flush* em espadas. E a forma mais dura de pôquer é o que se joga com cartas descobertas. Quatro cartas à mostra na mesa e uma do baralho. Pagando 25 ou 10c todo mundo pode ficar no jogo. Custa-lhe talvez meio dólar para ver a carta coberta do outro cara. Mas quando você aumenta as apostas, a carta coberta torna-se cada vez mais importante. Após uma dezena de apostas, com a poupança de sua vida, seu carro e a casa no pano verde, aquela carta fica mais alta do que o monte Everest. O programa *O Sobrevivente* é assim. Apenas, eu não devo ter dinheiro algum com que jogar. Eles têm os homens, o poder de fogo, e o tempo. Estão jogando com as cartas deles, as fichas deles, no cassino deles. Quando eu for agarrado, devo morrer. Mas eu talvez tenha apostado alto demais. Chamamos os repórteres dos noticiários em Rockland. Os noticiários, eles são mais dez de espadas. Eles *tiveram* que me dar salvo-conduto porque todo mundo estava vendo. Não houve mais oportunidade de me liquidarem higienicamente depois daquela primeira barreira policial na estrada. Isso é engraçado porque é a Free-Vee que dá à Rede a influência que ela tem. Se você vê alguma coisa na Free-Vee, ela deve ser verdade. De modo que se todo o país visse a polícia assassinar minha refém — uma mulher abastada, de classe média

— o país acreditaria. Eles não podem arriscar-se a isso, o sistema está trabalhando sob muita suspensão de fé, de confiabilidade, neste momento.

Engraçado, ahn? Minha gente está aqui. Já houve problemas na estrada. Se os

m ilicianos e os Caçadores voltarem suas armas contra nós, algum a coisa feia pode acontecer. Um certo homem me disse para ficar perto de minha gente. Ele tinha mais razão do que pensava. Uma das razões por que estão me tratando com luvas de pelica é que minha gente está aqui.

“Minha gente, ela é o valete de espadas.

“A rainha, a mulher no caso, é você.

“Eu sou o rei, o negro com a espada.”

— “Estas são minhas cartas à mostra. Os meios de divulgação de massa, a possibilidade, o problema real, você, eu. Juntos eles nada são. Um par liquida com eles. Sem o ás de espadas, nada valem. Com o ás, são imbatíveis.

De repente, ele pegou-lhe a bolsa, uma imitação de pele de crocodilo com uma pequena corrente de prata. Enfiou-a no bolso do casaco, onde ela fez um grande volume.

— Eu não tenho o ás — disse ele baixinho. — Com um pouco mais de espírito de previsão, poderia possuí-lo. Mas eu *de fato* tenho uma carta coberta —

uma carta que eles não podem ver. De modo que vou fazer um blefe.

— Você não tem a mínima chance — disse ela em voz sem expressão.

— O que é que pode fazer com minha bolsa? Atirar neles com um batom ?

— Acho que eles estão fazendo um jogo sujo por tanto tempo que vão se entregar. Acho que são covardes por dentro e por fora.

— RICHARDS! SEUS DEZ MINUTOS ACABARAM!

Richards levou o alto-falante aos lábios.

...Menos 034

e CONTANDO...

— ESCUTEM, COM ATENÇÃO! — A voz trovejou e ecoou pelos hectares planos do aeroporto. A polícia esperou, tensa. A multidão arrastou os pés. —

TENHO AQUI, NO BOLSO DE MEU CASACO, 6kg DE DYNACORE, EXPLOSIVO DE ALTO IMPACTO — O TIPO QUE CHAMAM DE

IRLANDÊS NEGRO. SEIS QUILOS SÃO SUFICIENTES PARA DESTRUIR

TUDO E TODOS EM UM RAIO DE 800 METROS E PROVAVELMENTE

SUFICIENTE PARA EXPLODIR OS TANQUES DE ARMAZENAMENTO DE

COMBUSTÍVEL DO JATO PORTO. SE NÃO SEGUIREM MINHAS

INSTRUÇÕES AO PÉ DA LETRA, VOU MANDAR PRO INFERNO VOCÊS

TODOS. UM DETONADOR DE IMPLOÇÃO DA GENERAL ATOMICS ESTÁ

ACOPLADO AO EXPLOSIVO. ELE ESTÁ ARMADO EM MEIA TRAVA. UM

ÚNICO PASSO EM FALSO E VOCÊS TODOS PODEM BOTAR A CABEÇA ENTRE AS PERNAS E DAR UM BEIJO DE ADEUS NO CU.

Ouviram -se gritos no meio da multidão, seguidos de um súbito movimento de maré. A polícia e as barricadas descobriram de repente que não tinham mais ninguém a conter. Homens e mulheres corriam em desabalada carreira por estradas e campos, saindo pelos portões e escalando a cerca de proteção em volta do aeroporto. Tinham os rostos estonteados e cheios de pânico.

A polícia moveu-se inquieta. Em rosto algum Amelia Williams viu incredulidade.

— RICHARDS? — falou uma voz. — ISSO É UMA MENTIRA.

DESCIDA DO CARRO.

— EU *ESTOU* DESCENDO — trovejou ele em resposta. — MAS

ANTES DE DESCER VOU DAR SUAS ORDENS DE MARCHA.
QUERO UM

JATO INTEIRAMENTE ABASTECIDO E PRONTO PARA VOAR COM
UMA TRIPULAÇÃO SIMBÓLICA. ESSE JATO DEVE SER UM
LOCKHEED/G-A OU UM DELTA SUPERSONIC. O RAIO DE AÇÃO
DEVE SER DE NO

MÍNIMO TRÊS MIL E DUZENTOS QUILOMETROS. ELE DEVE
ESTAR

PRONTO EM NOVENTA MINUTOS.

Câmeras gravavam sem parar à distância. *Flashes* de fotógrafos espocavam. A imprensa parecia também nervosa. Mas, claro, havia a pressão psíquica daqueles quinhentos milhões a levar em conta. Essas pessoas eram reais.

O trabalho era real. E os 6kg de Irlandês Negro de Richards talvez fossem apenas um a criação de sua admirável mentalidade criminosa.

— RICHARDS!

Um homem em vestido apenas com calça com parda escura e camisa branca arregaçada nos cotovelos a despeito do frio de outono saiu de um grupo de carros sem motoristas estacionados a uns cinquenta metros. Trazia um alto-falante maior do que o de Richards. Daquela distância, Amélia viu que ele usava óculos pequenos que faiscavam à luz do dia que nesse momento se apagava.

— EU SOU EVAN McCONE.

Ele conhecia o nome, claro. Era um nome que esperava sem esperar medo em corações. E não ficou surpreso ao descobrir que sem medo no *seu*.

Um descendente direto de J. Edgar Hoover e Heinrich Himmler, pensou. A personificação do aço que havia dentro da luva de catodo da Rede. Um bicho-papão. Um nome usado para assustar crianças. Se não deixar de brincar com fósforos, Johnny, deixa Evan McCone sair de seu guarda-roupa.

Vagamente, no olho da mulher em óculos, recordou-se de uma voz num sonho: *É você o homem, irmãozinho?*

— VOCÊ ESTÁ MENTINDO, RICHARDS. NÓS SABEMOS DISSO.

UM HOMEM SEM GRADUAÇÃO G-1 NÃO TEM POSSIBILIDADE DE
OBTER DYNACORE. SOLTE A MULHER E DESÇA DO CARRO. NÓS
NÃO

QUEREMOS TER QUE MATÁ-LA, TAMBÉM.

Amélia soltou um fraco e infeliz suspiro de silvo. Richards respondeu em resposta:

— ISSO PODE SER VERDADE EM SHAKER HEIGHTS,
HOMENZINHO. NAS RUAS VOCÊ PODE COMPRAR DYNACORE A
CADA DOIS QUARTEIRÕES SE TEM DINHEIRO VIVO. E EU TIVE.
DINHEIRO
DA FEDERAÇÃO DOS JOGOS. VOCÊ TEM 86 MINUTOS. NENHUM
TRATO.

— McCONE?

— SIM.

— VOU MANDAR A MULHER SAIR AGORA. ELA VIU O

IRLANDÊS. — Am élia fitava-o com atordado horror. —
ENQUANTO ISSO, É

MELHOR BOTAR AS COISAS EM MOVIMENTO. OITENTA E CINCO
MINUTOS. NÃO ESTOU BLEFANDO, SEU MERDA. UMA ÚNICA
BALA E

VOAMOS TODOS PARA A LUA.

— Não — sussurrou ela, o rosto contorcido num ricto incrédulo.
—

Você não pode acreditar que vou *mentir* por você.

— Se não m entir, estou m orto. Estou baleado, quebrado e m al
consciente o suficiente para saber o que estou dizendo, m as sei
que esta é a m elhor m aneira, de um j eito ou de outro. Agora,
escute. A Dy nacore é branca e sólida, ligeiram ente graxenta ao
toque. Ela...

— Não, não, *não!*

A mulher tapou as orelhas com as mãos.

— Parece uma barra de sabão branco. Muito denso, porém. Agora, vou descrever o anel do detonador de im plosão. Ele parece...

Ela começou a chorar.

— Não posso, você sabia disso? Tenho meu dever a cumprir com o cidadão. Minha consciência. Tenho minha...

— Sim, e eles podem descobrir que você me entendeu — acrescentou ele amargamente. — Exceto que não vão. Porque, se me ajudarem, eles cederão. E eu vou embora com o meu grande pássaro.

— *Eu não posso!*

— RICHARDS! SOLTE A MULHER!

— O detonador de im plosão é de ouro — continuou ele. — De mais ou menos 5cm de diâmetro. Parece uma argola de chaves, sem chaves. Preso a ele há uma fina barra de metal, como se fosse um lápis mecânico, com um dispositivo detonador G-A ligado a ele. O dispositivo detonador parece a borracha num lápis.

Ela estava balançando para frente e para trás, gemendo um pouco.

Tinha uma bochecha em cada mão e estava torcendo a carne como se fosse uma assa de pão.

— Eu disse a eles que havia puxado o detonador para me prender. Isso significa que você só veria um único e pequeno entalhe imediatamente acima da superfície do Irlandês. Com quem prendeu?

Nenhum a resposta. Ela chorou, gem eu e balançou-se.

— Claro que com preendeu — disse ele baixinho. — Você é um a m oça inteligente, não é?

— Eu não vou m entir — disse ela.

— Se perguntarem a você algum a coisa, você não sabe de m ais nada.

Não viu. Estava am edrontada dem ais. Exceto por um a coisa: eu estive segurando aquele anel desde a prim eira barreira na estrada. Você não sabia o que era, m as eu o conservava na m ão.

— É m elhor você m e m atar agora.

— Vá — ordenou ele. — Saia.

Ela fitou-o, convulsa, a boca se m ovendo, os olhos transform ados em escuros buracos. A m ulher bonita, confiante, com óculos de sol que envolvia a cabeça desaparecera. E Richards se perguntou se aquela m ulher j am ais reapareceria. Achava que não. Não, inteiram ente.

— Vá — repetiu. — Vá, vá.

— Eu... eu... *Ah, Deus...*

Ela m ergulhou para a porta e em parte saltou e em parte caiu.

Im ediatam ente, levantou-se e com eçou a correr. Os cabelos voavam -lhe atrás da cabeça e ela parecia m uito bela, quase com o um a deusa, correndo para a quente explosão estelar de um m ilhão de *flashes* de fotógrafos.

Carabinas relam pej aram , prontas, e foram abaixadas enquanto a m ultidão a devorava. Richards arriscou-se a expor um olho

acima da janela do motorista mas nada pôde ver.

Voltou a amarrar-se no assento, lançou um olhar ao relógio e esperou pelo seu desaparecimento.

...Menos 033

e CONTANDO...

O PONTEIRO VERMELHO DE SEGUNDOS DO RELÓGIO completou dois círculos. Mais dois. Mais dois.

— RICHARDS!

Ele levou o alto-falante aos lábios:

— SETENTA E NOVE MINUTOS, McCONE.

Faça o jogo certo até o fim. É a *única* maneira de jogá-lo. Até o momento em que McCone der a ordem de atirar à vontade. Seria rápido. E, de fato, não parecia, de jeito nenhum, importar muito.

Após uma longa, eterna pausa:

— PRECISAMOS DE MAIS TEMPO. PELO MENOS, TRÊS HORAS.

NÃO HÁ UM L/G-A OU UM DELTA CAMPO. UM DELES TERÁ QUE SER

TRAZIDO PARA AQUI.

Ela fizera. Ó espantosa graça divina. A mulher olhara dentro do abismo e depois o cruzara. Sem rede. Sem caminho de volta. Espantoso.

Claro que não acreditaram nela. Era função deles não acreditar em ninguém, sobre coisa alguma. Nesse exato momento,

estariam levando-a às pressas para um a sala privativa em um dos term inais, onde a esperavam m eia dúzia de interrogadores escolhidos por McCone. E quando a colocassem ali, a ladainha com eçaria: *Claro que a senhora está nervosa, mas apenas para que conste do inquérito, sra. Williams... a senhora se importaria de repelir tudo outra vez... estamos confusos a respeito de um pequeno ponto... tem certeza de que não foi o contrário... como é que sabe... por que... em seguida, o que foi que ele disse?...*

De m odo que a j ogada correta era ganhar tem po. Enganá-lo com um a desculpa e depois com outra. Há um problem a de abastecim ento de com bustível, precisam os de m ais tem po. Não há tripulação algum a nos terrenos do j atoporto, precisam os de m ais tem po. Há um disco voador pairando em cim a da Pista Zero-Sete, precisam os de m ais tem po. E não a quebram os ainda. Não conseguimos os ainda que ela confessasse que seu alto explosivo consiste de um a bolsa de crocodilo cheia de lenços de papel, troco, cosm éticos e cartões de crédito. Precisam os de m ais tem po.

Não podem os correr o risco de m atá-lo agora. Precisam os de m ais tem po.

— RICHARDS.

— ESCUTE — gritou ele ao m egafone. — VOCÊ TEM SETENTA E CINCO MINUTOS. DEPOIS, VAI TUDO PELOS ARES.

Nenhum a resposta.

Espectadores com eçavam a voltar sorrateiros, a despeito da som bra do Arm agedown. Olhos esbugalhados, úm idos e sensuais. Certo núm ero de holofotes portáteis havia sido requisitado e focalizado no pequeno carro, banhando-o em um brilho sem som bras e destacando ò pára-brisas despedaçado.

Tentou imaginar a pequena sala onde a estariam detendo, sondando-a para descobrir a verdade, e não conseguiu. A imprensa seria excluída, claro. Os homens de McCone estariam tentando apavorá-la e, sem dúvida, conseguindo.

Mas até que ponto ousariam ir com um mulher que não pertencia a sociedade dos cortiços, de pobres que não tinham rosto? Drogas. Havia drogas, sabia, drogas que McCone podia obter imediatamente, drogas que podiam fazer com que um índio aqui balbuciasse toda a história de sua vida com o um bebê nos braços de alguém. Drogas que fariam um padre revelar logo as confissões de seus penitentes com o se fosse um gravadora de estenografa.

Um pouco de violência? Os chicotes elétricos modificados que haviam funcionado tão bem nos distúrbios de Seattle em 2005? Ou apenas o bom bardeio interminável de perguntas? Esses pensamentos não serviam a fim algum, mas não conseguia abafá-los ou desligá-los. Do outro lado do terminal um inconfundível avião Lockheed estava sendo aquecido. Seu pássaro. O som do avião chegava em ciclos que subiam e desciam. Quando parou subitamente, teve certeza de que o abastecimento de combustível comêçara. Vinte minutos, se andassem ligeiro. Mas não pensava que estivesse com pressa.

Bem, bem, bem. Aqui estamos nós. Todas as cartas na mesa, menos uma.

McCone? McCone, está arriscando ainda? Já penetrou na mente dela?

As sombras se encompridaram pelo campo e todos ficaram à espera.

...Menos 032

e CONTANDO...

DESCOBRIU QUE AQUELE VELHO CLICHÊ era um a m entira. O
tem po *não* fica parado. De algum as m aneiras teria sido m elhor
que isso tivesse acontecido.

Pelo menos teria havido fim à esperança.

Duas vezes, a voz amplificada disse a Richards que ele estava morrendo. Ele respondeu que, se era assim, por que não abriam fogo? Cinco minutos depois, uma nova voz amplificada disse-lhe que os flaps do Lockheed estavam congelados e que o abastecimento teria que ser iniciado em outro avião.

Richards respondeu que, tudo bem. Desde que o avião estivesse pronto no prazo fatal que estabelecera.

Os minutos se arrastaram. Sobraram 26,25,22,20 (*ela não entregara os pontos ainda, meu Deus, talvez...*), 18,15 (novamente os motores do avião, transformando-se em um ruído estridente enquanto as turmas de terra realizavam as checagens de combustível e de instrumentos de voo), 10, depois 8.

— RICHARDS?

— AQUI.

— NÓS SIMPLEMENTE PRECISAMOS DE MAIS TEMPO. OS FLAPES DO AVIÃO ESTÃO EMPERRADOS. VAMOS IRRIGAR OS CONDUTOS COM HIDROGÊNIO LÍQUIDO MAS SIMPLEMENTE PRECISAMOS DE MAIS TEMPO.

— VOCÊS TEM SETE MINUTOS. DEPOIS VOU ME DIRIGIR PARA O CAMPO USANDO A RAMPA DE SERVIÇO. VOU DIRIGIR COM UMA MÃO NO VOLANTE E A OUTRA NO ANEL DO DETONADOR DE

IMPLOÇÃO. TODOS OS PORTÕES DEVEM SER ABERTOS. E LEMBRE-SE

QUE ESTAREI ME APROXIMANDO MAIS DAQUELES TANQUES DE COMBUSTÍVEL O TEMPO TODO.

— VOCÊ NÃO PARECE COMPREENDER QUE NÓS...

— ESTOU CHEIO DE FALAR, CARAS, SEIS MINUTOS.

O ponteiro de segundos deu suas voltas regulares, em ordem . Três minutos de sobra, dois, um . Eles estariam dando o máximo em um a pequena sala que ele não conseguia imaginar. Tentou lembrar-se do rosto de Amelia, e não deu. Ele estava já se dissolvendo em outros rostos, um rosto com o rosto de Bradley, Stacey, Elton e Virgínia Parrakis, e o menino com o cachorro. Tudo o que conseguia lembrar-se era que ela era macia e bonita da maneira sem inspiração que tantas mulheres podem ser graças a Max Factor, Revlon e a cirurgiões plásticos que botam para dentro e amarram , alisam e desentortam .

Macia. Macia. Mas dura em algum lugar profundo. Onde foi que você ficou dura assim , mulher branca, anglo-saxã, protestante? É dura o suficiente? Ou está botando o jogo a perder neste exato momento?

Sentiu alguma coisa quente escorregando-lhe pelo queixo e descobriu que mordera e rasgara o lábio não uma, mas várias vezes.

Distraidamente enxugou a boca, deixando na mandíbula uma mancha de sangue em forma de lágrima, e engatou o carro. Que se ergueu obedientemente do chão, os colchões de ar gemendo.

— RICHARDS! SE DER PARTIDA A ESSE CARRO, ATIRAREMOS! A MULHER FALOU! NÓS SABEMOS!

Ninguém disparou tiro nenhum .

De certa maneira, aquilo foi quase anticlimático.

...Menos 031

e CONTANDO...

A RAMPA DE SERVIÇO DESCREVIA um arco em elevação dando a volta em torno do terminal futurista Estados do Norte. O caminho todo era ladeado por policiais armados com tudo o que era possível, de gás paralisante Mace-B e gás lacrimogêneo a armas capazes de perfurar blindagem. Mostravam rostos vazios, embotados, iguais. Dirigia devagar, sentado espigado nesse momento e eles o fitavam com um respeito vago, bovino. Mais ou menos da maneira, pensou, com o qual a vaca deve olhar para o fazendeiro que enlouqueceu e caiu escoiceando, berrando, no chão do estábulo.

O portão para a área de serviço (ATENÇÃO — EMPREGADOS

APENAS — PROIBIDO FUMAR — VEDADO O INGRESSO A PESSOAS

NÃO AUTORIZADAS) fora aberto e Richards passou em marcha lenta, deixando para trás caminhões-tanques de combustível de alta octanagem, enfileirados, e pequenos aviões particulares repousando nos seus calços de roda.

Atrás dele, uma pista de taxiagem, de cima, escurecida de óleo, com juntas de expansão. Ali esperava-o um jato com uma dezena de motores a turbina, ronronando baixinho. E mais além ainda, as pistas se estendiam retas e desimpedidas na noite que chegava, parecendo aproximar-se de um ponto de encontro no horizonte. A escada sobre rodas de acesso estava sendo empurrada para a porta do avião por quatro homens que usavam macacões. Para ele, pareceu-lhe a escada que levava à força.

E com o se para com pletar a im agem , o carrasco saiu de baixo da som bra da barriga enorm e do avião. Evan McCone.

Richards fitou-o com a curiosidade de um hom em que vê um a celebridade pela prim eira vez — não im porta quantas vezes se vej a sua foto cm 3-D, ninguém acredita em sua realidade até que ele apareça em carne e osso —

e em seguida a realidade, assum e um curioso aspecto de alucinação, com o se a entidade não tivesse direito de existir separada da im agem .

Ele era um hom em pequenino que usava óculos coloridos, com um a leve sugestão de barriguinha em baixo do terno bem cortado. Boatej ava-se que McCone usava sapatos tipo plataform a, m as se assim , não davam na vista. Na lapela ele usava um alfinete prateado em form a de bandeira. Tudo pesado, de não parecia absolutam ente um m onstro, o herdeiro de departam entos conhecidos por um a sopa de letrinhas com o F.B.I. e C.I.A. nada parecido com um hom em que dom inara a técnica do carro preto e sem m arcas à noite, o porrete de borracha, a pergunta velhaca sobre parentes. Nada parecido com o hom em que dom inara todo o espectro do m edo.

— Ben Richards?

Não usava alto-falante e, sem esse aparelho, sua voz era baixa e cultivada, sem nada de efem inado.

— Eu tenho um m andado da Federação de Jogos, um braço reconhecido da Com issão de Com unicações da Rede, para sua prisão e execução. Vai atendê-lo?

— Um a galinha precisa de um a bandeira?

— Ah! — McCone pareceu satisfeito. — As form alidades foram observadas. Eu acredito em form alidades, e você, não? Não,

claro que não. Você foi um participante muito informal. É por isso que continua vivo. Sabe que ultrapassou o recorde atual de *O Sobrevivente*, de oito dias e cinco horas, isso há duas horas? Claro que não sabe. Mas quebrou o recorde. Sim. E sua fuga da A.C.M. em Boston. Espetacular. Eu soube que o índice Nielsen de audiência

saltou 12 pontos.

— Maravilhoso.

— Naturalmente, nós quase o pegamos no Interlúdio de Portland. Má sorte nossa. Parrakis jogou em seu último alento que você havia deixado o barco em Auburn. Nós acreditamos nele. Ele era obviamente um homemzinho assustado.

— Obviamente — respondeu em voz baixa Richards.

— Mas esta última jogada foi simplesmente brilhante. Eu estou saudável. De certa maneira, quase lamentamos que o jogo tenha que terminar. Eu nunca mais enfrentarei um adversário tão inventivo.

— Que pena — lamentou Richards.

— O jogo acabou, você sabe — disse McCone. — A mulher entregou os pontos. Usamos nela sódio pentotal. Velha droga, mas confiável. — Sacou uma pequena automática. — Desça, sr. Richards. Eu lhe farei o último com primor.

Vou fazer isso aqui, onde ninguém pode filmar a execução. Sua morte terá uma privacidade relativa. Prepare-se, então — sorriu Richards.

Abriu a porta e desceu, os dois homens se encararam através da área de serviço vazia.

...Menos 030

e CONTANDO...

MCCONE FOI O PRIMEIRO A QUEBRAR O IMPASSE. Jogou para trás a cabeça e riu. Um riso muito fino, suave e veludoso.

— Oh, o senhor é tão competente, sr. Richards. *Par excellence*. Eleva a aposta, pede pra ver, eleva novamente. Saúdo-o com toda honestidade. A mulher não cedeu. Sustenta teimosamente que o volume que viu em seu bolso é o Irlandês Negro. Não podem drogá-la porque isso deixaria marcas visíveis. Um único eletroencefalograma nela e nosso segredo estaria descoberto. Estam os no processo de trazer três ampolas de Canogon de Nova York. Elas não deixam vestígio. Esperam os recebê-las em quarenta minutos. Mas não a tempo de detê-lo, infelizmente.

“Ela *está* entendido. Isso é óbvio. Se perdoar um nadinha do que pessoas de sua classe chamam de elitismo, eu diria que a classe média só entende bem depois de fazer sexo. Posso fazer outra observação? Claro que posso. — McCone sorriu. — Desconfio que o que tem no bolso é a carteira dela. Notamos que ela não tinha nenhum consigo, em bora houvesse estado fazendo com pras. Nós somos os muitos observadores. O que foi que aconteceu com a bolsa dela, se não estiver em seu bolso, Richards?”

Ele não topou o game bito.

— Atire em mim, se tem tanta certeza.

McCone abriu pesadamente as mãos.

— Com o eu adoraria fazer isso! Mas não nos arriscamos com vidas humanas, nem mesmo quando as probabilidades são de 50 a 1 em nosso favor.

Fica parecido dem ais com um a roleta-russa. A vida hum ana tem um certo aspecto *sagrado*. O governo — *nosso* governo — com preende isso. Nós som os hum anitários.

— Sim , sim — concordou Richards, e sorriu com o um a fera. McCone pestanej ou.

— De m odo que você vê...

Richards sobressaltou-se. Aquele hom em estava hipnotizando-o. Os m inutos voavam , um helicóptero estava vindo de Nova York trazendo três am polas de um a droga infalível (e se McCone dissera quarenta m inutos, na verdade eram vinte) e ali estava ele, ouvindo esse hom em tocando um pequeno hino. Deus, ele *era* um m onstro.

— Escute aqui — disse, interrompendo-o. — O discurso vai ser curto, hom enzinho. Quando aplicar a inj eção nela, ela vai cantar a m esm a m úsica.

Para que conste, está tudo aqui. Morou?

Encadeou seus olhos nos de McCone e com eçou a andar para a frente.

— A gente se encontra, com edor de m erda.

McCone deu um passo para o lado. Richards nem m esm o se im portou em olhá-lo quando passou. As m angas de suas roupas roçaram um a na outra.

— Para que conste, disseram -m e que o puxão em m eia trava era de quilo e m eio. Ela está agora em um quilo. Pegue ou largue.

Teve a satisfação de ouvir a respiração daquele hom em assoviando um pouco m ais rápida.

— Richards?

Olhou da escada para baixo e McCone olhava-o de baixo para cima, as bordas douradas de seus óculos brilhando e faiscando.

— Quando levantar vôo, nós vamos abatê-lo com um míssil terra-ar. A história para o público foi que Richards, que o dedo de Richards roçou um pouco no gatilho.

— Mas você não vai fazer isso. Não?

Richards começou a sorrir e deu-lhe a razão:

— Vamos voar muito baixo e por cima da zona densamente habitada.

Acrescente 12 tanques de combustível a 6,5kg de Irlandês e você consegue um potencial explosivo muito grande. Grande demais. Você faria isso se pudesse safar-se com seu ato, mas não pode. — Fez uma pausa. — Você é brilhante.

Previu que eu poderia pular de pára-quadras?

— Oh, sim — respondeu calmamente McCone. — Ele está na cabine

fronteira de passageiros. Um acetone tão velho, sr. Richards. Tem algum outro truque no saco?

— O senhor também não foi tão estúpido que se expusesse no pára-quadras, apostou?

— Oh, não. Dava demais na cara. E você puxaria o detonador de impropósito que não existe antes de tocar no chão. Uma explosão muito eficaz no ar.

— Adeus, homenzinho.

— Adeus, sr. Richards. E *bon voyage*. — Soltou um a risadinha. — Sim, você merece honestidade. De modo que vou lhe mostrar mais uma carta.

Apenas uma. Vão os esperar pelo efeito do Canogy antes de fazer alguma coisa. O senhor tem toda razão sobre o míssil. Por ora, é apenas um blefe. Paga pra ver e eleva a aposta novamente, ahn? Mas eu posso esperar. Entende, eu nunca me engano. Nunca. E sei que está blefando. De modo que podem os esperar. Mas não vou deixá-lo. *Voir*, sr. Richards. — E acenou.

— Logo — respondeu Richards, alto o suficiente para que McCone ouvisse. E sorriu.

...Menos 029

e CONTANDO...

A CABINE DE PRIMEIRA CLASSE era com prida, possuía três corredores e era apainelada com sequóia autêntica. Um carpete cor de vinho de metros de profundidade cobria o chão. Uma tela de 3-D fora erguida e posta fora do caminho na anteparo distante entre a primeira classe e a cozinha de bordo. Na poltrona 100, o grosso volume de um pára-quadras. Richards bateu nele de leve e passou à cozinha. Alguém pusera-me o café para esquentar.

Cruzou outra porta e ficou por um instante na pequena garganta que dava acesso à porta de comando. À direita, viu o operador de rádio, um homem de talvez trinta anos com o rosto tomado por rugas de preocupação, que o olhou azedamente e em seguida voltou a seus instrumentos. Uns poucos passos além e à esquerda, sentava-se o navegador com suas pranchetas, grades topográficas e mapas encapados em plástico.

— O cara que vai me atar todos nós está se aproximando, caras — disse ele ao meu microfone de garganta, e olhou friamente para

Richards.

Richards permitiu-se ficar calado. Aquele homem em , afinal de contas, estava quase com certeza certo. Foi coxeando até o nariz do avião.

O piloto tinha uns cinquenta anos ou mais, era um velho cavalo de batalha de nariz vermelho olho de bebedor forte e os olhos claros e vivos de um

homem em que não estava nem mais perto da borda alcoólica. O co-piloto era dez anos mais novo, com uma luxuriante cabeleira ruiva escapando de baixo do quepe.

— Olá, sr. Richards — disse o piloto. Olhou para o volume e no bolso de Richards antes de lhe fitar o rosto. — Desculpe, se não lhe apertar a mão. Sou o comandante Don Holloway. Este novo é o meu co-piloto, Wayne Duninger.

— Nas circunstâncias, não muito prazer em conhecê-lo — disse Duninger. A boca de Richards contorceu-se.

— No momento do espírito, permitiu-me dizer que sinto muito estar aqui.

Comandante Holloway, o senhor está em comunicação com McCone, não?

— Claro que estão os. Através de Kippy Friedman, nosso encarregado de comunicações.

— Arranje-me um microfone ou coisa parecida.

Com infinito cuidado, Holloway entregou-lhe um microfone.

— Continue com sua checagem de antes de vôo — disse Richards. —

Cinco minutos.

— Quer que sejam armados os rebites explosivos na porta de carga de ré? — perguntou Duninger com grande seriedade.

— Cuide de seu crochê — responde friamente Richards.

Chegara a hora de acabar com aquilo, de fazer a aposta final. Tinha o cérebro quente, superaquecido, correndo o risco de fundir um rolamento. *Agora vai ser o céu é o limite, McCone.*

— Sr. Friedman?

— Sim.

— Richards falando. Quero conversar com McCone.

Silêncio total no ar durante minutos. Holloway e Duninger não observavam mais. Realizavam a checagem de antes de vôo, lendo manuais e sessões, verificando a situação de flaps, portas, comandos. A subida e aceleração das máquinas turbinas G-A recomparam, mas nesse momento mais altas, estridentes. Quando a voz de McCone finalmente surgiu, quase nem se ouvia devido ao ruído brutal.

— McCone aqui.

— Venha, verme. Você e a mulher vão dar uma volta. Com pareça à porta de embarque dentro de três minutos ou puxe o anel.

Duninger endureceu-se na sua poltrona com o se houvesse levado um tiro. Ao voltar aos números, a voz lhe saiu trêmula e apavorada.

Se ele tiver colhã, é agora que ele paga pra ver. Pedir revela minha carta. Se ele tiver colhã.

Esperou.

Um relógio com eçou a tiquetaquear dentro de sua cabeça.

...Menos 028

e CONTANDO...

AO VOLTAR, A VOZ DE MCCONE CONTINHA UMA NOTA ESTRANGEIRA, fanfarrona. Medo? Possivelm ente. O coração de Richards cresceu no peito.

Talvez as peças fossem todas se encaixar. Talvez.

— Você está louco, Richards. Eu não...

— Você é que m e *ouve* — retrucou Richards, abafando a voz de McCone. — E enquanto ouve, lem bre-se que esta conversa está sendo escutada por todos os rádios am adores dentro de um raio de 100km . A notícia está se espalhando. Você não está trabalhando no escuro, hom enzinho. Está bem no centro do palco principal. Você vai vir porque é covarde dem ais para tentar um a traição quando sabe que pode ser m orto. A m ulher vem porque eu disse a ela para onde ia. *Fraço. Soque-o com mais força. Não o deixe pensar.*

— Mesm o que você sobreviva quando eu puxar o anel, não vai poder arranjar um em prego vendendo m açãs. — Estava segurando a bolsa com um a força frenética, m aníaca. — De m odo que é isso. Três m inutos. Desligo.

— Richards, espere... — Ele desligou, cortando a voz de McCone.

Devolveu o m icrofone a Holloway, que o recebeu com dedos que trem iam ligeiram ente.

— Você tem colhão — disse lentamente Holloway. — Isso eu digo.

Acho que nunca conheci um homem com tanto colhão.

— Haverá mais colhão do que todos já viram, se ele puxar esse anel —

disse Duninger. Continuem com a checagem de pré-vôo, por favor — finalizou Richards. — Vou lá para trás a fim de receber nossos convidados. Decolamos em cinco minutos.

Voltou para o fundo do avião, empurrou o pára-quadras para a poltrona junto à janela e sentou-se, observando a porta entre a primeira e a segunda classe. Saberia logo. Saberia logo. A mão trabalhava com constante e impotente inquietação na bolsa de Amélia Williams.

Lá fora era quase noite cerrada.

...Menos 027

e CONTANDO...

ELES SUBIRAM A ESCADA com uma folga de nada menos de 45 segundos.

Arquejando e assustada, os cabelos de Amélia eram transformados em uma colmeia desorganizada pelo vento constante que rolava por esse platô artificial do campo. Por fora, a aparência de McCone continua a mesma, elegante e imperturbável, até mesmo serena, embora os olhos estivessem obscurecidos por um ódio quase psicótico.

— Você não ganhou nada, verme — disse ele em voz calma. — Nós nem mesmo comecemos a jogar ainda nossos trunfos.

— É um prazer vê-la novamente, sra. Williams — recebeu-a humildemente Richards. Com o se ele lhe tivesse dado um sinal, puxado um cordão invisível, ela com eçou a chorar, sons inteiramente desesperançados que saíam de sua barriga com o se fossem pedaços de lava. A força do pranto fê-la cambalear, e em seguida desabar no luxuoso carpete dessa luxuosa cabine de primeira classe, o rosto entre as mãos, com o se para mantê-lo no lugar. O sangue de Richards secara e se transformara numa mancha aromática em sua blusa. A saia ampla, espalhada em volta do corpo e lhe escondendo as pernas, fazia-a parecer uma flor murcha.

Richards sentiu pena dela. Era uma sensação rara, essa de sentir pena, mas era o melhor que podia ter.

— Sr. Richards?

Era a voz de Holloway pelo serviço de comunicações interno.

— Sim. Tudo azul?

— Sim.

— Neste caso, vou dar ordens à turma de terra para tirar a escada e fechar a porta. Não fique nervoso com isso.

— Tudo bem, com andante. Obrigado.

— Você se desmascarou quando pediu que a mulher viesse também.

Você sabe disso, não?

McCone parecia sorrir e fazer carranca ao mesmo tempo, com um efeito geral assustadoramente paranóico. Suas mãos se fechavam e abriam.

— Ah, é assim ? — retrucou Richards em voz mansa. — E desde que nunca se engana, o senhor vai me atacar antes que o avião decole. Dessa maneira, evita o perigo e sai disto cheirando como um a rosa, certo?

Os lábios de McCone se entreabriram em um pequeno rosnado e em seguida se contraíram até ficarem brancos. Não fez movimento nenhum.

O avião começou a vibrar levemente à medida que aumentava cada vez mais as rotações do motor.

O ruído foi subitamente reduzido quando a borda de entrada na segunda classe fechou com força. Inclinando-se ligeiramente para olhar por uma das vigias de bom bordo, Richards viu a turma de terra arrastar para longe a escada.

Agora todos nós estamos na força, pensou.

...Menos 026

e CONTANDO...

AO LADO DA TELA DE CINEMA ENROLADA, acendeu-se brusca e o sinal: COLOCAR CINTOS DE SEGURANÇA. NÃO FUMAR. O avião começou a fazer uma lenta e poderosa curva sob os pés deles. Richards reunira todos os seus conhecimentos sobre jatos em programas de Free-Vee e leituras, grande parte delas de cabeludas aventuras de ficção, mas esta era apenas a segunda vez em que estivera num avião, e um avião que fazia o aparelho da ponte, aérea entre Harding e Nova York parecer um brinquedo de banheira. Achou perturbador aquele poderoso movimento sob os pés.

— Amélia?

Ela ergueu lentamente os olhos, o rosto devastado e riscado de lágrimas.

— Ahn?

A voz saiu enferrujada, atordoada, entupida de muito. Com o se houvesse esquecido onde estava.

— Venha para a frente. Estam os decolando. — Olhou para McCone. —

Você pode ir para onde quiser, homemzinho. O avião é seu. Mas não incomode a

tripulação.

Sem responder, McCone sentou-se perto da divisória acortinada entre a primeira e a segunda classe. Depois, aparentemente pensando melhor, passou para a cabine seguinte e desapareceu.

Richards dirigiu-se até onde estava a mulher, usando as costas altas das poltronas com o apoio.

— Eu gostaria de ficar em uma poltrona de janela — disse. — Só voei uma vez antes.

Fez um esforço para sorrir. Ela, porém, apenas olhou-o embotadamente.

Ele sentou-se e ela tomou o lugar a seu lado. Afivelou para ele o cinto de segurança, para que ele não tivesse que tirar a mão do bolso.

— Você é com o um pesadelo — disse ela. — Um pesadelo que nunca terminou.

— Sinto muito.

— Eu não... — com eçou ela.

Ele tapou-lhe a boca com a mão e sacudiu a cabeça. Com os lábios, disse a palavra *Não!* O avião girou com um cuidado lento, infinito, as turbinas uivando e com eçou a dirigir-se pesadamente para a pista com o um desajeitado pato prestes a entrar na água. O aparelho era tão grande que Richards teve a

impressão de que estava parado e que era a terra que se movia.

Talvez tudo isto seja uma ilusão, pensou ele, alucinado. Talvez tenham instalado projetores de 3-D do lado de fora das janelas e...

Reprimiu o pensamento. Nesse momento chegaram à cabeceira da pista e o avião fez uma pesada curva à direita. Depois com eçou a correr em ângulo reto com a pista, passando os pontos de controle Três e Dois. No ponto Um, parou por um segundo. O sistema de comunicação interna transmitiu nesse momento a voz sem expressão de Holloway :

— Decolando, sr. Richards.

Ele foi jogado para o encosto macio do assento e as luzes de pouso no lado de fora com eçaram de repente a passar com uma velocidade alucinante. As montanhas e árvores queimadas pelo escape dos aviões no horizonte desolado e colorido pelo pôr-do-sol arremeteram para eles. Os motores aumentaram a rotação e o piso voltou a vibrar. De repente, ele se deu conta de que Amelia Williams segurava-lhe o ombro com as duas mãos, o rosto contorcido em uma horrível careta de medo. *Deus do céu, ela também nunca voou antes.*

— Estão indo — disse ele. Descobriu que estava repetindo as mesmas palavras, incapaz de parar: — Estão indo. Estão indo.

— Para onde? — sussurrou ela.

Ele não respondeu. Estava já acostumado com quando a saber.

...Menos 025

e CONTANDO...

OS DOIS MILICIANOS DE SERVIÇO NA BARRHRA de estrada no acesso leste do aeroporto olharam para o avião que nesse momento levantava vôo, ganhando velocidade, as luzes piscando alaranjadas e verdes na escuridão cada vez maior, o ruído de seus motores martirizando-lhes os ouvidos.

— Ele está indo em bora! Cristo, ele está indo em bora.

— Para onde? — perguntou o outro.

Observaram a forma escura soltar-se do chão, os motores assumindo um som curioso e regular, com o fogo de treinamento de artilharia em uma manhã fria. Subiu em ângulo agudo, tão real, tangível e prosaico como um cubo de manteiga num prato, mas inacreditável por voar.

— Você acha que ele conseguiu?

— Diabo! Não sei.

O ronco do avião chegava-lhes nesse momento em ciclos sonoros

menores.

— Uma coisa, porém, eu digo. — O primeiro miliciano desviou a vista das luzes que sumiram e levantou a gola da jaqueta. — Estou satisfeito porque ele levou aquele filho da puta. Aquele McCone. Posso lhe fazer uma pergunta pessoal?

— Enquanto eu não tiver que responder.

— Você gostaria de vê-lo ganhar essa parada?

O miliciano ficou calado durante muito tempo. O som do jato diminuiu cada vez mais até que desapareceu no zumbido subterrâneo de nervos em atividade.

— Gostaria.

— Acha que ele vai conseguir?

Um sorriso cada vez maior na escuridão.

— Meu amigo, acho que vai haver uma grande explosão.

...Menos 024

e CONTANDO...

ABAIXO DELES, A TERRA CAÍRA PARA LONGE.

Richards olhou para fora, espantado, incapaz de absorver tudo aquilo.

Dormira durante todo seu outro vôo, com o se à espera daquele. A cor do céu se aprofundara para uma tonalidade na fronteira entre o veludo real e o preto.

Estrelas espiavam para baixo com um brilho hesitante. No horizonte de oeste, o único resto do sol era uma azeda linha alaranjada que não iluminava absolutamente a terra escura em baixo. Viu um aglomerado de luzes que julgou ser Derry.

— Sr. Richards?

— Sim .

Saltou no assento com o se houvesse sido cutucado.

— Estam os no m odo de espera neste exato m om ento. Isso significa que estam os descrevendo um largo círculo sobre o Voigt Jetport. Instruções.

Richards pensou, cuidadosam ente. Não seria bom revelar m uita coisa.

— Qual é a altitude m ínim a absoluta em que o senhor pode voar?

Houve um a longa pausa para consultas na ponte de com ando.

— Poderiam os nos safar com 700m de altitude — respondeu cauteloso Holloway. — Isso é contra as regras do D.A.C., m as...

— Esqueça isso — cortou-o Richards. — Até certo ponto, tenho que m e colocar em suas m ãos, sr. Holloway. Sei m uito pouco sobre vôo e tenho certeza de que o senhor conhece o assunto m uito m elhor do que eu. Mas, por favor, lem bre-se que as pessoas que estão cheias de idéias brilhantes sobre com o m e derrotar estão lá no chão e fora de perigo. Se o senhor m e m entir a respeito de algum a coisa e eu descobrir...

— Ninguém aqui vai dizer m entira nenhum a — garantiu Holloway. —

Estam os apenas interessados em botar esta coisa no chão da m esm a m aneira com o ela subiu.

— Okay. Ótim o.

Parou para pensar. Ao seu lado, Am élia Williams perm anecia rígida, as m ãos cruzadas no colo.

— Siga direto para oeste — disse, de súbito. — A 700m de altitude.

Mostre os pontos de interesse turístico enquanto voarm os, por favor.

— Os pontos de interesse turístico?

— Os lugares por onde voarem os — explicou Richards. — Eu só voei um a vez antes.

— Oh. — Holloway pareceu aliviado.

O avião inclinou-se sob os pés deles e a escura linha do pôr-do-sol do outro lado da janela mudou tam bém de posição. Richards observava aquilo fascinado. Nesse mom ento ele brilhava obliquam ente do outro lado da grossa vidraça, em estranhos e fugitivos raios de claridade. *Estamos perseguindo o sol*, pensou. *Isso não é espantoso?* O relógio marcava 6:35h.

...Menos 023

e CONTANDO...

AS COSTAS DO ASSENTO À SUA FRENTE era em si um a revelação. Havia ali um bolso com um livro com instruções de segurança. Em caso de turbulência, coloque o cinto. Se a cabine perder pressão, puxe para baixo as máscaras de ar que estão diretamente em cima de sua cabeça. Em caso de problema de motor, as comissárias darão outras instruções. Em caso de morte por explosão súbita, tomara que você tenha obturações suficientes para permitir a identificação.

Havia tam bém um a pequena tela de Free-Vee embutida nas costas do assento da frente, no nível do olho. Um cartão de metal em baixo lembrava os espectadores que os canais poderiam aparecer e desaparecer com grande rapidez. À disposição do

espectador vidrado naquilo havia um seletor de canais acionado a botões. Abaixo e à direita da Free-Vee havia um bloco de papel com o timbre da companhia aérea e um estilo G-A preso a uma corrente. Richards puxou uma folha de papel e escreveu desajeitado sobre o joelho: "As probabilidades são de 99 em 100 de que você esteja grampeada, microfone nos sapatos ou nos cabelos, talvez um transmissor em uma alça na manga de sua blusa.

McCone está à escuta e à espera que você deixe cair o outro sapato. Dentro de um minuto, tenha uma explosão histérica e me imploro para puxar o anel. Isso tornará melhores as nossas chances. Topa?" Ela inclinou a cabeça e Richards hesitou por um momento e em seguida voltou a escrever "Por que você me entendeu sobre aquilo?"

Ela tomou o estilo, pousou-o sobre o papel no joelho por um momento, e escreveu? "Não sei. Você me fez sentir como uma assassina.

Esposa. E você parecia tão"... o estilo parou, hesitou e depois rabiscou,

"deplorável".

Richards ergueu as sobrancelhas e sorriu um pouco — doeu. Ofereceu-lhe o estilo e ela sacudiu a cabeça, sem falar. Ele escreveu: "Inicie a encenação dentro de cinco minutos." Ela baixou a cabeça, confirmando que entendera.

Richards amassou o papel e enfiou-o no cinzeiro embutido no descanso da poltrona. Tocou fogo no papel, as chamadas brilharam vivamente por um momento, lançando um pequeno brilho refletido na janela. Depois transformou-se em cinzas, que ele amassou cuidadosamente. Mais ou menos cinco minutos depois, Amélia cometeu a gema. A coisa parecia tão real que,

por um momento, ele ficou espantado. Depois, ocorreu-lhe de repente que aquilo *era* provavelmente real.

— Por favor, não faça isso — disse ela. — Por favor, não faça aquele homem ... tentar alguma coisa contra você. Eu nunca fiz nada contra você. Quero voltar para minha casa e para meu marido. Nós temos os dois a filha, também. Tem seis anos. Ela deve estar perguntando quando a mãezinha dela vai voltar.

Richards sentiu as sobrancelhas subirem e descerem duas vezes em tique involuntário. Não queria que ela fosse tão com petente assim. Não tão com petente *assim*.

— Ele é estúpido — respondeu; fazendo um esforço para não se dirigir a uma plateia invisível —, mas não acho que seja tão estúpido desse jeito. Tudo vai correr bem, sra. Williams.

— Para o senhor, é fácil dizer isso. Nada tem a perder.

Ele não respondeu, tão evidentemente certa estava no que dizia. Nada, afinal de contas, que já não houvesse perdido.

— Mostre a ele — implorou ela. — Pelo amor de Deus, por que não mostra a ele? Nesse caso, ele terá que acreditar... tirar o pessoal do chão. Eles estão nos seguindo com mísseis. Ouvi quando ele disse isso.

— Não posso mostrar a ele — retrucou Richards. — Tirar a bomba do bolso implicaria pôr a trava no detonador ou correr o risco de nos explodirmos acidentalmente. Além do mais — continuou, injetando zombaria na voz —, não acho que mostraria a ele, mesmo que pudesse. Ele é um verme e que tem alguma coisa a perder. Vamos deixar que ele sue um pouco.

— O senhor não... — cometeu ela. Nesse momento, abriu-se bruscamente a porta entre a primeira e a segunda classe, e McCone entrou, meio andando, meio orgulhando. Tinha o

rosto calmo, mas por baixo da calma havia uma estranha aparência lustrosa que Richards reconheceu imediatamente. A tonalidade do medo, branco, seroso e brilhando.

— Sra. Williams — disse ele vivamente. — Café, se faz favor. Para sete. A senhora vai ter que bancar a comissão de bordo neste vôo, portanto dizer.

Ela levantou-se sem olhar para nenhum dos dois.

— Onde?

— À frente — disse suavemente McCone. — Simplesmente siga seu nariz.

Ele era um homem, de certa maneira, gentil — mas pronto para se atirar contra Amelia Williams no momento em que ela desse um sinal de fazer causa comum com Richards. Ela subiu a coxa sem olhar para trás. McCone olhou fixamente para Richards e perguntou:

— Você desistiria disso se eu lhe promettesse anistia, meu chapá?

Meu chapá. Essas palavras parecem mesmo sebosas em sua boca —

maravilhou-se Richards. Flexionou a mão livre e olhou para ela. Estava dura de pequenos riachos de sangue coagulados, ornamentada com pequenos arranhões e cortes devido ao passeio com o tornozelo quebrado pelos bosques do Maine.

Sebosas, mesmo. Até fez com que parecessem dois hambúrgueres gordurosos fritando numa frigideira. Os únicos tipos que se pode conseguir nas Lojas de Beneficência de Co-Op City. Olhou para McCone com mal disfarçado nojo.

Aquele, porém . Aquele parece mais um bife autêntico. Peça de primeira.

Nenhuma gordura, exceto aquele anelzinho pelo lado de fora, certo?

— Anistia — repetiu McCone. — O que é que acha dessa palavra?

— Um amanteira — retrucou Richards, sorrindo. — Um a grandíssima amanteira. Será que não sabe que sei que você nada mais é do que um empregado remunerado?

McCone enrubesceu. Não um rubor suave, mas forte, vermelho, atijolado.

— Vai ser bom ter você em meu tribunal particular — disse ele.
—

Tem os projéteis de Impacto que fará sua cabeça parecer uma abóbora que caiu de um arranha-céu na calçada. Cheios de gás. Explodem ao contato. Um tiro na barriga, por outro lado...

Richards gritou:

— *Vai explodir! Vou puxar o anel!*

McCone soltou um grito agudo. Recuou cambaleando dois passos, bateu com a bunda no braço bem acolchoado da poltrona 95, do outro lado do corredor, perdeu o equilíbrio e caiu com o um homem em que estava numa rede, os braços batendo o ar em volta da cabeça em loucos gestos de quem se protege.

As mãos imobilizaram-se em seguida acima da cabeça, como se fossem pássaros petrificados, os dedos abertos. Olhou através daquela grotesca moldura como se fosse uma máscara mortuária de gesso sobre a qual alguém, de brincadeira, pusera óculos de aro de ouro. Richards começou a rir. O ruído foi

rachado no princípio, estranho a seus próprios ouvidos, desde quando soltara um a autêntica, real gargalhada, o tipo que brota livre e incontrolavelmente do ponto mais fundo do estômago? Achou que nunca fizera isso em toda sua vida cinzenta, esforçada, séria. Mas estava fazendo nesse momento.

Seu filho da puta. A voz de McCone lhe faltara e ele pudera apenas pronunciar as palavras com a boca, o rosto contorcido e amassado com o rosto muito sovado de um ursinho de pelúcia muito usado. Richards gargalhou. Segurou um braço da poltrona com a mão não livre e simplesmente riu, riu, as bandeiras despregadas.

...Menos 022

e CONTANDO...

NO MOMENTO EM QUE HOLLOWAY informou que o avião estava cruzando a fronteira entre o estado de Vermont e o Canadá (Richards achava que ele conhecia bem seu ofício; ele mesmo o nada podia ver, salvo escuridão em baixo,

interrompida por ocasionais aglomerados de luzes), pôs com todo cuidado de lado a xícara de café e respondeu:

— Poderia me fornecer um mapa da América do Norte, comandante Holloway ?

— Físico ou político?

Uma nova voz interrompendo o diálogo. Do navegador, pensou. Ora, ele devia estar fazendo o papel de estúpido obediente e não saber que mapa ele queria. O que ele não sabia.

— Ambos — respondeu secamente.

— Vai me andar a mimulher buscá-los?

— Qual é seu nome, meu chapa?

Pausa hesitante de um homem que com preguiça com um súbito medo que foi escolhido.

— Donahue.

— Você tem pernas, Donahue. Que tal trazê-los aqui você mesmo?

Donahue trouxe-os. Possuía cabelos com pridos penteados para trás com gomalina e calça cortada suficientemente justa para mostrar o que parecia

um saco de bolas de golfe entre as pernas. Os mapas estavam em brulhados em plástico mole. Richards não sabia no que estavam em brulhados os colhões de Donahue.

— Eu não quis provocar — disse ele, contrafeito.

Richards achou que podia identificá-lo. Jovens abastados com um bocado de tempo livre, freqüentemente gasto rondando as zonas baratas de prazer das grandes cidades, vagueando em grupos bem vestidos, às vezes a pé, com mais freqüência em helicópteros. Caçadores de homossexuais. Os bichas, claro, tinham que ser erradicados. Salvem nossos banheiros para a democracia.

Mas eles raramente se aventuravam além das penumbra das áreas de prazer e entravam na escuridão completa dos guetos. Quando faziam isso, eram expulsos a pontapés.

Donahue mexeu-se inquieto sob o longo olhar de Richards.

— Alguma coisa mais?

— Você é inimigo dos bichas, meu chapa?

— *Ahn?*

— Esqueça. Volte lá pra trás. Ajude-os a guiar o avião.

Donahue voltou para a ponte em passo rápido.

Rapidamente, descobriu que o mapa com cidades grandes e pequenas e estradas era o político. Riscando com o dedo de Derry até a fronteira Canadá-

Vermont em um curso reto, localizou a posição aproximada onde estavam .

— Com andante Holloway ?

— Sim .?

— Vire à esquerda.

— Ahn?

Holloway pareceu francamente sobressaltado.

— Para o sul, quero dizer. Diretamente para o sul. E lembre-se...

— Estou me lembrando — garantiu Holloway. — Não se preocupe.

O avião inclinou-se. McCone permaneceu encurvado no assento onde caíra, olhando para Richards com olhos famintos, desejosos.

...Menos 021

e CONTANDO...

DESCOBRIU QUE ENTRAVA E SAÍA DE COCHILOS e isso assustou-o. O

zum bido contínuo dos motores era insidioso, hipnótico. McCone estava consciente de tudo que acontecia e sua postura inclinada tornou-se cada vez mais vulpina.

Amélia também percebia isso, acachapada e infeliz em um assento à frente, perto da cozinha de bordo, observando-os.

Bebeu mais duas xícaras de café. Não ajudaram muito. Estava se tornando cada vez mais difícil concentrar-se na coordenação do mapa com o contador em voz monótona de Holloway sobre aquele vôo ilegal.

Finalmente, enfiou o punho no lado do corpo em que fora atingido pela bala. A dor imediata e intensa agiu como um balde de água gelada lançado em seu rosto. Um guincho mais alto gritado, mais assobiado, saiu das extremidades da boca cerrada, com as duas trilhas sonoras de estéreo. Sangue novo umedeceu-lhe a camisa e passou para a mão. Amélia gemeu.

— Vamos passar sobre Albany dentro de seis minutos — informou Holloway. — Se olhar para fora, verá a cidade surgindo à esquerda.

— Relaxe — disse Richards sem se dirigir a ninguém, falando consigo mesmo, — Relaxe. Simplesmente, relaxe.

Deus, isso acabará logo? Sim. Logo, logo. Faltava um quarto para as 8h.

...Menos 020

e CONTANDO...

PODERIA TER SIDO UM PESADELO, um pesadelo que rastejara da escuridão para o doentio palco iluminado de sua mente sem recordada — mais exatamente, uma visão ou uma alucinação. O cérebro funcionava e concentrava-se em um nível, tratando do

problema de navegação e da amplitude constante de McCone. Em outro, alguma coisa preta estava acontecendo. Coisas se moviam nas trevas.

Rastreador ligado.

Positivo.

Imensos servomecanismos, rangedores, moviam-se na escuridão, na noite. Olhos infravermelhos brilhavam em espectros desconhecidos. Pálidos fogos-fátuos verdes de mostradores e feixes vasculhantes de radar.

Contato. Temos um contato.

Caminhões ribombando em estradas do interior e em veículos-plataformas servindo de âncora de triangulação a 300km de distância um do outro, antenas de microondas varrendo os céus. Ondas intermináveis de elétrons voando em invisíveis asas de morcegos. Ricochete, eco. O forte bipé e a pós-

imagem que desaparece até que o giro de retorno da luz ilumina-o em uma posição ligeiramente mais ao sul.

Sólido?

Positivo. A 300km ao sul de Newark. Poderia ser Newark.

Newark está em Alerta Vermelho, e também o sul de Nova York.

Ordem executiva ainda em vigor?

Positivo.

Nós o tivemos no centro do alvo em Albany.

Fique frio, meu chapa.

Cam inhões trovejando através de cidades fechadas, onde com olhos apavorados, cheios de ódio, pessoas espiam por trás de janelas de papelão.

Roncando com o bestas pré-históricas na noite.

Enormes motores ragedores fazem deslizar para os lados, abrindo-se no meio, imensas calotas de concreto, correndo sobre trilhos de concreto. Silos circulares com o as estradas do mundo subterrâneo dos Morlocks. Baforadas de hidrogênio líquido escapando para o ar externo.

Rastreando. Estamos rastreando, Newark.

Recebido e entendido, Springfield. Mantenha-nos informados.

Bêbados adormecidos em becos acordam estonteados com o trovão dos caminhões que passam e olham mudos para fatias do céu entre prédios muito perto uns dos outros. Seus olhos são desbotados e amarelados, e suas bocas são linhas caídas. Mãos puxam com reflexos senis jóias velhas para protegê-los contra o frio de outono, mas as jóias não estão mais ali, a Free-Vee matou o último deles. A Free-Vee é a rainha do mundo. Aleluia. Ricos fumam Dokes. Os olhos amarelados captam um vislumbre de luzes altas e que piscam no céu.

Relampejam, relampejam. Vermelhas e verdes, vermelhas e verdes. O ribombante dos caminhões passou, mas continua a ecoar para um lado e outro nos *canyons* de pedra, com o punhos de vândalos. Os bêbados voltam a dormir. Merda.

Estamos localizando-o a oeste de Springfield.

Entrar em compasso de espera em cinco minutos.

Ordem de Harding?

Positivo.

Ele está enquadrado e iluminado.

Durante toda a noite, mexem-se as invisíveis asas de um orcego, traçando uma rede luminosa pelo canto nordeste da América. Servomecanismos controlados pelos computadores da General Atomics funcionam suavemente. Os mísseis giram e mudam ligeiramente de posição em milhares de lugares a fim de seguir as luzes piscantes vermelhas e verdes que riscam o céu. Lembra cascavéis de aço cheias de veneno, à espera.

Ele viu tudo isso e funcionou, mesmo enquanto via. De certa maneira,

era estranhamente confortante a dualidade de seu cérebro. Induzia um desligamento que se parecia muito com insanidade mental. O dedo incrustado de sangue seguia automaticamente a rota do avião para o sul. Nesse momento ao sul de Springfield, no outro lado de Hartford...

Rastreando.

...Menos 019

e CONTANDO...

— SR. RICHARDS?

— Sim ?

— Estam os passando por cima de Newark, Nova Jersey.

— Certo — respondeu. — Estive observando. Holloway ?

Holloway não respondeu, mas Richards sabia que ele estava à escuta.

— Eles estão fazendo pontaria para nós o tempo todo, não?

— Estão — confirmou Holloway. Richards olhou para McCone:

— Acho que eles estão tentando decidir se podem dar-se ao luxo de perder o sabujão que está aqui. Acho que vão resolver pela afirmativa. Afinal de contas, tudo o que eles têm que fazer é treinar outro cão.

McCone rosnou para ele, mas Richards pensou que aquilo era um gesto inteiramente inconsciente, que provavelmente poderia ser seguido às suas origens nos ancestrais de McCone, os Neanderthals, que se aproximavam sorrateiros dos inimigos, com grandes pedras nas mãos, em vez de lutarem até a morte à maneira respeitável mas estúpida.

— Quando é que vamos os passar novamente sobre terreno desabitado, com andante?

— Não vamos os. Não numa direção reta para o sul. Mas passaremos os sobre o mar aberto depois de voarmos por sobre as plataformas de perfuração ao largo da costa da Carolina do Norte.

— Tudo ao sul daqui é subúrbio da cidade de Nova York?

— É mais ou menos o tamanho da coisa — confirmou Holloway.

— Obrigado.

Newark espalhava-se e se abria em baixo com o um punhado de jóias sujas lançadas descuidadamente na frásqueira forrada de veludo preto de alguma mulher.

— Com andante?

Cansadamente:

— Sim .

— Agora o senhor vai tomar a direção oeste.

McCone saltou como se tivesse sido enrabado. Amélia produziu um som de tosse, surpresa, no fundo da garganta.

— Oeste? — perguntou Holloway. Parecia infeliz e assustado pela primeira vez. — Indo nessa direção, o senhor está pedindo que eles disparem . A direção oeste nos leva por regiões muito desabitadas. A Pensilvânia entre Harrisburg e Pittsburgh é toda rural. Não há nenhuma outra grande cidade a leste de Cleveland.

— O senhor está planejando minha estratégia para mim , com andante?

— Não, eu...

— Diretamente para oeste — repetiu seco Richards. Newark afastou-se por baixo deles.

— Você está louco — protestou McCone. — Eles vão nos reduzir a frangalhos.

— O senhor e cinco outras pessoas inocentes a bordo? Neste honrado e respeitável país?

— Será um engano — retrucou áspero McCone. — Um engano com efeito de propósito.

— O senhor não assiste ao *Relatório Nacional!* — perguntou Richards, ainda sorrindo. — Nós não cometemos os erros. Não cometemos um erro desde

1950.

Newark ia desaparecendo sob a asa, substituída pela escuridão.

— O senhor não está mais rindo — observou Richards.

...Menos 018

e CONTANDO...

MEIA HORA DEPOIS, Holloway voltou ao rádio. Parecia agitado.

— Richards, fomos informados pelo Alerta Vermelho de Harding que querem dirigir-nos um a transmissão de alta intensidade. Da Federação dos Jogos.

Fui informado que valeria a pena você sintonizar a Free-Vee.

— Obrigado.

Ele olhou para a tela vazia da Free-Vee e quase a ligou. Retirou a mão com o se as costas do assento da frente, onde estava a tela embutida, estivesse quente. Foi tomado por uma curiosa sensação de medo e *deja vu*. Aquilo se parecia demais com uma volta ao comêço, a Sheila e seu rosto magro e gasto, o cheiro do repolho que cozinhava no apartamento da sra. Jenner insinuando-se pelo corredor. A fanfarra dos jogos. *Acione o Moinho. Nade com os Crocodilos.*

Os gritos de Cathy. Nunca mais poderia ter outro filho, claro, nem mesmo se retirasse tudo aquilo, anulasse tudo, voltasse ao comêço. Mesmo aquele único fora concebido contra probabilidades fantásticas altas.

— Vigie-a — disse McCone. — Quem sabe, eles vão nos fazer... fazer a você... uma proposta.

— Cale-se — disse Richards.

Esperou, deixando que o medo o encharcasse com o se fosse água pesada. O curioso senso de pressentimento. As dores eram

terríveis. O ferimento continuava a sangrar, e sentia as pernas fracas e distantes. Não sabia se poderia levantar-se para terminar essa charada quando chegasse o momento.

Com um grunhido, inclinou-se novamente para a frente e apertou o botão *ON*. A Free-Vee surgiu na tela incrivelmente clara, amplificado o seu sinal.

O rosto que encheu a tela, paciente e à espera, era muito preto e muito conhecido. Dan Killian. Estava sentado a uma escrivaninha em forma de rim, com o símbolo dos Jogos por trás.

— Olá, você aí — disse ansioso Richards.

Quase caiu da poltrona quando Killian espigou-se, sorriu largamente e respondeu:

— Olá, você aí, sr. Richards.

...Menos 017

e CONTANDO...

— EU NÃO POSSO VÊ-LO — cometeu Killian, mas posso ouvi-lo. O som do sistema interno de comunicação está sendo retransmitido pelo sistema de comunicação da ponte de comando. Eles me disseram que você está gravemente ferido à bala.

— Não é tão ruim como parece — respondeu Richards. — Levei uns arranhões lá nos bosques.

— Oh, sim — assentiu Killian. — A famosa Fuga pelos Bosques. Bobby Thompson canonizou esta noite mesmo no programa a essa odisséia. Juntamente com suas atuais façanhas, claro. Amanhã, esses bosques estarão cheios de gente à procura de um pedaço de sua camisa ou mesmo um cartucho deflagrado.

— Isso é um a pena — retrucou Richards. — Eu vi um coelho.

— Você vem sendo o maior participante que já tivemos os, Richards.

Graças a um a combinação de sorte e habilidade, você tem se revelado indisputavelmente o maior de todos. Suficientemente grande para que nos lhe ofereçam os um trato. Que trato? Um pelotão de fuzilamento televisado nacionalmente? O seqüestro desse avião foi o mais espetacular, mas também o mais estúpido. Sabe por quê? Porque, pela primeira vez, você não está perto de sua própria gente. Você a deixou para trás quando deixou o chão. Até mesmo o a

mulher que o está protegendo. Você pode pensar que ela é sua gente. *Ela* pode mesmo pensar isso. Mas não é. Não há ninguém aí em cima, Richards, mas apenas nós. Você é um pato morto. Finalmente.

— Pessoas continuam a me dizer isso e a exalar o último suspiro.

— Você vem exalando seu último suspiro nas duas últimas horas porque a Federação dos Jogos assim quer. Eu consegui isso. E fui eu que finalmente consegui a muito custo a autorização para o oferecimento que vou lhe fazer. Há forte oposição da velha guarda — este tipo de coisa nunca foi feito antes — mas vou em frente com ela. “Você me perguntou quem poderia me ajudar se pudesse subir até o alto do edifício com um a metralhadora na mão. Um deles teria sido eu, Richards. Isso o surpreende?”

— Acho que sim. Eu o considerava como o negro da casa.

Killian jogou a cabeça para trás e riu, em bora o riso parecesse forçado

— o riso de um homem jogando por grandes apostas e agindo sob grande tensão.

— O trato é o seguinte, Richards. Traga seu avião para Harding.

Haverá um a limusine dos Jogos à sua espera no aeroporto. Uma execução será realizada — uma falsa execução. Em seguida, você entra para nossa equipe.

Sobressaltado, McCone soltou um gemido de ódio:

— Seu negro filho da puta...

Amélia Williams pareceu atordoada.

— Muito bom — disse Richards. — Eu sabia que você era bom, mas isso é realmente grande. Que maravilhoso vendedor de carros usados você teria sido, Killian.

— McCone deu-lhe a impressão de que eu estava entendendo?

— McCone é um excelente ator. Fez um pequeno número de canto e dança no aeroporto que poderia merecer um Prêmio da Academia. — Ainda assim, estava perturbado. A ordem de McCone a Amélia para ir buscar café quando pareceu que ela pudesse acidentalmente provocar a explosão, o antagonismo profundo, inabalável dele — não com binavim. Ou com binavim?

Sua mente começou a girar. — Talvez você esteja fazendo essa revelação súbita sem conhecimento dele, contando que a reação dele a faria parecer ainda mais convincente.

Killian respondeu:

— Você fez seu número de canto e dança com o explosivo plástico, Richards. Nós sabemos os — *sabemos* — que você está

blefando. Mas há um botão nesta escrivaninha, um pequeno botão vermelho, que não é um blefe. Vinte segundos depois de eu apertá-lo, o avião será reduzido a pedaços por mísseis terrestres. Diam ondback levando ogivas nucleares limpas.

— O Irlandês não é falso, tão pouco.

Mas sentiu um gosto de sangue coagulado na boca. O blefe azedara.

— Oh, é. Você não poderia entrar num Lockheed G-A levando explosivo plástico. Não sem disparar os alarmes. Há quatro detectores separados no avião, instalados para identificar seqüestradores. Um quinto foi instalado no pára-quedas que você pediu. Posso lhe dizer que as luzes de alarme na torre de

controle no Voigt Field foram observadas com grande interesse e medo quando você subiu para bordo. O consenso era que você, possivelmente, carregava o Irlandês. Você revelou tal fertilidade de recursos ao longo de todo o caminho que essa parecia uma suposição aceitável. Houve mais do que um pouco de alívio quando nenhuma das luzes se acendeu. Acho que você nunca teve oportunidade de arranjar o explosivo. Talvez nem tenha pensado nele senão quando já era tarde demais. Bem, isso não importa. Piora a sua situação, mais...

De repente, McCone apareceu ao lado de Richards.

— Aqui com você — disse, sorrindo. — É aqui que estouro sua cabeça de merda, já um tanto.

Apontou sua arma para a cabeça de Richards.

...Menos 016

e CONTANDO...

— VOCÊ MORRE, SE FIZER ISSO — disse Killian.

McCone hesitou, recuou um passo e olhou incrédulo para a Free-Vee, o rosto voltando a contorcer-se e desabar. Os lábios tremiam convulsivamente num esforço silencioso para falar. Quando a voz finalmente apareceu, foi um sussurro de raiva contrariada:

— Eu posso matá-lo! Agora me esmoro! Aqui me esmoro! Todos nós ficamos em segurança! Nós...

Cansado, Killian respondeu:

— Você está em segurança agora, seu grandíssimo estúpido. E

Donahue poderia tê-lo amarrado... se nós quiséssemos que ele fosse morto.

— Esse homem é um criminoso! — A voz de McCone estava subindo de tom. — Ele matou policiais! Cometeu crimes de anarquia e pirataria aérea!

Ele... ele me humilha publicamente e ao meu departamento.

— Sente-se — ordenou Killian e a voz dele parecia tão fria como o espaço profundo entre planetas. — É tempo de lembrar-se quem paga seu salário, sr. Caçador-Chefe.

— Eu vou até o Conselho do Presidente com isso! — McCone tremava nesse momento, saliva voando-lhe dos lábios. — Você vai colher algodão quando isto acabar, crioulo! Seu filho da puta inútil...

— Por favor, jogue sua arma no chão — falou uma nova voz.

Richards olhou em volta, espantado. Era Donahue, o navegador, parecendo mais frio e legal do que nunca. Seu cabelo com

alinado brilhava à iluminação indireta da cabine. Tinha na mão um a pistola-metralhadora Magnum /Springstun, e apontada para McCone.

— Robert S. Donahue, veterano. Controle do Conselho dos Jogos. Jogue a arma no chão.

...Menos 015

e CONTANDO...

MCCONE FITOU-O DURANTE UM LONGO SEGUNDO e a arma caiu com um som surdo no grosso carpete.

— Você...

Acho que já ouvimos toda a retórica de que necessitam os — cortou-o Donahue. — Volte para a segunda classe e fique sentado lá com o seu menino.

McCone recuou vários passos, rosando inutilmente, olhou para Richards com o seu velho filme de horror que fora contrariado por uma cruz.

Depois que saiu, Donahue fez uma pequena continência irônica a Richards, com o cano da arma e sorriu.

— Ele não vai aborrecê-lo mais.

— Você ainda parece um torturador de bichas — respondeu

tranquilamente Richards. O sorriso desapareceu. Donahue fitou-o com uma antipatia súbita, vazia, durante um momento e em seguida dirigiu-se para a ponte de comando.

Richards voltou-se novamente para a tela da Free-Vee. Descobriu que sua taxa de pulsação permanecera absolutamente estável.

Não estava com falta de ar nem com as pernas bam-bas. A morte se transformara para ele em normalidade.

— Ainda está aí, sr. Richards? — perguntou Killian.

— Estou.

— O problema foi resolvido?

— Foi.

— Ótimo. Então vamos voltar ao que eu estava dizendo.

— Continue.

Killian suspirou ao ouvir o tom de voz dele.

— Eu estava dizendo que nosso conhecimento de seu blefe piora sua situação, mas torna maior nossa credibilidade. Como preendo por quê?

— Como preendo — respondeu indiferente Richards. — Significa que

vocês poderiam ter explodido este avião a qualquer tempo. Ou poderiam ter ordenado a Holloway que aterrissasse onde quisesse. McCone teria me mantido atado.

— Exatamente. Acredita que nós sabemos os que você está blefando?

— Não. Mas você é melhor do que McCone. Usar seu moleque de casa infiltrado aqui foi um excelente golpe. Killian riu.

— Oh, Richards. Você é um doce. Uma ave tão rara, tão iridescente.

Ainda assim, as palavras soaram forçadas, tensas, pressurizadas.

Ocorreu-lhe que Killian estava escondendo informações que não queria absolutamente transmitir.

— Se você tivesse realmente o explosivo, poderia ter puxado o anel quando McCone encostou a arma em sua cabeça. Você sabia que ele iria atá-lo.

Você simplesmente ficou com o que estava.

Richards teve certeza de que o jogo acabara, teve certeza de que eles sabiam disso. Um sorriso fendeu-lhe o semblante. Killian gostaria daquilo. Ele era um homem de mente aguda e sardônica. Faça-os pagar então, se querem ver a carta coberta.

— Eu não estou aceitando nada disso. Se me pressionar, tudo vai pelos ares.

— E você não seria o homem que se não levasse isso até o fim. Sr.

Donahue?

— Sim, senhor.

A voz de Donahue, fria, eficiente, destituída de emoção, saiu quase simultaneamente do sistema interno de comunicação e da Free-Vee.

— Por favor, volte lá pra dentro e tire a bolsa da sra. Williams do bolso do Sr Richards. Mas não deve machucá-lo de nenhuma maneira.

— Sim, senhor.

Richards, vagamente, lembrou-se da perfuradora que marcara seu cartão de identificação no quartel-general dos Jogos. *Clitler clitler clitler.*

Donahue reapareceu e dirigiu-se para Richards, rosto liso, frio e vazio.

Programado. A palavra saltou de repente na mente de Richards.

— Fique aí mesmo, bonitinho — observou Richards, mudando ligeiramente a mão no bolso do casaco. — O Homem lá está em terreno seguro.

Você é o cara que vai para a lua.

Achou que os passos firmes podem ter hesitado apenas por um segundo e que os olhos podem ter se contraído com a enorme das incertezas, mas em seguida ele continuou a andar. Para todos os fins, poderiam estar passeando pela Cote d'Azur... ou aproximando-se de um homossexual balbuciando de medo no fim de um beco sem saída.

Por um momento, Richards pensou em agarrar o pára-quedas e fugir.

Inútil. Fugir? Para onde? O banheiro dos homens ao fim da cabine de terceira classe era o fim da estrada.

— Veja-o no inferno — disse baixinho e fez um gesto de puxar alguma coisa do bolso.

Desta vez, a reação foi um pouco melhor. Donahue emitiu um grunhido e ergueu as mãos para defender o rosto, num gesto instintivo tão velho como o próprio homem. Baixou-os em seguida, ainda na terra dos vivos, parecendo embaraçado e muito zangado.

Richards tirou carteira de Amélia Williams do bolso sujo, rasgado, e jogou-a. Atingiu Donahue no peito e caiu no chão com o uma ave morta. A sua mão estava banhada de suor. Repousando novamente no joelho, pareceu-lhe estranha,

branca, diferente. Donahue apanhou a carteira, exam inou-a superficialmente, e entregou-a a Amélia. Richards sentiu um estúpido tipo de tristeza com essa cena. De certa maneira, era como se estivesse perdendo um velho amigo.

— Buuum mm — disse baixinho.

...Menos 014

e CONTANDO...

— SEU MOLEQUE É MUITO BOM — disse cansadamente Richards, depois que Donahue se retirou. — Consegui que ele tremesse um pouco, mas estava com esperança de que ele mijasse na calça. — Estava começando a notar uma esquisita duplicação da visão. Que acontecia e desaparecia. Exam inou cautelosamente o lado ferido do corpo. — Instalou câmeras no aeroporto para que todos possam ver o bandido ser morto?

— Agora, o trato — disse baixinho Killian.

Tinha o rosto sombrio, indecifrável. O que quer que houvesse estado escondendo estava nesse momento imediatamente abaixo da superfície. Richards teve certeza disso. E, de repente, o medo dominou-o. Teve vontade de estender a mão e desligar a Free-Vee. Não ouvi-la mais. Sentiu as entranhas iniciarem um lento e terrível tremor — um tremor de terra real, literal. Mas não conseguiu desligá-la. Claro que não. Afinal de contas ela era gratuita.

— Vade retro, Satanás — disse em voz em bolada.

— O quê? — perguntou Killian, parecendo sobressaltado.

— Nada. Diga o que tem a dizer.

Killian não falou logo. Olhou para as mãos. Ergueu novamente a vista.

Richards sentiu uma câmara desconhecida de sua mente gemer com pressentimento psíquico. Pareceu que as almas dos pobres e dos anônimos, dos bêbados que dormiam em becos, chamavam-lhe o nome.

— McCone acabou — disse suavemente Killian. — Você sabe porque foi você quem fez isso. Esmagou-o com o se fosse um ovo de casca mole.

Querem os que você assuma o lugar dele.

Richards, que pensava ter ultrapassado o ponto de todos os choques, sentiu o queixo cair em total e atônita incredulidade. Aquilo era uma mentira.

Tinha que ser. Ainda assim ... Amelia recuperara sua carteira. Não havia mais razão para eles mentirem ou oferecerem falsas ilusões. Ele estava ferido e sozinho. McCone e Donahue estavam armados. Uma única bala disparada pouco acima da orelha esquerda poria um fim completo nele sem confusão ou amolação.

Conclusão: Killian estava dizendo a pura verdade.

— Você está pirado — murmurou.

— Não. Você é o melhor fugitivo que já tivemos. E o melhor fugitivo conhece os melhores lugares onde procurar. Abra os olhos e compreenderá que *O Sobrevivente* é concebido para algo mais do que agradar às massas e livrar-se de pessoas perigosas. Richards, a Rede está sempre no mercado à procura de novos e promissores talentos. Tem os que estão.

Richards fez um esforço para falar, mas não conseguiu dizer coisa alguma. O medo ainda estava nele, alargando-se, aprofundando-se, engrossando.

— Nunca houve um Caçador-Chefe com família — disse ele, finalmente. — O senhor deve saber por quê. As possibilidades de extorsão...

— Bem — disse Killian com infinita suavidade —, sua mulher e filha estão mortas. Estão mortas há mais de dez dias.

...Menos 013

e CONTANDO...

DAN KILLIAN CONTINUAVA A FALAR, talvez estivesse fazendo isso já há algum tempo. Richards, porém, só o ouvia ao longe, a voz distorcida por um curioso efeito de eco em sua mente. Era semelhante a estar encurralado no fundo de um poço muito profundo e ouvir alguém chamar de lá de cima. Sua mente adquirira o negror da meia-noite e a escuridão servia com o pano de fundo para uma espécie de programação de *slides*. Uma velha foto de Sheila nos corredores da escola secundária Trades High, com um caderno de folhas soltas sob o braço. Minissaias que haviam justamente voltado à moda. Um instantâneo dos dois sentados à extremidade da Bay Pier (Ingresso Livre), de costas para a câmera, olhando para a água. Mãos enlaçadas. Uma foto em tom sépia de um rapaz metido num terno mal cortado e uma moça usando o melhor vestido da mãe — especialmente reformado — diante um juiz de paz que exibia uma grande verruga no nariz. Na noite de núpcias, haviam rido daquela verruga. Uma foto de ação em preto e branco de um homem em moço, suado, peito descoberto, usando um avental de chumbo e acionando as alavancas de uma arma de um pesado motor em uma enorme câmara subterrânea com aspecto de casa-forte, iluminada por lâmpadas de arco voltaico. Foto

colorida em tonalidades suaves (suavizadas para disfarçar o ambiente despojado de paredes que despelavam) de uma mulher com uma grande barriga, olhando pela janela, a cortina rasgada puxada para um lado, à espera que seu homem aparecesse na rua. A luz parecia uma suave pata de gato em seu rosto. Última foto: outra velha imagem Kodak de um cara magro erguendo bem alto acima da cabeça uma coisinha de nada de bebê, em uma curiosa mistura de triunfo e amor, o rosto fendido por um enorme sorriso cativante. As imagens começaram a passar cada vez mais rápidas, girando, sem trazer nenhuma sensação de dor, amor e perda, ainda não, trazendo apenas o embotamento frio de Novocaína.

Killian garantindo-lhe que a Rede nada tivera a ver com a morte de ambas, fora um horrível acidente. Richards achou que acreditava nele — não só porque a história parecia-se bem com uma mentira para não ser a verdade, mas porque Killian sabia que se ele aceitasse o oferecimento de emprego sua primeira parada seria em Co-Op City, onde em uma única hora na rua ele descobriria tudo. Assaltantes. Três deles. (Ou clientes? perguntou-se Richards, subitamente agoniado. Ela parecera ligeiramente furtiva ao telefone, como se estivesse escondendo alguma coisa...) Havia sido espancadas, provavelmente.

Talvez houvesse feito algum movimento em direção ao caçador contra Cathy e Sheila tentara defender a filha. Havia ambas em um orrido de ferimentos perfurantes.

Essas palavras tiraram o ar do ambiente.

— Não me venha com essa merda! — gritou de repente. Ela afundou-se na poltrona e subitamente escondeu o rosto. — O que foi que aconteceu? Conte o que foi que aconteceu.

— Não há nada mais que eu possa contar. Sua mulher foi esfaqueada mais de sessenta vezes.

— Cathy... — disse Richards, a voz sem expressão, sem pensar e Killian se arrepiou.

— Ben, gostaria de ter um pouco de tempo para pensar em tudo isso.

— Sim , sim , gostaria.

— Eu sinto, sinto imensamente, em eu chapa. Juro por minha mãe que nada tivemos a ver com isso. Nossa mãe teria sido separá-las de você, com direitos de visita, se você concordasse. Um homem não trabalha de boa vontade para gente que matou sua família. Nós sabemos disso.

— Preciso de tempo para pensar.

— Com o Caçador-Chefe — acrescentou suavemente Killian —, você pegaria esses canalhas e os enfiaria num buraco muito fundo. E um bocado de outros iguais a eles.

— Eu quero pensar. Adeus.

— Eu...

Richards estendeu a mão e desligou a Free-Vee. Permaneceu ali, duro com o pé na poltrona, as mãos caídas frouxas entre os olhos. O avião ronronava na escuridão.

...Menos 012

e CONTANDO...

PASSOU-SE UMA HORA.

Chegou a hora, disse a morsa, de falar sobre muitas coisas... de navios veleiros e de lacre. E se porcos têm asas.

Im agens entravam e saíam céleres de sua mente. Stacey. Bradley.

Elton Parrakis com aquele rosto de bebê. Um pesadelo de fuga. Tocando fogo em j ornais no subsolo da A.C.M. com aquele último o fósforo. Os carros em ovidos a gasolina correndo guinchando, a submetralhadora cuspidando fogo. A voz amarga de Laughlin. As imagens daqueles dois garotos, agentes juniores da Gestapo.

Bem, por que não?

Nenhum laço afetivo nesse momento e, com certeza, nenhuma amoralidade. De que modo podia a amoralidade ser problema para um homem em solto e à deriva? Com o forasábio Killian em perceber isso, em mostrar-lhe com calma e suave brutalidade com o ele estava sozinho. Bradley e sua apaixonada argumentação antipoluição eram nesse momento coisas distantes, irreais, sem importância. Filtros nasais. Sim. Em certa ocasião, o conceito de filtros nasais parece sério, muito importante. Mas não mais.

Os pobres estarão sempre presentes.

Verdade. Até mesmo as suas entranhas haviam produzido um espécime e para a máquina de matar. No fim, os pobres se adaptariam, sofreriam mutação.

Seus pulmões produziram seus próprios sistemas de filtragem, dentro de dez mil ou cinquenta mil anos, e eles se ergueriam, arrancariam os filtros artificiais e observariam seus usuários cair, escoicear e morrer se debatendo, afogando-se numa atmosfera em que o oxigênio desempenhava apenas um papel insignificante, e o que era o futuro para Ben Richards? Apenas trabalho árduo, interminável.

Haveria um período de dor. Eles esperariam isso, dariam um desconto por isso.

Haveria mesmo o raivas, mesmo os entos de revolta. Tentativas abortadas de divulgar o conhecimento do envenenamento deliberado do ar? Talvez. Eles cuidariam disso.

Cuidar de si mesmo — antecipação de um tempo em que cuidaria deles.

Instintivamente, sabia que podia fazer isso. Desconfiou que poderia mesmo ter gênio para o cargo. Eles o ajudariam, eles o curariam. Medicamentos e médicos.

Uma mudança de atitude.

Em seguida, paz. Pensou em paz, da maneira com a qual um homem no deserto pensa em água. Amelia chorava sem parar sentada em sua poltrona, muito tempo depois do tempo em que todas as lágrimas deviam ter secado.

Indiferentemente, ele especulou o que iria acontecer com ela. No seu estado atual, ela não poderia ser devolvida ao mundo e à família. Ela simplesmente não era a mulher que parará em um sinal rotineiro de trânsito, a mulher cheia de refeições, encontros, clubes e preparação de refeições. Ela mostrava um estofo interno diferente. Pensou que haveria medicamentos e terapia, um paciente desnudamento. O Lugar Onde Duas Estradas se Separam, a identificação da razão porque o caminho errado fora escolhido. Um carnaval de sonhos estados mentais. De repente sentiu vontade de aproximar-se dela, dizer-lhe que ela não fora seriamente abalada, que uma simples aplicação de Band-Aids psíquicos a curaria, torná-la-ia ainda melhor do que fora antes. Sheila, Cathy.

Seus nomes soaram e se repetiram, estrugindo em sua mente com o se fossem sinos, com as palavras repetidas até que se tornaram sons sem sentido. Diga seu nome e duzentas vezes e descubra que não é ninguém. A dor era impossível. Só podia sentir um confuso senso de embaraço, haviam-no pegado, passado por

um a peneira e descobrira que, afinal de contas, não passava de um a m erda.

Lem brou-se de um garoto de seus dias de escola prim ária que se levantara para recitar o Juram ento de Lealdade à Nação e cuja calça havia caído. O avião continuava a zum bir ininterruptam ente. Cochilou durante uns três quartos de hora.

Im agens vinham e se iam preguiçosam ente, incidentes inteiros eram vistos sem nenhum a coloração em ocional.

E depois um a foto final de álbum , um a foto lustrosa de oito por dez tirada por um entediado fotógrafo de polícia que talvez estivera m ascando chiclete. Prova C, senhoras e senhores do conselho de j urados. Um bêbado cortado e fatiado em um berço encharcado de sangue. Respingos e fios de sangue no reboco barato das paredes e nas m obílias. Mãe Ganso com prados por 10 centavos. Um grande coágulo pegaj oso no ursinho de pelúcia de segunda m ão que só tinha um olho. Acordou bruscam ente, inteiram ente desperto e espigado, a boca aberta num grito inarticulado. A força expelida pelos pulm ões foi suficiente para lhe fazer a língua bater com o um a vela de barco. Tudo, tudo m esm o na cabine de prim eira classe tornou-se subitam ente claro e plangentem ente real, esm agador, terrível. Com a realidade crua de um *clipe* de film e de horror.

Laughlin sendo arrastado de um galpão em Topeka, por exem plo. Tudo, tudo era m uito real e em tecnicolor. Am élia gritava apavorada, em uníssono com as lágrim as, tentando afundar-se na poltrona, olhos tão grandes com o m açanetas de porta rachadas, de porcelana, tentando enfiar todo o punho na boca. Donahue apareceu bruscam ente, passando pela despensa de bordo, arm a na m ão. Seus olhos eram pequenas e entusiásticas contas pretas.

— O que foi? Qual é o problem a? McCone?

— Não — respondeu Richards, sentindo o coração acalm ar-se apenas o suficiente para evitar que as palavras parecessem forçadas e desesperadas. —

Um pesadelo. Minha filhinha.

— Oh.

Os olhos de Donahue se suavizaram em falsa sim patia. Mas ele não sabia m uito bem com o fazer isso. Talvez continuasse a ser um capanga durante

toda a vida. Talvez aprendesse. Ele se virou para ir em bora.

— Donahue?

Donahue voltou-se, cauteloso.

— Eu lhe dei um grande susto, não dei?

— Não.

Donahue virou-se para ir em bora após pronunciar essa curta palavra. O

pescoço dele era encurvado e as nádegas dentro do uniform e azul eram tão bonitas com o as de um a m oça.

— Eu posso assustá-lo ainda m ais — observou Richards. — Posso am eaçar tirar seu filtro nasal.

Donahue saiu.

Cansadam ente, Richards fechou os olhos. Voltou a foto lustrosa de oito por dez. Abriu os olhos. Fechou-os. Não m ais a lustrosa oito por dez. Esperou e quando teve certeza de que ela não ia voltar (im ediatam ente), ligou a Free-Vee.

A tela iluminou-se e ali estava Killian.

...Menos 011

e CONTANDO...

— RICHARDS.

Killian inclinou-se para a frente, sem fazer o menor esforço para ocultar a tensão.

— Resolvi aceitar — disse Richards.

Killian recostou-se na cadeira e nada nele sorriu, exceto os olhos.

— Estou muito contente — disse.

...Menos 010

e CONTANDO...

— JESUS — disse ele, de pé à porta da terra do piloto.

Holloway virou-se para ele.

— Oi

Estivera falando com alguém a coisa chamada Detroit VOR. Duninger bebia café.

Os controles gemeados do avião estavam aparentemente abandonados.

Ainda assim viravam para um lado e outro, inclinavam-se e giravam com o se em resposta a mãos e pés fantasmagóricos. Ponteiros dos instrumentos oscilavam, luzes se acendiam e apagavam. Parecia que ocorria uma constante entrada e saída de dados... dirigidas a ninguém.

— Quem é que está guiando o ônibus? — perguntou Richards, fascinado.

— Otto — respondeu Duninger.

— Otto?

— Otto, o piloto "otomático". Entendeu? Trocadilho de merda. —

Duninger sorriu inesperadamente. — É um prazer tê-lo em nosso time, cara.

Você talvez não acredite, mas alguns de nós estavam os torcendo às pámpas por você.

Richards inclinou a cabeça, sem se comprometer.

Holloway entrou na brecha ligeiramente embaraçada, dizendo:

— Otto também me assusta. Mesmo depois de vinte anos disto. Mas ele é inteiramente seguro. Sofisticado como o diabo. Faria com que um dos modelos antigos parecesse um ... bem, um engradado de laranjas ao lado de uma comoda Chippendale.

— É assim mesmo?

Richards olhava para a escuridão.

— É. Você fixa o P.D.D. — ponto de destino — e Otto assume o comando, auxiliado pelo Radar Vocal o tempo todo. Torna o piloto inteiramente supérfluo, exceto nos pousos e decolagens. E em caso de problemas.

— Há muita coisa que você *possa* fazer se houver problemas? — perguntou Richards.

— Podem os rezar — respondeu Holloway.

À intenção da resposta talvez fosse ser jocosa, mas ela foi dada com uma estranha sinceridade que ficou pairando no ar.

— Essas rodas realmente guiam o avião? — perguntou Richards.

— Apenas para cima e para baixo — explicou Duninger. — Os pedais controlam o movimento lateral.

— Parece um carro de menino feito com caixote.

— É um pouco mais complicado — explicou Holloway. — Digam os apenas que há mais botões a apertar.

— O que é que acontece se Otto pirar?

— Isso nunca acontece — retrucou Duninger com um sorriso. — Se acontecesse isso, a gente simplesmente passava por cima dele. Mas o computador nunca se engana, meu chapa.

Richards quis sair dali, mas a vista dos manchetes que se moviam, dos ajustamentos minúsculos e aparentemente sem sentido dos pedais e comandadores, prenderam-no no lugar. Holloway e Duninger voltaram a seus afazeres — números obscuros e com unificações em meio a estática.

Holloway olhou para trás e pareceu surpreso ao vê-lo ainda ali. Sorriu e apontou para a escuridão.

— Você vai ver logo Harding aparecer ali.

— Quanto tempo?

— Em cinco ou seis minutos poderá ver o brilho no horizonte.

Quando Holloway se virou na vez seguinte, Richards não estava mais ali. Disse a Duninger.

— Vou ficar satisfeito quando a gente botar aquele cara no chão. Ele é um fantasma.

Duninger baixou a vista mal-humorado, o rosto banhado pela luz verde dos controles.

— Ele não gostou de Otto, sabia?

— Eu sei — respondeu Holloway.

...Menos 009

e CONTANDO...

RICHARDS VOLTOU PELO CORREDOR ESTREITO, da largura dos quadris de um homem. Friedman, o encarregado de comunicações, sequer levantou a vista.

Nem Danahue. Passou para a despensa de bordo e parou.

O cheiro de café era forte e bom. Serviu-se de um a xícara, adicionou creme e instantâneo e sentou-se em uma das poltronas de repouso das camarilhas de bordo. A cafeteira de Sílex borbulhava e fumava.

Nos *freezers* de portas transparentes havia um estoque com pleto de jantares congelados de luxo. O armário de bebidas estava inteiramente abastecido com aquelas garrafas minúsculas de com panhais de aviação.

Um homem poderia tomar um bom drinque, pensou.

Bebericou o café. Forte e bom. O Sílex borbulhava.

Aqui estou eu, pensou, e tomou um gole. Sim, nenhuma dúvida a esse respeito. Ali estava ele, sim, tomando café.

Frigideiras e panelas guardadas com cuidado. A pia de aço inoxidável brilhava com o um a jóia de cromo na bancada de fórmica. E, claro, o Sílex, na chapa quente, borbulhava e fumegava. Sheila sem pre quisera um Sílex. Um Sílex dura, era o que dizia. Chorava.

Havia um minúsculo toalete ali, onde apenas bundas de comissárias haviam se sentado. A porta estava entreaberta e podia vê-lo, sim, até mesmo a água azul, refinadamente desinfetada no vaso. Defecar em um esplendor de bom gosto a 15 metros de altura.

Bebeu o café e observou o Sílex borbulhar e fumegar, e chorou. Um choro muito calmo e inteiramente silencioso. O choro e a xícara de café terminaram na mesma ocasião. Levantou-se e pôs a xícara na pia de aço inoxidável. Pegou o Sílex, segurando-o pelo cabo plástico amarelo, e com todo cuidado derramou o café pelo ralo. Pequenas gotas de condensação apegaram -

se ao vidro grosso.

Enxugou os olhos com a manga do paletó e voltou pelo mesmo estreito corredor. Entrou no compartimento de Donahue levando o Sílex numa mão.

— Quer um pouco de café? — perguntou.

— Não — respondeu seco Donahue, sem levantar a vista.

— Claro que você quer — disse ele, e descarregou o pesado bulcão na cabeça encurvada de Donahue, usando de toda força que conseguiu reunir.

...Menos 008

e CONTANDO...

PELA TERCEIRA VEZ, o esforço reabriu o ferim ento no lado do corpo, mas o bule não quebrou. Richards perguntou a si mesmo se ele havia sido reforçado com alguma coisa (vitamina B-12, talvez?) para evitar que se estilhaçasse em caso de alta turbulência. E tirou uma enorme, espantosa quantidade de sangue de Donahue. Ele caiu sem uma palavra sobre a mesa dos mapas. Um fio de sangue correu de um lado a outro pela cobertura de plástico do mapa que estava por cima e com ele começou a gotejar.

— Recebido e entendido, C-um -nove-oito-quatro — disse vivamente uma voz no rádio.

Deixou cair o bule, mas não houve barulho. Carpete grosso mesmo ali.

A bolha de vidro do Sílex rolou para ele, um globo ocular piscante, injetado de sangue. A foto lustrosa de oito por dez de Cathy no berço reapareceu sem ser convidada e Richards estremeceu. Ergueu o pescoço de Donahue pelos cabelos e procurou dentro do paletó azul do uniforme. A arma estava ali. Ia deixar cair a cabeça de Donahue novamente em cima da mesa do mapa mas parou, e puxou-a ainda mais para cima. A boca de Donahue estava aberta, num esgar idiota. Sangue pingou dentro dela.

Enxugou o sangue de uma das narinas e olhou ali dentro.

Ali estava — minutos, bem pequenino. O brilho de uma tela.

— Acuse T.E.C., C-um -nove-oito-quatro — disse o rádio.

— Hei, ele está falando com você — disse em voz alta Friedmann, do outro lado do corredor. — Donahue...

Richards entrou mancando no corredor. Sentia-se muito fraco.

Friedman ergueu a vista.

— Quer dizer a Donahue para se mexer e acusar...

A bala de Richards pegou-o imediatamente acima do lábio superior.

Dentes voaram com o um colar quebrado de selvagem. Cabelos, sangue e miolos espalharam um borrão Rorschach na parede atrás da cadeira, onde uma mulher em uma foto em 3-D abria eternamente as pernas em volta da coluna de madeira da cama. Ouviu uma exclamação abafada no com o portamento dos pilotos e Holloway deu um mergulho desesperado, e inútil, para fechar a porta. Richards notou que ele tinha uma cicatriz pequenina na testa, em forma de ponto de exclamação. Era o tipo de cicatriz que um menino de espírito aventureiro poderia ganhar se caísse de um galho de árvore enquanto brincava de piloto.

Atingiu Holloway na barriga, arrancando dele um grande e chocante som :

— Queeeeem ...MMM?

Os pés faltaram ao corpo e ele caiu de cara no chão. Duninger estava virado na poltrona, o rosto transformado em uma lua caída.

— Não atire em mim, sim? — disse.

Não havia fôlego suficiente nele para tomar aquilo em uma frase afirmativa.

— Tom e — disse bondosamente Richards, e apertou o gatilho.

Alguns a coisa pipocou e acendeu-se com curta violência atrás de Duninger quando ele caiu. Silêncio.

— Acuse Tem po Estim ado de Chegada, C-um -nove-oito-quatro
—

disse o rádio.

Subitam ente, Richards engulhou e vom itou um grande coalho de café e bile. As contrações musculares abriram ainda mais o ferimento plantando uma grande e lancinante dor naquela parte do corpo.

Foi enquanto ando até os controles, ainda gotejando sangue e vomitando simultaneamente. Eram tantos os estradores e controles.

Não teriam eles por acaso um elo de comunicação constante aberto em um vôo tão importante com o aquele? Com toda certeza.

— Sinal recebido — disse Richards em tom de conversa.

— Está com a Free-Vee ligada aí em cima, C-Um -nove-oito-quatro?

Estam os recebendo alguma transmissão bem confusas. Tudo okay aí?

— Tudo bem — respondeu Richards.

— Diga a Duninger que ele me deve uma cerveja — disse criticamente a voz e depois só se ouviu a estática de fundo.

Otto estava dirigindo o ônibus.

Richards voltou para trás a fim de terminar o que tinha que fazer.

...Menos 007

e CONTANDO...

— OH, MEU DEUS — gem eu Am élia Williams.

Casualmente, Richards olhou de cima para baixo para si mesmo. Todo lado direito do corpo, da caixa torácica à panturrilha, era um só vermeelho brilhante e faiscante.

— Quem teria pensado que o velho tinha tanto sangue? — especulou Richards.

De repente, McCone entrou correndo na primeira classe. Com um rápido olhar, viu a situação de Richards. McCone trazia a arma na mão. Ele e Richards atiraram ao mesmo tempo.

McCone desapareceu através da cortina que separava a primeira da segunda classe. Richards sentou-se pesadamente. Sentia-se muito cansado. Tinha um grande buraco na barriga, por onde podia ver os intestinos.

Am élia gritava interminavelmente, as mãos puxando para baixo as bochechas e transformando-as numa face de plástico de feitiçeira. McCone entrou cambaleante na primeira classe. Sorria. Metade da cabeça parecia ter sido arrancada, mas ele sorria, apesar de tudo.

Atirou duas vezes. A primeira bala passou por cima da cabeça de Richards. A segunda atingiu-o pouco abaixo da clavícula.

Richards voltou a atirar. McCone deu voltas sobre si mesmo numa espécie de dança sem propósito, de bêbado. A arma escorregou-lhe da mão. Ele parecia observar o grosso teto de *styrospuma* da cabine de primeira classe, talvez com parando-o com o de sua própria segunda classe. Caiu para a frente. O cheiro de pólvora queimada e carne queimada era nítido e forte, tão característico como o de m açãs em uma prensa de sidra.

Am élia continuou a gritar. Richards pensou em como ela parecia notavelmente sadia.

...Menos 006

e CONTANDO...

LEVANTOU-SE COM GRANDE LENTIDÃO, segurando os intestinos para que não rolassem para o chão. A sensação era de que alguém estava acendendo fósforos em seu estômago. Subiu bem devagar a coxa, curvou-se, um a mão na cintura, com o se fazendo um a mesura. Pegou o pára-quedas com um a mão e arrastou-o atrás de si. Um a volta de salsicha cinzenta escapou de seus dedos e ele em purrou-a para dentro. Vagam ente, achou que poderia estar defecando em si m esm o.

— D... — gem ia Am élia William s —, D-D-D-Deus. Oh, Deus. Oh, m eu Deus.

— Vista isso — disse Richards.

Ela continuou a balançar-se e a gem er, sem ouvi-lo. Ele deixou cair o pára-quedas e esbofeteou-a. Não conseguiu pôr força na m ão. Cerrou o punho e socou-a. Ela calou-se, os olhos fitando-o, atordoada.

— Vista isso — repetiu ele. — Com o se fosse um a m ochila. Está vendo com o é?

Ela inclinou a cabeça.

— Eu... Não posso. Saltar. Medo.

— Vam os cair. Você tem que saltar.

— Não posso.

— Muito bem . Neste caso, vou atirar em você.

Ela levantou-se bruscam ente do assento, em purrando-o para um lado e com eçou a vestir o pára-quedas com um vigor de

olhos esbugalhados rolando nas órbitas. Afastou-se um pouco dele enquanto lutava com as correias.

— Não. Essa é passada por baixo.

Ela rearrumou a correia com grande rapidez, recuando por cima do corpo de McCone quando Richards se aproximou, sangue gotejando da boca.

— Agora, prenda o gancho no anel. Em volta. Em volta da cintura.

Ela obedeceu, dedos trêmulos, chorando quando errou o encaixe da primeira vez, os olhos loucamente fixos no rosto dele.

Ela escorregou por um momento no sangue de McCone e depois passou por cima dele. Da mesma maneira, de costas, recuaram pela segunda classe e chegaram à terceira. Os fósforos em sua barriga haviam sido substituídos por um isqueiro de chama contínua. A porta de emergência estava fechada com rebites

explosivos e uma barra controlada pelo piloto.

Richards entregou-lhe a arma.

— Atire nela. Eu... eu não posso agüentar o coice.

Fechando os olhos e desviando o rosto, ela apertou duas vezes o gatilho da arma de Donahue. Depois, ela ficou vazia. A porta continuou fechada e Richards sentiu um leve e doentio desespero. Amelia Williams segurava nervosamente a corda de abertura do pára-quadras.

— Talvez... — com ela, e a porta explodiu subitamente e voou para a noite, sugando-a.

...Menos 005

e CONTANDO...

ENCURVADO COMO UMA BRUXA, um homem em um furacão invertido, Richards afastou-se da porta, recuando enquanto se segurava nas costas das poltronas. Se estivesse voando mais alto, com maior diferença na pressão atmosférica, ele também teria sido puxado para fora. Na situação atual, ele estava sendo violentamente esbofeteado, seus pobres e velhos intestinos desdobrando-se e se arrastando atrás dele no chão. O frio ar da noite, rarefeito e penetrante a 700m de altitude, era como um pancada de água gelada. O

isqueiro se transformava em um açúcarico e suas entranhas queimavam.

Através da segunda classe. Melhor. A sucção não era tão grande.

Passando por cima do cadáver de McCone (mova-se, por favor), e cruzando a primeira classe. O sangue escorria-lhe livremente pela boca.

Parou à entrada da cozinha de bordo e tentou reunir os intestinos. Sabia que eles não gostavam de ficar de fora. Nem um pouco. Estavam ficando todos sujos. Teve vontade de chorar por seus pobres e frágeis intestinos, que não haviam pedido nada disso. Não conseguiu recolocá-los dentro do copo. Estavam todos atravessados, todos misturados. Imagens apavorantes dos livros de biologia da escola secundária passaram rápidas diante de seus olhos. Compreendeu, aos poucos e atabalhoada, o fato de seu fim estar chegando e chorou tristemente em meio a uma golfada de sangue. Não houve resposta no avião.

Todos haviam desaparecido. Todos menos ele e Otto. O mundo parecia estar se esvaziando de cor com o seu corpo estava se esvaziando de seus próprios fluidos brilhantes. Encostado torto na entrada da cozinha de bordo, como um bêbado encostado num poste de iluminação, viu as coisas em volta com quem a

desaparecer em um cinzento inútil.

É isso. Estou indo embora. Gritou novamente, trazendo o mundo de volta em um foco cruciante. Ainda não. Não devo. Cruzou a despensa caindo para a frente, as tripas penduradas em cordas em volta das pernas. Espantoso que houvesse tantas assim. Tão redondas, tão firmes, tão perfeitas e acondicionadas. Pisou numa delas e algo dentro dele se moveu e puxou. O relâmpago de dor ultrapassou as fronteiras do crível, as fronteiras do mundo, e guinchou, borrifando sangue na parede mais distante.

Perdeu o equilíbrio e teria caído, não o tivesse a parede a impedir o paradeiro num ângulo de 60 graus. *Um tiro na barriga. Levei um tiro na barriga.*

Insanamente, a mente respondeu: *Cliter-cliter-cliter.*

Um a única coisa a fazer. Acreditava-se que um tiro na barriga era um dos piores. Certa vez, eles haviam tido uma conversa, durante a hora do almoço no turno da meia-noite, sobre a pior maneira de morrer. Isso ao tempo em que ele era limpo e pavor de mortos. Em perfeitas condições de saúde, cheios de sangue, urina e sêmen, todos eles, devorando sanduíches e com parando os méritos relativos de envenenamento por radiação, congelamento, queda, golpe de porrete, afogamento. E alguém falara em tiro na barriga. Harris, talvez. O gordo que bebia cerveja, o que era proibido, durante o trabalho.

Dói na barriga, dissera Harris. *E demora um tempão.* E todos eles haviam inclinado a cabeça e concordado solenemente, sem a menor ideia do que era Dor. Seguiu cambaleando pelo estreito corredor, segurando-se nos dois lados para não cair. Passou por Donahue. Passou por Friedman e por sua radical cirurgia dentária. Dormência subia-lhe pelos braços, mas ainda assim a dor na barriga (o que *fora* barriga) aumentava. Ainda assim, m

esm o através de tudo isso ele se movia, o corpo dilacerado tentando cumprir as ordens do Napoleão louco engaiolado em seu crânio.

Meu Deus, poderá isto ser o fim de Rico?

Não teria acreditado que houvesse nele tantos clichês arquivados.

Parecia que a mente estava se voltando para dentro, devorando-se a si mesma em seus últimos segundos febris. Mais. Uma coisa.

Caiu sobre o corpo esparramado de Holloway e ficou ali no chão, subitamente sonolento. Um cochilo. Sim. Exatamente a coisa certa a fazer. Difícil demais levantar-se. Otto cantarolando baixinho. Cantando para adormecer o neném. Piu, piu, piu. A ovelha está na campina, a vaca está no milharal.

Levantou a cabeça — um esforço tremendo, a cabeça era aço, ferrogusa, chumbo — e olhou para os controles gemeados do avião, nos passos de sua dança. Além dele, nas janelas de plexiglass, Harding.

Longe demais. *Ele está sob o monte de feno, dormindo a sono solto.*

...Menos 004

e CONTANDO...

O RÁDIO GRASNAVA PREOCUPADO:

— Responda C-um -nove-oito-quatro. Você está voando baixo demais.

Acuse. Responda. Quer que assumamos o controle de aproximação? Responda.

Responda.

Respon...

— Foda-se — m urm urou Richards.

Com eçou a rastej ar para os controles que se inclinam e balançavam .

Os volantes m oviam -se m ilim etricam ente. Gritou com um a nova agonia de dor.

Um a volta dos intestinos ficara presa sob o queixo de Holloway. Rastej ou para trás. Soltou-a. Voltou a rastej ar.

Os braços afrouxaram e, por um m om ento, flutuou, em estado de im ponderabilidade, o nariz enfiado no m acio e fundo tapete. Ergueu-se com um esforço e voltou a rastej ar.

Subir para a poltrona de Holloway foi escalar o Everest.

...Menos 003

e CONTANDO...

ALI ESTAVA. Im enso, proj etando-se quadrado e alto na noite, silhuetado em preto contra tudo m ais. A m eia-noite transform ara-o em alabastro.

Mexeu no volante apenas um pouco. O chão caiu para a esquerda. Caiu na poltrona de Holloway e quase escorregou para fora. Virou novam ente o volante, corrigiu dem ais e o chão caiu para a direita, o horizonte inclinando-se loucam ente. Agora, os pedais. Sim . Melhor.

Cautelosam ente em purrou o volante para a frente. Um ponteiro de m ostrador em frente a seus olhos passou de 2000 para 1500 num piscar de olhos.

Puxou o volante para trás. Era muito pouca a capacidade de visão que lhe restava. O olho direito estava quase inteiramente cego. Estranho que piscasse um de cada vez. Empurrou novamente o manche. Nesse momento pareceu que o avião flutuava, sem peso. O ponteiro no mostrador escorregou de 1500 para 1200

e 900. Puxou-o para trás.

— C-um -nove-oito-quatro. — Havia grande alarme e na voz nesse momento. — O que é que está acontecendo? Responda!

— Fala, rapaz — gritou Richards.

...Menos 002

e CONTANDO...

O GRANDE AVIÃO CRUZAVA A NOITE como se fosse um pedaço de gelo e nesse momento Co-Op City estendeu-se em baixo com o um gigantesco caixote quebrado. Ele estava chegando, chegando ao Prédio dos Jogos.

...Menos 001

e CONTANDO...

NESSE MOMENTO O JATO CRUZOU O CANAL, parecendo suspenso ali pela mão de Deus, gigantesco, rugindo. Um vendedor de droga à porta do prédio olhou para cima e pensou que estava vendo uma alucinação, o último sonho do viciado, que vinha buscá-lo, talvez para o céu da General Atomics, onde toda a vida era gratuita.

O som dos motores empurrou pessoas para soleiras de portas, cabeças espichadas para cima como se fossem chamadas pálidas. Janelas de lojas tilintaram e caíram para dentro. O lixo das sarjetas

elas foi sugado pelas ruas estreitas com o pistas de boliche, com o se fossem dervixes dançarinos. Um policial deixou cair o chicote-elétrico, abraçou a cabeça com as mãos, gritou e não conseguiu ouvir a própria voz.

O avião continuava a descer e nesse momento passava por cima dos telhados tal qual um morcego de prata. A ponta da asa direita errou por uns metros 4m a Coluna de Pedra do Glamour.

Em toda Harding, Free-Vees ficaram brancas por causa da interferência e pessoas olharam para as telas com estúpida e temerosa incredulidade.

O trovão encheu o mundo. Killian ergueu a vista da escrivaninha e

olhou para a janela panorâmica que ocupava uma parede inteira da sala.

A paisagem faiscante da cidade, da South City até o Crescent, desaparecera. A janela inteira se encheu com o jato Lockheed TriStar que chegava. Suas luzes de navegação piscavam cadenciadamente e durante apenas um momento, um momento insano de surpresa, horror e incredulidade totais, ele viu Richards olhando-o fixamente, o rosto manchado de sangue, os olhos negros queimados com os olhos de um demônio.

Richards sorria.

E mostrava-lhe o dedo esticado em forma de membro e colhões.

— ...Jesus... — foi tudo o que conseguiu dizer.

000

ADERNANDO LIGEIRAMENTE, o Lockheed atingiu de frente o prédio dos

Jogos, a três quartas partes do topo. Seus tanques estavam ainda com mais de um quarto de combustível. Desenvolvia nesse momento pouco mais de 800km /h.

A explosão tremenda iluminou a noite com o a ira de Deus e choveu

fogo até uma distância de vinte quarteirões.

Table of Contents

Página de Rosto

Menos 100

...Menos 099

...Menos 098

...Menos 097

...Menos 096

...Menos 095

...Menos 094

...Menos 093

...Menos 092

...Menos 091

...Menos 090

...Menos 089

...Menos 088

...Menos 087

...Menos 086

...Menos 085

...Menos 084

...Menos 083

...Menos 082

...Menos 081

...Menos 080

...Menos 079

...Menos 078

...Menos 077

...Menos 076

...Menos 075

...Menos 074

...Menos 073

...Menos 072

...Menos 071

...Menos 070

...Menos 069

...Menos 068

...Menos 067

...Menos 066

...Menos 065

...Menos 064

...Menos 063

...Menos 062

...Menos 061

...Menos 060

...Menos 059

...Menos 058

...Menos 057

...Menos 056

...Menos 055

...Menos 054

...Menos 053

...Menos 052

...Menos 051

...Menos 050

...Menos 049

...Menos 048

...Menos 047

...Menos 046

...Menos 045

...Menos 044

...Menos 043

...Menos 042

...Menos 041

...Menos 040

...Menos 039

...Menos 038

...Menos 037

...Menos 036

...Menos 035

...Menos 034

...Menos 033

...Menos 032

...Menos 031

...Menos 030

...Menos 029

...Menos 028

...Menos 027

...Menos 026

...Menos 025

...Menos 024

...Menos 023

...Menos 021

...Menos 020

...Menos 019

...Menos 018

...Menos 017

...Menos 016

...Menos 015

...Menos 014

...Menos 013

...Menos 012

...Menos 011

...Menos 010

...Menos 009

...Menos 008

...Menos 007

...Menos 006

...Menos 005

...Menos 004

...Menos 003

...Menos 002

...Menos 001

000

Document Outline

- [Página de Rosto](#)
- [Menos 100](#)
- [...Menos 099](#)
- [...Menos 098](#)
- [...Menos 097](#)
- [...Menos 096](#)
- [...Menos 095](#)
- [...Menos 094](#)
- [...Menos 093](#)
- [...Menos 092](#)
- [...Menos 091](#)
- [...Menos 090](#)
- [...Menos 089](#)
- [...Menos 088](#)
- [...Menos 087](#)
- [...Menos 086](#)
- [...Menos 085](#)
- [...Menos 084](#)
- [...Menos 083](#)
- [...Menos 082](#)
- [...Menos 081](#)
- [...Menos 080](#)
- [...Menos 079](#)
- [...Menos 078](#)
- [...Menos 077](#)
- [...Menos 076](#)
- [...Menos 075](#)
- [...Menos 074](#)
- [...Menos 073](#)
- [...Menos 072](#)
- [...Menos 071](#)
- [...Menos 070](#)

- [...Menos 069](#)
- [...Menos 068](#)
- [...Menos 067](#)
- [...Menos 066](#)
- [...Menos 065](#)
- [...Menos 064](#)
- [...Menos 063](#)
- [...Menos 062](#)
- [...Menos 061](#)
- [...Menos 060](#)
- [...Menos 059](#)
- [...Menos 058](#)
- [...Menos 057](#)
- [...Menos 056](#)
- [...Menos 055](#)
- [...Menos 054](#)
- [...Menos 053](#)
- [...Menos 052](#)
- [...Menos 051](#)
- [...Menos 050](#)
- [...Menos 049](#)
- [...Menos 048](#)
- [...Menos 047](#)
- [...Menos 046](#)
- [...Menos 045](#)
- [...Menos 044](#)
- [...Menos 043](#)
- [...Menos 042](#)
- [...Menos 041](#)
- [...Menos 040](#)
- [...Menos 039](#)
- [...Menos 038](#)
- [...Menos 037](#)
- [...Menos 036](#)
- [...Menos 035](#)
- [...Menos 034](#)

- [...Menos 033](#)
- [...Menos 032](#)
- [...Menos 031](#)
- [...Menos 030](#)
- [...Menos 029](#)
- [...Menos 028](#)
- [...Menos 027](#)
- [...Menos 026](#)
- [...Menos 025](#)
- [...Menos 024](#)
- [...Menos 023](#)
- [...Menos 021](#)
- [...Menos 020](#)
- [...Menos 019](#)
- [...Menos 018](#)
- [...Menos 017](#)
- [...Menos 016](#)
- [...Menos 015](#)
- [...Menos 014](#)
- [...Menos 013](#)
- [...Menos 012](#)
- [...Menos 011](#)
- [...Menos 010](#)
- [...Menos 009](#)
- [...Menos 008](#)
- [...Menos 007](#)
- [...Menos 006](#)
- [...Menos 005](#)
- [...Menos 004](#)
- [...Menos 003](#)
- [...Menos 002](#)
- [...Menos 001](#)
- [000](#)